



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

RENATO SOUZA LOPES

AS CONSTRUÇÕES PARTITIVAS EM PORTUGUÊS:
DESSA ÁGUA BEBEREMOS

FORTALEZA

2025

RENATO SOUZA LOPES

AS CONSTRUÇÕES PARTITIVAS EM PORTUGUÊS:
DESSA ÁGUA BEBEREMOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística. Linha de pesquisa: Descrição e Análise Linguística

Orientadora: Profa. Dra. Maria Claudete Lima.

FORTALEZA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- L855c Lopes, Renato Souza.
 As construções partitivas em português : dessa água beberemos / Renato Souza Lopes. – 2025.
 142 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2025.
 Orientação: Profª. Dra. Maria Claudete Lima.
1. partitividade. 2. partitiva adnominal. 3. partitiva adverbial. I. Título.

CDD 410

RENATO SOUZA LOPES

AS CONSTRUÇÕES PARTITIVAS EM PORTUGUÊS:
DESSA ÁGUA BEBEREMOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística. Linha de pesquisa: Descrição e Análise Linguística

Aprovada em: 21/11/2025.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Claudete Lima (Orientadora)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Márluce Coan

Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)

Prof. Dr. Leosmar Aparecido da Silva

Universidade Federal de Goiás (UFG)

Aos meus pais, Christiane e Harley, cujo amor me sustenta.

Aos amigos que me deram apoio para superar esse desafio.

À Clau, minha mãe do coração e bênção na minha vida.

A todos esses que são parte de mim.

AGRADECIMENTOS

À Instituição CAPES, pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa de auxílio. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

À Prof. Dra. Maria Claudete Lima, pela excelente orientação.

Aos professores participantes da banca examinadora, Profa. Dra. Márluce Coan e Prof. Dr. Leosmar Aparecido da Silva, pelo tempo, pelas valiosas colaborações e sugestões.

Saindo do terreno da formalidade para adentrar o do coração, reitero meu agradecimento à Clau, sem a qual, nada disso seria possível. Apenas eu e ela temos a real noção do tanto que ela foi indispensável para que eu conseguisse chegar até aqui. Obrigado pela paciência, pelo tempo, pela generosidade, pela compreensão, pelo cuidado, pelo amor, enfim, por tudo que você fez por mim durante esse processo todo e por tudo que segue fazendo; nós sabemos que não é pouca coisa, e você sabe que eu não esqueço. Espero que você saiba também o tamanho da minha gratidão. Obrigado.

Agradeço também aos meus pais, Harley e Christiane, pelas palavras de consolo e sabedoria e por sempre me apoiarem. Em meus momentos de maior fragilidade, foram a força e o amor de vocês que me mantiveram firme. Obrigado.

Por fim, se algum de meus amigos ler isto aqui, saiba que, ainda que não cite nomes, sua presença ao longo destes últimos anos deixou a caminhada mais leve e agradável; tive sorte de ter vocês comigo nesse percurso. Obrigado.

l(a

le

af

fa

ll

s)

one

l

iness

(e.e. cummings).

RESUMO

A partitividade, que expressa a relação entre um subconjunto e um conjunto maior, é tema pouco explorado em língua portuguesa. Esta pesquisa, calcada em uma abordagem cognitivo-funcional, visa a investigar as construções partitivas em português contemporâneo de modo a caracterizá-las formal, semântica e pragmaticamente. Para isso, utilizamos um *corpus* formado por 10 mil *tweets*, *Portuguese Tweets for Sentiment Analysis (Kaggle)*, dos quais foram coletadas 690 ocorrências. A análise revelou os seguintes resultados: (a) predominam construções partitivas adnominais em relação às adverbiais; (b) o sintagma nominal 1 caracteriza-se por ser um substantivo singular indefinido; (c) o sintagma nominal 2 caracteriza-se por ser um substantivo singular definido que representa uma entidade inanimada e evocada; (d) partitivas adverbiais caracterizam-se por apresentar predominantemente verbo de processo relacional; (e) o estatuto informacional dos sintagmas nominais das partitivas é mais frequentemente dado; (f) as construções com sentido de extração e destaque qualitativo são as prototípicas e as com sentido de totalidade, as menos prototípicas. Tais resultados mostram a contribuição deste estudo para a descrição das construções partitivas em português calcada em dados reais.

Palavras-chave: partitividade; partitiva adverbial; partitiva adnominal.

ABSTRACT

Partitivity, which expresses the relationship between a subset and a larger set, is a topic that has been little explored in the Portuguese language. This research, based on a cognitive-functional approach, aims to investigate partitive constructions in contemporary Portuguese in order to characterize them formally, semantically, and pragmatically. To this end, it used a corpus of 10,000 tweets, *Portuguese Tweets for Sentiment Analysis (Kaggle)*, from which it collected 690 occurrences. The analysis revealed the following results: (a) adnominal partitive constructions predominate over adverbial ones; (b) nominal phrase 1 is characterized by being an indefinite singular noun; (c) nominal phrase 2 is characterized by being a definite singular noun that represents an inanimate and evoked entity; (d) adverbial partitives are characterized by predominantly presenting a relational process verb; (e) the information-status of the nominal phrases of the partitives is most frequently given; (f) constructions with a sense of extraction and qualitative emphasis are the most prototypical, and those with a sense of totality are the least prototypical. These results show the contribution of this study to the description of partitive constructions in Portuguese based on real data.

Keywords: partitivity; adverbial partitive; adnominal partitive.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Esquema e instanciação.....	25
Figura 2	Distinção tipo e instância.....	27
Figura 3	Diferença entre anáfora referência e anáfora-tipo.....	28
Figura 4	Sistema da disposição de quantidade (Talmy, 2006).....	31
Figura 5	Representação de uma construção partitiva, segundo Jackendoff (1977).....	54
Figura 6	Esquemas do significado de <i>of</i>	63
Figura 7	Estrutura da construção de unitização de uma massa, segundo Langacker (2008).....	65
Figura 8	Composição conceptual de <i>a maioria dos manifestantes</i>	68
Figura 9	Escala de partitividade.....	129
Gráfico 1	Grau de individuação do SN2	95
Gráfico 2	Frequência do sentido da construção	98
Gráfico 3	Substantivos mais comuns no SN1.....	100
Gráfico 4	Frequência de Definitude em relação ao sentido da construção.....	120
Quadro 1	Tipologia das construções partitivas em português.....	52
Quadro 2	Código Python para filtragem dos dados.....	76
Quadro 3	Definitude do SN1.....	108
Quadro 4	Propriedades prototípicas das construções partitivas, conforme o sentido da construção.....	127

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	~	Frequência de ocorrências por <i>corpus</i>	90
Tabela 2	~	Tipos de processos nas partitivas adnominais.....	94
Tabela 3	~	Estatuto informacional do SN2.....	96
Tabela 4	~	Classe do SN1 nas adnominais.....	100
Tabela 5	~	Definitude do SN1.....	105
Tabela 6	~	Cruzamento das variáveis definitude e classe do SN1.....	106
Tabela 7	~	Tipos de processo nas construções adverbiais.....	109
Tabela 8	~	Cruzamento das variáveis tipo de partitiva e classe do SN2.....	111
Tabela 9	~	Cruzamento das variáveis sentido da construção e classe do SN2.....	115
Tabela 10	~	Cruzamento das variáveis definitude do SN2 e tipo de partitiva.....	118
Tabela 11	~	Cruzamento das variáveis definitude e sentido da construção.....	118
Tabela 12	~	Cruzamento das variáveis animacidade e tipo de partitiva.....	122
Tabela 13	~	Cruzamento das variáveis animacidade e sentido da construção.....	122
Tabela 14	~	Cruzamento das variáveis estatuto informacional e tipo de partitiva.....	123
Tabela 15	~	Cruzamento das variáveis estatuto informacional e sentido da construção.	124
Tabela 16	~	Cruzamento das variáveis individuação do SN2 e tipo de partitiva.....	125
Tabela 17	~	Cruzamento das variáveis individuação do SN2 e sentido da construção...	125

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	PRINCÍPIOS TEÓRICOS	20
2.1	A visão integrada da língua	20
2.2	Escalaridade e prototipia	21
2.3	Noção de gramática	22
2.3.1	<i>O conceito de construção</i>	22
2.3.2	<i>Tipo e instância</i>	26
2.4	Noções semânticas gramaticalmente especificadas	29
2.5	Transitividade e tipos de processo	31
2.6	Estatuto informacional do referente	33
2.7	Definitude	34
3	PARTITIVIDADE: CONCEITO E TIPOLOGIA	37
3.1	Noção de partitividade	37
3.2	Tipologia	42
3.2.1	<i>A tipologia de Falco e Zamparelli</i>	43
3.2.2	<i>Os sentidos da construção partitiva</i>	46
3.2.3	<i>Uma tipologia para as construções partitivas</i>	49
4	ESTUDOS SOBRE PARTITIVIDADE NA LINGUÍSTICA	53
4.1	O tratamento formal da partitividade	53
4.2	A partitividade conforme a linguística baseada no uso	57
4.2.1	<i>A partitividade numa abordagem tipológica</i>	58
4.2.2	<i>A partitividade numa abordagem cognitiva</i>	61
4.3	A partitividade numa perspectiva histórica	68
5	METODOLOGIA	73
5.1	Do método de abordagem e de procedimento	73

5.2	Das fontes dos dados	73
5.2.1	<i>O primeiro corpus Discurso & Gramática</i>	73
5.2.2	<i>O banco Portuguese Tweets for Sentiment Analysis</i>	74
5.2.3	<i>O corpus de referência: Corpus do Português</i>	74
5.3	Procedimentos de coleta	75
5.3.1	<i>Coleta dos dados no D&G</i>	75
5.3.2	<i>Coleta de dados do banco Portuguese Tweets for Sentiment Analysis</i>	75
5.3.3	<i>Coleta dos dados no Corpus do Português</i>	76
5.3.4	<i>Problemas na coleta de dados</i>	77
5.3.5	<i>CrITÉrios de inclusão e exclusão</i>	78
5.4	Categorias de análise	82
5.4.1	<i>Variáveis ligadas ao SN1</i>	82
5.4.2	<i>Variáveis ligadas ao SN2</i>	84
5.4.3	<i>Variável ligada ao processo nas adverbiais</i>	87
5.4.4	<i>Variáveis ligadas  construo</i>	87
5.5	Instrumentos	89
6	AS CONSTRUÇÕES PARTITIVAS NO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO	90
6.1	Dados gerais	90
6.2	Exame dos dados	91
6.2.1	<i>Propriedades do SN2</i>	91
6.2.1.1	<i>A classe do SN2</i>	91
6.2.1.2	<i>A individualizao do SN2</i>	94
6.2.1.3	<i>O estatuto informacional do SN2</i>	96
6.2.2	<i>O sentido da construo</i>	97
6.2.3	<i>Propriedades do SN1</i>	99

6.2.3.1	<i>A classe do SNI</i>	99
6.2.3.2	<i>A definitude do SNI</i>	104
6.2.4	<i>O tipo de processo nas adverbaís</i>	109
6.2.5	<i>A relação entre as variáveis</i>	111
6.3	Síntese dos resultados	126
7	CONCLUSÃO	131
	REFERÊNCIAS	136

1 INTRODUÇÃO

Cotidianamente, é comum que precisemos expressar a não inteireza de determinadas coisas por variados motivos. Por exemplo, quando não se quer fazer uma generalização, como em *alguns dos meus colegas me dão nos nervos*, quando é necessário especificar uma quantidade em relação a um grupo, tal qual em *três dos meus colegas vieram me visitar*, ou mesmo quando um objeto é apenas parcialmente afetado por uma ação, como em *ele comeu do bolo, mas ainda sobrou bastante*.

As estruturas acima destacadas em negrito realizam um tipo específico de quantificação, que Radden e Dirven (2007) chamam de *quantificação partitiva*, a qual se diferencia da quantificação ordinária ou não partitiva por estabelecer uma relação entre um conjunto, concebido enquanto um todo, e um subconjunto, que representa uma fração desse todo. Nesse sentido, uma construção fruto de uma quantificação não partitiva, como *muitos soldados* se distingue de *vários dos marinheiros* porque, neste caso, faz-se uma referência clara a um grupo restrito (*os marinheiros*), que se relaciona com uma parte sua (*vários*), enquanto, em *muitos soldados*, não há um superconjunto explícito e, portanto, esse tipo de relação não é estabelecida, ao menos, de forma saliente.

Quando se fala da noção que, nas línguas naturais, expressa um subconjunto de um conjunto mais abrangente, estamos falando de *partitividade*. Esse é um conceito que, tal como afirma Hoop (2003, p. 179), desempenha um papel importante no entendimento da categoria de aspecto verbal¹ e de nomes massivos e contáveis. Manifesta-se de diversas maneiras, dentre as quais, há os marcadores de caso partitivo presentes em finlandês e em estoniano (Huumo, 2020; Metslang, 2014); o caso genitivo, que, em latim e russo, pode assumir valor partitivo (Paykin, 2014; Seržant, 2015; Heusinger e Kornflit, 2021), e construções formadas com o artigo partitivo, o qual, em italiano e francês, pode, inclusive, ser substituído por pronomes de valor partitivo (Ihsane, 2020; Giusti, 2021). Os exemplos (1-3) ilustram algumas dessas expressões da partitividade: o genitivo partitivo em latim (1), a construção com artigo partitivo em italiano (2) e o pronome partitivo em francês (3).

(1) Septimus atque ultimus regum.

sétimo e último reis_{gen.}

“O sétimo e último dos reis”. (Ravizza, s/d, p. 227)

¹ Há diversas abordagens acerca do tema, dentre elas a de Travaglia (2016), segundo o qual, aspecto verbal é uma categoria não dêitica que faz referência à duração ou às fases de uma dada situação. Conforme o autor, o sujeito ou o complemento do verbo podem influenciar o aspecto verbal expresso, por exemplo, em “cada aluno da classe bateu o sino”, a individualização de cada componente da classe atribui iteratividade (Travaglia, 2016, p. 274).

(2) Ho visto delle ragazze.

tenho visto das meninas

“Vi (algumas) meninas”. (Giusti; Sleeman, 2021, p. 25)

(3) J’en ai acheté un.

eu PRON.PART. comprei um

(Deles) comprei um. (Sleeman; Ihsane, 2021, p. 206)

Quanto às línguas neolatinas, em especial, o francês e o italiano, muito se tem produzido a fim de melhor compreender a partitividade a partir de sua comparação. Carlier e Lamiroy (2014), por exemplo, discutem o partitivo românico, argumentando que o espanhol, o italiano e o francês representam graus distintos de gramaticalização da preposição latina *de* em direção a um artigo partitivo. As autoras mostram que, em espanhol, o processo de gramaticalização parou no sentido partitivo da preposição, enquanto em italiano e francês o processo avançou.

Outro trabalho de viés comparativo é o de Schurr (2020), que se debruça sobre marcadores de indefinição: nomes nus (*bare nouns*) e artigos partitivos (*partitive articles, PA*), que, em línguas românicas, parecem ter uma relação mutuamente excludente, estando os nomes nus mais presentes nas línguas sulistas, como o espanhol e o português, enquanto os *PA* teriam seu uso restrito a línguas nortenhas, como o italiano e o francês. Os autores correlacionam essa divisão com outra, a do *PA* e a marcação diferencial de objeto (*direct object marking, DOM*), os quais também se distribuem de forma exclusiva em línguas nortenhas para o *PA* e em línguas sulistas para o *DOM*. O estudo busca, numa abordagem sincrônica, fazer um mapeamento dessas categorias em línguas românicas e, numa abordagem diacrônica, identificar como e por que tais categorias emergiram, por um lado, no francês e no italiano e, por outro, no espanhol e no português, de forma mutuamente excludente.

A despeito de os trabalhos citados abordarem línguas românicas, a língua portuguesa é raramente abordada com profundidade. Carlier e Lamiroy (2014) não fazem sequer uma observação sobre o partitivo em português, nem mesmo no português arcaico, restando-nos especular se suas considerações sobre o espanhol se aplicam à língua portuguesa, ou seja, se teríamos não um artigo partitivo propriamente dito, mas apenas um sentido partitivo residindo na preposição “de”. Em Schurr (2020), a língua portuguesa atual só é mencionada diretamente em duas tabelas, no apêndice do trabalho. No corpo do texto, sua presença se

manifesta apenas inferida pelo hiperônimo *Ibero-Romance*, que, na verdade, é utilizado mormente para testar a hipótese de separação norte-sul, sem maiores conclusões para o português.

Portanto, em se tratando de trabalhos sobre língua portuguesa, o tema partitividade não parece despertar muito interesse, de modo que a maioria das gramáticas nem sequer menciona os termos *partitivo* ou *partitividade*, excetuando-se poucos casos. Ao consultar a gramática pré-NGB de Nascentes (1949), vemos que, a respeito desse tema, o autor tece apenas um curto comentário sobre frases como “Dessa água não beberei”, assumindo ser uma oração com complemento partitivo similar ao do francês (Nascentes, 1949, p. 35).

Já a gramática de Bechara (1999) dedica uma curta subseção ao artigo partitivo, quando trata da classe dos artigos. O autor afirma que tal forma era mais comum em sincronias passadas da língua, usada para expressar a relação parte-todo entre substantivos concretos, indicando que “eram apenas considerados nas suas partes ou numa quantidade ou valor indeterminado, indefinido” (Bechara, 1999, p. 161), citando como exemplo “Não digas desta água não beberei”. Para ele, o artigo partitivo se encontra praticamente banido no português hodierno, restringindo-se, principalmente, aos verbos “comer” e “beber”, como em “Em frente da senhora, comeu de um e bebeu do outro” (05/05/2018, *Expresso*)². No entanto, ao falar do pronome “algo” e da expressão “alguma coisa”, cita que, quando utilizado com significado quantitativo, facilita o surgimento da estrutura DE (valor partitivo) + Adj., como em “Não há **algo de novo**”, “Apresento-lhe estas desculpas que têm **algo de engraçadas**” e “De repente saíram umas ideias **alguma coisa de ridículas**” (Bechara, 1999, p. 194). Além disso, ao tratar de concordância verbal, cita pronomes de sentido partitivo, como *quais*, *quantos*, *algumas*, *nenhum*, *muitos*, *poucos*, que podem ser seguidos de DE ou DENTRE + SN, como em “[...] *Quais de vós sois*, como eu, desterrados no meio do gênero humano?” e “*quantos dentre vós estudam* conscienciosamente o passado?” (Bechara, 1999, p. 560).

Outro autor que cita o termo partitivo é Pestana (2013) ao tratar dos substantivos coletivos, que para ele se subdividem em coletivos específicos, não específicos e partitivos. Esclarece que estes são “aqueles que indicam a parte de um todo (pessoas, animais ou coisas); também vêm especificados por uma expressão ‘de + alguma coisa’: ‘parte, porção, metade, maioria, minoria’” (Pestana, 2013, p. 182). São casos como “A MAIORIA dos adolescentes faz por onde”, “Eu teria perdido minha porção do dia” e “Saiu a primeira parte do meu papo com o Rodrigo Lima”.

² Retirado do Corpus do Português.

Mesmo gramáticas descritivas não parecem dedicar-se de modo direto ou detalhado ao fenômeno. Castilho (2020), por exemplo, faz apenas três menções ao que chama de partitivo, sem oferecer nenhuma definição do termo. Quando trata de substantivos quanto ao traço contável ou não-contável, afirma que apenas os não-contáveis aceitariam partitivo, citando, como exemplos, “*beber do leite*” e “*comer do açúcar*”, ao passo que, “**ler do livro*” não seria possível, visto que *livro* é contável (Castilho, 2020, p. 468). A segunda menção se dá quando descreve quantificadores indefinidos e elenca certos sintagmas nominais de valor indefinido que são seguidos de partitivo, sem esclarecer o que exatamente entende do termo. Como exemplos, apresenta: “*a maior parte de*”, “*uma série de*”, “*a maioria de*”, “*um tanto de*”, “*um montão de*” e “*uma porção de*” (Castilho, 2020, p. 507), fazendo-nos acreditar que o autor concebe como partitivo nesse contexto o sintagma preposicional introduzido pela preposição *de*. Castilho torna a mencionar a palavra “partitivo” quando trata da semântica das preposições, afirmando que ao partitivo subjaz uma operação cognitiva de afastamento em que “de um todo se retirou uma parte, movimentando-a para fora desse todo” (Castilho, 2020, p. 597), dando como exemplos “*Uma delas... uma de/ ah uma das gêmeas*” e “*a natação de todos [os esportes] eu acho que toda a escola devia praticar*”.

Neves (2000) tampouco tece considerações mais elaboradas acerca da partitividade, fazendo-o apenas quando essa noção é pertinente aos elementos que pretende descrever. Ao longo de seu texto, cita termos como “complemento partitivo”, “sintagma partitivo” e “expressão partitiva”. Fala de complemento partitivo como “**complemento de nomes** de valor **numérico (definido ou indefinido)**, como *maioria, parte, metade, dezena, milhão*”, como em *a maioria dos quais* e *a maior parte dos quais*, ou “**complemento de quantificadores**”, como em *alguns dos quais* (Neves, 2000, p. 369-367). “Sintagma partitivo” aparece quando a autora trata da função do artigo definido, podendo aparecer como determinante de um substantivo nos ditos sintagmas, sem maiores especificações a respeito destes, apenas apresentando exemplos como “*beber dO sangue*”, “*comeu dO peixe*” e “*comeu dOS manjares*”. Já “expressão partitiva” é utilizada para se referir ao sintagma preposicional “**de TODOS**”, que, segundo a autora, pode ser complemento de um superlativo relativo ou das palavras “primeiro” e “último”, como em “*Você é o mais justo e o melhor de TODOS os homens*” e “*Nela estuda o ser como ser e o primeiro de TODOS os seres, Deus*” (Neves, 2000, p. 549-550). Em suma, ainda que suas considerações permitam deduzir que Neves admite a existência de expressões, sintagmas e complementos partitivos, cabe a ressalva de que não são suficientemente descritos, assim como o termo “partitivo”, o qual aparece no texto ocasionalmente e de forma assistemática.

Assim como acontece com as gramáticas, há uma escassez de trabalhos na Linguística que abordem a manifestação da partitividade em português. Há aqueles cujo tema não é a partitividade em si, mas sim outro fenômeno que precisa recorrer a essa noção para ser devidamente explicado, como acontece no trabalho de Cerqueira (2009), que se centra na concordância verbal, restringindo-se a pouco mais do que a uma revisão de literatura sobre construções partitivas.

Já aqueles que focam na partitividade em português muitas vezes tratam de aspectos muito específicos, sendo esse o caso do estudo de Prado (2001), no qual a autora se direciona às possibilidades de preenchimento dos sintagmas nominais que compõem a construção partitiva. Vale ressaltar, ainda, que a maioria dessas pesquisas centradas na partitividade são realizadas com um viés formal, como a de Silva e Sivaldo (2011) e até mesmo a da própria Prado (2001), deixando de lado aspectos semânticos, pragmáticos e cognitivos que muito têm a contribuir com a descrição do fenômeno. Por fim, são pouquíssimos os trabalhos baseados na análise de dados reais, o que limita consideravelmente o potencial de descobertas sobre o tema e a própria descrição do fenômeno.

Nesse sentido, com o intuito de contribuir com a descrição do fenômeno em português, nosso objetivo é estudar, quali-quantitativamente, em uma abordagem cognitivo-funcional, as construções partitivas no português contemporâneo, o que envolve tanto construções do tipo [SN de SN] como [V de SN], de modo a caracterizá-las quanto à forma, à função e ao sentido. A abordagem cognitivo-funcional, como modelo baseado no uso, exigirá que partamos de dados reais, diferentemente de boa parte dos trabalhos que se dedicam ao tema, usando o método dedutivo com base gerativa.

Tomaremos como corpus 10.000 tweets, retirados do banco de dados *Portuguese Tweets for Sentiment Analysis (Kaggle)*³, que se encontra disponível na web. A linguagem utilizada nos *tweets*, ainda que escrita, aproxima-se muito da modalidade oral espontânea, o que favorecerá a ocorrência do fenômeno, a nosso ver. Para além desse corpus principal, usaremos ainda o Corpus do Português para avaliação de eventuais hipóteses, considerando a facilidade de consulta, a extensão e a variabilidade desse banco de dados. Buscaremos resposta à seguinte questão central de pesquisa: "Como se caracterizam formal, semântica e discursivo-pragmaticamente as construções partitivas em português?". Esta questão se desdobra nas seguintes:

³ Disponível em: <https://www.kaggle.com/datasets/augustop/portuguese-tweets-for-sentiment-analysis>

- a) Como se caracterizam semântica, pragmática e formalmente os sintagmas da construção partitiva em português?
- c) Que propriedade semântica do verbo favorece a ocorrência de construção partitiva adverbial em português?
- d) Como se distribuem semanticamente as construções partitivas?

Acreditamos que esta investigação, além de uma contribuição direta para a descrição da língua portuguesa, terá potenciais aplicações para o ensino de tal língua e para os estudos de tradução que a envolvam. Desse modo, este trabalho pretende contribuir para a descrição da língua portuguesa em geral e para a descrição da partitividade em português, fenômeno tão pouco explorado.

2 PRINCÍPIOS TEÓRICOS

Neste capítulo, apresentaremos os princípios que regem a gramática cognitivo-funcional, base teórica que norteará nossa proposta de análise e descrição das construções partitivas em português. Trata-se de abordagem que estuda a língua em uso e serve-se de construtos teóricos da Linguística Funcional e da Linguística Cognitiva. Optamos por essa perspectiva por julgarmos a mais adequada para dar conta de uma caracterização ao mesmo tempo formal e semântico-pragmática das construções partitivas em português. Nas seções a seguir, apresentamos alguns princípios que regem essa abordagem, relacionando-os ao nosso objeto de pesquisa, e alguns construtos teóricos que nos auxiliarão na análise.

2.1 A visão integrada da língua

A gramática cognitivo-funcional busca princípios gerais que se aplicam a todos os aspectos da linguagem humana. Propõe uma visão integrada da língua, considerando que as várias áreas da linguagem (fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática) partilham os mesmos princípios de organização.

Há assim uma rejeição à visão modular da linguagem, proposta, por exemplo, pelo modelo teórico de base chomskyana, que assume haver princípios de estruturação diferentes: a sintaxe seria uma área da mente ligada à estruturação de palavras em frases; a fonologia ocupar-se-ia da estruturação de sons em padrões fonológicos de uma dada língua. A visão integrada não ignora que possa ser útil, por motivos práticos, a separação conceitual entre as áreas da linguagem, mas não entende que os subsistemas da linguagem sejam organizados de modo totalmente diferente ou que existam módulos diferentes. Evans (2007) explica a diferença de abordagem a partir da metáfora da fatia do bolo:

então as abordagens modulares são horizontais, no sentido de que pegam uma camada e a estudam internamente — assim como uma fatia horizontal de bolo. As abordagens verticais obtêm uma visão mais rica da linguagem ao pegar uma fatia vertical da linguagem, que inclui fonologia, morfologia, sintaxe e, é claro, uma boa dose de semântica por cima. Uma fatia vertical da linguagem é necessariamente mais complexa em alguns aspectos do que uma horizontal — é mais variada e texturizada —, mas, ao mesmo tempo, oferece explicações possíveis que simplesmente não estão disponíveis a partir de uma perspectiva horizontal e modular (Evans, 2007, p. 4, tradução nossa⁴).

⁴Texto original: “then modular approaches are horizontal, in the sense that they take one layer and study it internally – just as a horizontal slice of cake. in the sense that they take one layer and study it internally – just as a horizontal slice of cake. Vertical approaches get a richer view of language by taking a vertical slice of language, which includes phonology, morphology, syntax, and of course a healthy dollop of semantics on top. A vertical slice of language is necessarily more complex in some ways than a horizontal one – it is more varied and textured

Esse compromisso com a generalização leva a abordagem cognitivo-funcional a concentrar-se no que é comum na linguagem. Os efeitos prototípicos, por exemplo, que, na semântica, dizem respeito a haver exemplos melhores ou piores de determinados referentes de palavras, podem ser aplicados à morfologia, à sintaxe ou à fonologia (Evans, 2007).

2.2 Escalaridade e prototipia

Outro princípio caro à abordagem cognitivo-funcional é a ideia de que as categorias não possuem limites rígidos. Opondo-se a uma visão de categorização com base em propriedades necessárias e suficientes, considera-se que os elementos de uma dada categoria se distribuem em um *continuum*, em que alguns se aproximam mais de um protótipo e outros se afastam, mas ainda pertencem à mesma categoria. Nesse caso, ao invés de partir de uma classificação estanque das construções partitivas, excluindo da categoria construções como as chamadas *pseudopartitivas*, admite-se que a categoria é formada por membros mais prototípicos, a construção partitiva canônica, e membros menos prototípicos, em que entrariam, por exemplo, a pseudopartitiva e outras construções.

Taylor (1995) destaca que as construções, conforme definidas no item 2.3.1, são categorias prototípicas, no sentido de a possibilidade de ocorrência de dados elementos na sua estrutura ser essencialmente uma questão de grau: alguns estarão disponíveis, outros são excluídos e alguns têm ocorrência duvidosa ou esporádica. Desse modo, segundo o autor, o significado e a forma de uma dada construção precisam ser considerados em termos de casos centrais:

Ambos podem exibir efeitos prototípicos. Uma construção pode ser usada para expressar significados que diferem em maior ou menor grau da especificação central. Da mesma forma, os itens que preenchem os espaços da construção podem divergir da especificação formal do protótipo.

Obviamente, a caracterização de uma construção precisa especificar não apenas o protótipo, mas também a maneira e a extensão do desvio permitido do protótipo. Em outras palavras, o grau de produtividade de uma construção precisa ser declarado como parte de sua caracterização (Taylor, 1995, p. 200, tradução nossa⁵).

– but at the same time it affords possible explanations that are simply unavailable from a horizontal, modular perspective” (Evans, 2007, p.4).

⁵Texto original: “Both may display prototype effects. A construction may be used to express meanings which differ to a greater or lesser extent from the central specification. Similarly, the items which fill the construction slots may diverge from the formal specification of the prototype. Obviously, the characterization of a construction needs to specify, not only the prototype, but also the manner and the extent of permitted deviation from the prototype. In other words, the degree of productivity of a construction needs to be stated as part of its

Uma construção terá, assim, membros mais prototípicos, mais centrais, e membros mais marginais. No caso da construção partitiva, como ficará evidente adiante, membros mais centrais correspondem ao que alguns autores chamam *partitiva verdadeira* ou *partitiva canônica*.

2.3 Noção de gramática

Na abordagem cognitivo-funcional, a gramática é emergente, motivada e simbólica. Por emergente, queremos dizer que a gramática emerge do uso (Hopper, 1987). Ou seja, é nas interações sociais que os significados são construídos (Langacker, 2008) e que novas estruturas podem dar lugar a novos nós no inventário linguístico (Traugott; Trousdale, 2013). Por motivada, afirmamos que as estruturas linguísticas são motivadas pelos princípios de iconicidade (Givón, 1985), que relacionam forma e função/sentido. Por fim, por simbólica, assumimos, com Langacker (2008), que a gramática é o que nos permite construir significados. Nas palavras do autor, a gramática é:

um aspecto essencial do aparato conceitual por meio do qual compreendemos e nos relacionamos com o mundo. E, ao invés de ser um sistema cognitivo distinto e independente, a gramática não apenas é parte integrante da cognição, mas também uma chave para compreendê-la (Langacker, 2008, p. 4, tradução nossa⁶).

Constituída de unidades simbólicas, a gramática é vista como um inventário estruturado de unidades simbólicas: relação bipolar entre estruturas fonológicas (sons, gestos, convenções ortográficas) e estruturas semânticas (conceitualizações, significados). Na subseção a seguir, detalhamos um pouco esta noção, que é central em nosso trabalho.

2.3.1 O conceito de construção

Langacker (2008) afirma que, nas línguas naturais, boa parte das expressões simbólicas que as compõem são de natureza complexa e redutíveis a unidades menores que se organizam entre si conforme certos padrões. Tanto esses padrões quanto as expressões em si

characterization” (Taylor, 1995, p. 200).

⁶ Texto original: “It is thus an essential aspect of the conceptual apparatus through which we apprehend and engage the world. And instead of being a distinct and self-contained cognitive system, grammar is not only an integral part of cognition but also a key to understanding it” (Langacker, 2008, p. 4).

são reconhecidos pelo autor como *construções*, que ele define sucintamente como agrupamentos de *estruturas simbólicas*.

A estrutura simbólica é definida como “o pareamento de uma estrutura semântica (S) e uma estrutura fonológica (P): $[[S]/[P]]_{\Sigma}$ ” (Langacker, 2008, p. 161, tradução nossa)⁷, em que (Σ) representa a estrutura pareada, que, por possuir um polo semântico e outro fonológico, é caracterizada como bipolar. Essas estruturas, enquanto *estruturas componentes*, podem combinar-se umas com as outras indefinidamente, formando *estruturas compostas* com níveis de complexidade cada vez mais altos, assumindo formas como palavras e até discursos.

Os polos de cada estrutura simbólica estão ligados entre si por uma relação de *simbolização* (s), enquanto, nas estruturas compostas, os polos semânticos e os fonológicos de cada estrutura componente se ligam entre si por uma relação de *integração*. Assim, por exemplo, em *verde claro*, podemos fazer a seguinte representação de estruturas componentes formando uma estrutura composta: $[[\text{VERDE}]/[\text{verde}]] + [[\text{CLARO}]/[\text{claro}]] = [[\text{VERDE CLARO}]/[\text{verde claro}]]$. Os termos em maiúsculas e os em minúsculas representam, respectivamente, os polos semântico e fonológico de cada estrutura. As ligações entre [VERDE] e [verde], [CLARO] e [claro] e [VERDE CLARO] e [verde claro] provêm de simbolização, enquanto a união de [verde] e [claro], bem como a de [VERDE] e [CLARO] são fruto de uma integração. Por fim, a relação existente entre cada um dos polos componentes com a estrutura composta, neste caso $[[\text{VERDE CLARO}]/[\text{verde claro}]]$, é uma de *composição*.

Vale ressaltar que as entidades resultantes de composições não são a mera soma das estruturas componentes. A exemplo disso, temos em português o nome *beija-flor*, de estrutura simbólica $[[\text{BEIJA FLOR}]/[\text{beija flor}]]$. No polo semântico, verifica-se de fato uma leitura a partir da adição das propriedades semânticas de cada polo componente: o ato de beijar se une ao objeto flor e provoca a imagem de um ser animado aproximando sua boca ou algo que o valha da planta. Entretanto, não advém dessa junção o fato de que a expressão se refere a um tipo de pássaro pequeno e de bico longo que se alimenta do néctar de flores enquanto bate suas asas em alta velocidade. Na verdade, assim como outras estruturas compostas, *beija-flor* representa uma entidade em si, dotada de propriedades que não se restringem às de suas partes e que não são previsíveis a partir destas. A relação de composição é justamente aquilo que liga as estruturas componentes à sua estrutura composta, na qual, cabe adicionar, as estruturas

⁷ Texto original: “the pairing of a semantic structure (S) and a phonological structure (P): $[[S]/[P]]_{\Sigma}$ ” (Langacker, 2008, p. 161)

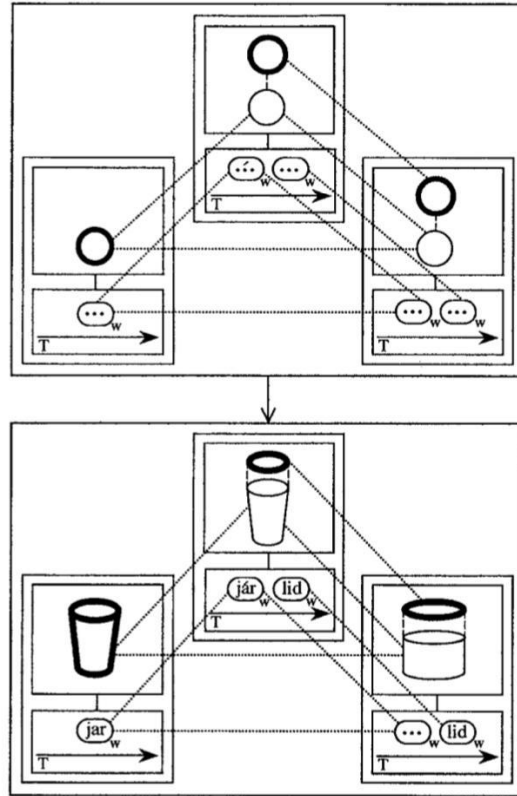
componentes “não são invocadas em si, mas como ‘degraus’ com o propósito de ‘alcançar’ a concepção composta” (Langacker, 2008, p. 165, tradução nossa)⁸.

Retomando o que foi dito no início desta subseção, esses agrupamentos simbólicos, que são na verdade as próprias construções, são concebidos tanto como as expressões em si, ou seja, os agrupamentos específicos, quanto os seus padrões de organização, que são os agrupamentos esquemáticos. Para Langacker, são precisamente esses padrões, que são convencionalmente estabelecidos, os componentes que formam a gramática de uma língua. Sendo construções de caráter relativamente esquemático se comparadas às expressões específicas, o autor opta chamá-las *esquemas construcionais*, que são obtidos pelos falantes por uma abstração ou *esquemáticação* das expressões com que entram em contato ao longo da vida nos vários eventos de uso. Cada esquema aprendido servirá de molde para a produção e a compreensão de novas expressões com as quais o falante se deparar.

Retomando como exemplos os aqui apresentados, em *verde claro* e *beija-flor*, veem-se dois esquemas construcionais distintos, respectivamente: a especificação de um nome pela integração de um nome e um adjetivo, representado pelo esquema [[NOME ADJETIVO]/[nome adjetivo]], como em *carro novo*, *panela quente* e *sapato apertado*; e a formação de um nome a partir da integração de um verbo transitivo direto (VTD) e um nome, com o esquema [[VTD NOME]/[vtd nome]], do qual provêm *guarda-roupa*, *faz-tudo* e *pega-rapaz*. Destaca-se também que a esquematicidade dessas construções pode variar, de modo que do primeiro esquema, por exemplo, podem surgir outros mais específicos, como é o caso do que entra na composição de *verde claro*, em que ocorre a especificação da tonalidade de uma cor pela integração de um nome representando a cor em questão e um adjetivo relativo à luminosidade percebida, seguindo o esquema [[COR LUMINOSIDADE]/[cor luminosidade]]. Cada estágio, desde a construção mais esquemática até a expressão em si (neste caso, *verde claro*), representa graus variados de *instanciação*. Utilizando a construção *jar lid* (tampa de pote) da língua inglesa, Langacker (2008, p. 171) ilustra esse processo com a figura abaixo:

⁸ The component structures are not invoked for their own sake, but as “stepping-stones” for purposes of ‘reaching’ the composite conception” (Langacker, 2008, p. 165).

Figura 1 - Esquema e instanciação



Fonte: Langacker (2008, p. 171)

No processo ilustrado, a expressão *jar lid* instancia o esquema [[NOME NOME]/[nome nome]] da língua inglesa em que um nome é especificado por outro, de modo que um ganha proeminência em relação ao outro, neste caso *jar* (pote) especifica o tipo de tampa à qual a expressão composta se refere. O que definirá qual dos dois nomes será aquele a ganhar proeminência, ou seja, qual será perfilado na relação, é uma característica inerente ao esquema, a especificação de que nesse tipo de construção é o segundo nome que ganha proeminência. Quando uma expressão se instancia de modo a corresponder às especificações de um dado esquema, diz-se que ela passou por um processo de *elaboração*; de forma contrária, se houver desvios nesse sentido, o processo em questão é de *extensão*. As expressões resultantes de cada uma se encontram em uma escala de (a)gramaticalidade, fazendo o autor a ressalva de que desvios com até certo grau de inconveniência são aceitáveis e até comuns, fazendo parte das inovações que emergem nas línguas.

Associando o redigido nesta subseção ao apresentado anteriormente sobre partitividade, pode-se dizer que uma construção partitiva pode ser tanto um esquema construcional que indica partitividade quanto expressões em geral que o fazem, como ficará mais claro nos capítulos 3 e 4.

Desses dois princípios, o compromisso com a generalização e a visão da gramática como uma rede de unidades simbólicas, resulta que a gramática cognitivo-funcional não separa rigidamente léxico e gramática, considerados como formando "uma gradação em vez de serem nitidamente dicotômicos" (Langacker, 2008, p. 20, tradução nossa)⁹. Assim, a gramática cognitivo-funcional ocupa-se tanto de construções que se manifestam como construções totalmente cristalizadas e menos cristalizadas, como *jogo de cintura* e *tomar uma decisão*, respectivamente, como expressões idiomáticas e não idiomáticas, como *levar a ferro e fogo* e *levar ao diretor*, respectivamente (Biderman, 2005).

No campo das construções partitivas, em português, temos construções mais cristalizadas, como *fim de semana*, que forma um todo significativo, adquirindo valor de unidade lexical, e outras menos cristalizadas como *fim de ano* ou *fim de mês*, uma vez que não fazem referência a períodos tão restritos quanto *fim de semana*. Por exemplo, *fim de ano* pode-se referir a períodos variados, como os últimos meses do ano, as últimas semanas, os últimos dias ou até mesmo o dia 31, enquanto *fim de semana* possui uma interpretação mais limitada, restringindo-se exclusivamente aos últimos dois ou três dias da semana. O valor partitivo destas e de outras construções será discutido adiante.

2.3.2 Tipo e instância

Ainda na perspectiva da Gramática Cognitiva de Langacker (2008), cumpre distinguir *tipo* e *instância*, conceitos que auxiliam a compreensão das construções quantificadoras na proposta de Langacker e sobre as quais falaremos na subseção 4.2.2.

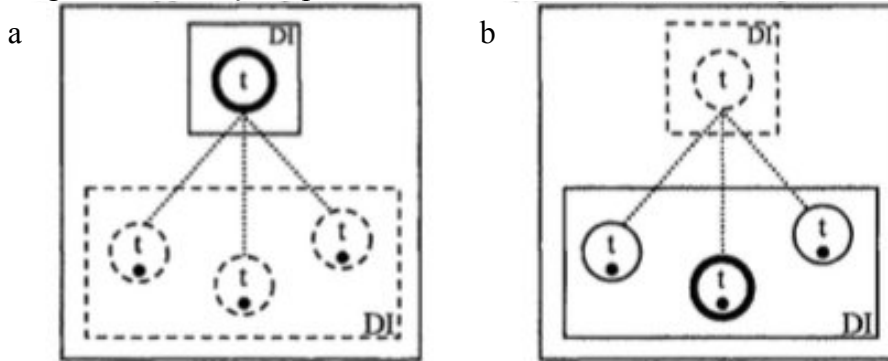
O autor considera que a distinção tipo/instância é o que permite distinguir um nome ou verbo como categorias de um sintagma nominal ou verbal, por exemplo. *Tipo* se refere a coisas ou processos não ancorados no *Ground*, ou seja, o evento de fala: seus participantes, a interação e as circunstâncias imediatas (tempo e espaço, principalmente). Um *tipo* representa a comunalidade de suas instâncias, é, portanto, mais esquemático. Já uma instância representa uma localização particular no domínio da instanciação, que serve para distingui-la de outras instâncias.

A Figura 1, reproduzida de Langacker (2008, p. 268), permite visualizar o contraste entre tipo e instância. Embora tenham o mesmo conteúdo, diferem quanto ao aspecto que cada

⁹ Texto original: "a gradation instead of being sharply dichotomous" (Langacker, 2008, p.20).

um destaca: a comunalidade abstrata ou a multiplicidade em relação a que uma das instâncias é focada como perfil.

Figura 2 - Distinção tipo e instância



Fonte: Langacker (2008, p.268)

Legenda: DI = Domínio da instanciação; t = especificação de tipo; linhas pontilhadas = distintas localizações.

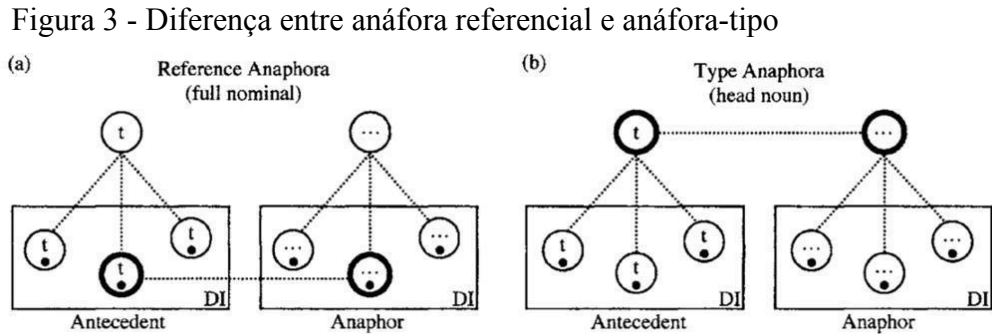
Na Figura 2, observa-se que a grande diferença entre tipo e instância é o fato de que a concepção de um tipo envolve a noção de que ele tem várias instâncias (Figura 2a). O foco é no tipo, como mostram as linhas pontilhadas e a linha mais grossa do círculo com o tipo indica que está perfilado. Por outro lado, a concepção de uma dada instância, representada na Figura 2b com linhas mais grossas, pressupõe outras instâncias do tipo que ela instancia. Noutras palavras, como diz Langacker:

Partindo-se de uma concepção de tipo, a instanciação se resume a conceber a entidade perfilada como ocupando tal localização. Por outro lado, partindo de instâncias, uma concepção de tipo emerge da abstração dessa noção. Portanto, a diferença essencial entre uma concepção de tipo e uma concepção de instância reside no fato de que a primeira suprime (ou pelo menos relega a um segundo plano) a ideia de a entidade perfilada ocupar uma localização particular e distintiva (Langacker, 2008, p. 68, tradução nossa¹⁰).

Partindo da noção de tipo e instância, o autor estabelece dois tipos de anáfora: a *anáfora referencial*, na qual uma entidade previamente instanciada é retomada, e a *anáfora tipo*, na qual se retoma não a instância, mas o tipo, ou seja, as entidades referenciadas não coincidem. É o que acontece, por exemplo, na frase adaptada de Langacker (2008, p. 315), “*Aquele iate é realmente impressionante, mas não tenho dinheiro para comprar nem mesmo um barato*”, em que a primeira menção a *iate* aponta para uma entidade ancorada no *Ground*,

¹⁰ Texto original: “Starting from a type conception, instantiation is just a matter of conceiving the profiled entity as occupying such a location. Conversely, starting from instances, a type conception emerges by abstracting away from this notion. Hence the essential difference between a type and an instance conception is that the former suppresses (or at least backgrounds) the thought of the profiled entity occupying a particular, distinguishing location” (Langacker, 2008, p. 268).

a qual é, portanto, referencial, mas a segunda menção, "um [iate] barato", refere-se apenas ao tipo delimitado pela primeira menção. A correspondência entre *um* e *aquele iate* serve para identificar o tipo, não o referente dos termos. A diferença entre os dois tipos de anáfora é ilustrada na Figura 3, em que t indica um tipo específico e as reticências indicam um tipo mais esquemático.



Fonte: Langacker (2008, p. 315)

Esse tipo de anáfora pode ocorrer em construções partitivas. Assim, na construção destacada em (4), o demonstrativo *essas* expressa a ideia de tipo ao qual pertence a entidade representada pelo primeiro SN. A construção faz, assim, referência a uma instância de um tipo: *uma coisa desse tipo*.

(4) ler **uma coisa dessas** não tem preço!¹¹

Nas seções a seguir, trataremos de alguns aspectos semântico-pragmáticos, que estão envolvidos no fenômeno da partitividade, ou, pelo menos na manifestação de partitividade no português contemporâneo, e podem auxiliar na descrição das construções partitivas, a que pretendemos chegar neste estudo. Trata-se de noções como a de plexidade (Talmy, 2006), os tipos de processo (Halliday, 2004), estatuto informacional (Prince, 1981) e definitude (Givón, 2001), para as quais, dedicamos uma seção específica a seguir.

2.4 Noções semânticas gramaticalmente especificadas

¹¹ Todos os exemplos que forem apresentados daqui em diante, sem indicação de fonte, foram retirados do corpus: *Portuguese Tweets for Sentiment Analysis (Kaggle)*.

A despeito da ideia de continuum entre léxico e gramática, como reconhecem diversos estudiosos (Halliday, 2004; Talmy, 2006; Langacker, 2008), há noções semânticas que tendem a ser manifestas gramaticalmente, enquanto outras tendem a ser especificadas lexicalmente. A noção de cor, por exemplo, costuma ser lexicalmente especificada nas línguas em geral, enquanto a noção de número tende a ser gramaticalmente especificada (Talmy, 2006).

De acordo com Talmy (2006), na interação entre léxico e gramática, ao se tomar uma sentença ou outra porção do discurso, busca-se evocar no ouvinte um determinado complexo experiencial, denominado pelo autor de representação cognitiva (RC). Na formação de uma RC, o subsistema gramatical rege a maior parte da estrutura dele, enquanto o subsistema lexical seria o responsável pela maioria de seu conteúdo.

O autor cognitivista determina que, dos dois subsistemas, é o gramatical que fornece os conceitos pelos quais se constitui o sistema estruturante conceitual fundamental da língua. Segundo ele: “este interlinguisticamente seletivo conjunto de conceitos gramaticais especificados fornece o molde esquemático básico para a organização conceitual no domínio cognitivo da língua” (Talmy, 2006, p. 69, tradução nossa¹²). Talmy propõe uma divisão desses conceitos em quatro categorias distintas: *dimensão*, *plexidade*, *estado de delimitação* e *estado de divisão*.

A categoria *dimensão* separa as entidades espaciais e temporais, conforme sejam contínuas ou discretas. Assim, uma entidade espacial é classificada como *matéria* (por exemplo, *água*), se for contínua, ou como *objeto* (por exemplo, *pedra*), se for discreta. Da mesma forma, uma entidade temporal é chamada de *ação* (por exemplo, *ajudar*), se for contínua, e de *evento* (por exemplo, *chamar*), se for discreta. É válido ressaltar que as noções de tempo e espaço podem-se converter de uma para a outra, de modo que ação/evento pode passar a apresentar-se como matéria/objeto e vice-versa.

A categoria de *plexidade* refere-se à quantidade de elementos semelhantes. Mais especificamente, quando se trata de matéria/objeto, equivale à noção tradicional de número, mas não possui equivalência tradicional quando categoriza ação/evento. Quando a quantidade é unitária, a entidade é tida como *uniplexa* e, quando a quantidade supera o valor unitário, denomina-se *multiplexa*. Há operações cognitivas que podem servir tanto para transformar uma entidade uniplexa em multiplexa (*multiplexização*) quanto para fazer o inverso (*extração de unidade*). Vale ressaltar que há verbos e substantivos que possuem, inerentemente, valor

¹² Texto original: “[...] this cross-linguistically select set of grammatically specified concepts provides the basic schematic framework for conceptual organization within the cognitive domain of language.” (Talmy, 2006, p. 69)

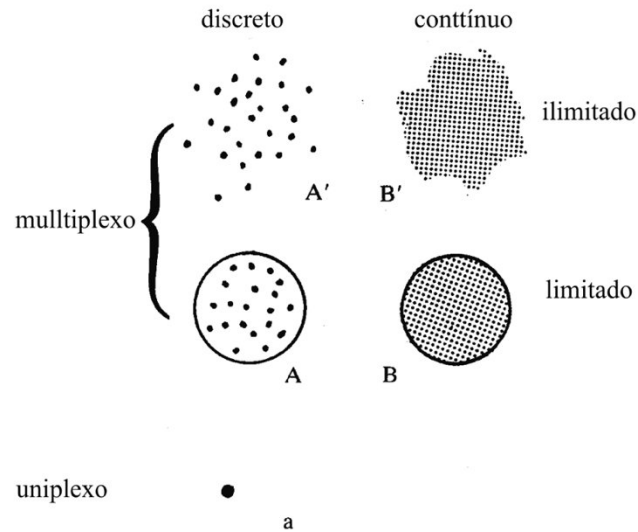
multiplexo ou uniplexo, independentemente, no caso destes, de estarem no singular ou no plural.

Quanto ao estado de delimitação, uma entidade pode ser classificada como *delimitada* quando possui traço intrínseco de finitude, ou seja, quando é tida como unitária ou individuada, enquanto uma entidade *não-delimitada* seria aquela que pode ser vista como indefinidamente contínua, sem limites claros que a permitam ser vista em termos de unidade. Em se tratando de substantivos, essa é a distinção que se faz entre os contáveis (delimitados) e não-contáveis (não-delimitados). No tocante aos verbos, essa diferenciação corresponde aos aspectos perfectivo (delimitado) e imperfectivo (não-delimitado). Esta categoria, assim como as demais, também possui processos cognitivos de conversão: *extração de porção*, quando se delimita uma entidade não-delimitada e *extração de continuidade*, em que uma entidade delimitada passa a ser conceitualizada como não-delimitada.

Por fim, estado de divisão é a categoria que divide entidades entre as classificações de *discreta* e *contínua*, internamente falando, aplicando-se a entidades internamente não-segmentadas, como *água* ou *dormir*. Já aquela se refere a entidades cuja estrutura interna se subdivide, como *carvão* e *respirar*.

Essas quatro categorias formam um sistema de atributos que recebe o nome de *disposição de quantidade*, o qual é pertinente à partitividade, principalmente, devido aos processos de conversão. Os processos de extração de unidade e porção, pelo que o autor ilustra, resultam nas chamadas construções partitivas verdadeiras e pseudopartitivas, respectivamente. Ademais, noções como as de número e nomes massivos e contáveis muito têm a ver com a *definitude* de um nome, noção esta que é cara aos estudos sobre partitividade. Como ilustra a figura 2, a seguir, adaptada do autor (Talmy, 2006, p.84), todos esses atributos se interseccionam. Tais intersecções recobrem termos tradicionais. Por exemplo, formas nominais dos tipos a, A, A' e B' são chamados, segundo o autor, nomes contáveis, nomes coletivos e nomes massivos, respectivamente, e formas verbais dos tipos a e B' são chamados de verbos pontuais e durativos.

Figura 4 - Sistema da disposição de quantidade (Talmy, 2006)



Fonte: adaptada de Talmy (2006, p.84)

Em que pese a importância dos conceitos acima para a compreensão dos componentes de caráter nominal das construções partitivas, ao estudarmos as construções adverbiais, faz-se necessário também compreender e analisar os componentes de natureza verbal, cuja semântica julgamos desempenhar papel importante na formação das construções em questão. O quadro teórico adotado para tal intento será o de Halliday (2004), mais especificamente, recorreremos ao que o autor entende como *transitividade e tipos de processo*.

2.5 Transitividade e tipos de processo

Na teoria hallidayana, além de caracterizar-se como fenômeno que permeia as atividades sociais do ser humano, a linguagem possui o condão de estruturar a experiência humana de modo significativo, capacidade essa a que Halliday chama *metafunção ideacional*, a qual se manifesta na oração graças ao sistema da *transitividade*. Este termo diz respeito ao sistema léxico-gramatical que organiza os eventos dos quais consiste a experiência humana em *figuras* que se articulam a fim de permitir a consolidação e a ordenação de ideias, bem como a reflexão sobre elas (Halliday, 2004, p. 170).

Toda figura, nessa perspectiva, tem como núcleo um *processo* com *participantes* diretamente envolvidos, podendo haver *circunstâncias*, elementos periféricos de caráter opcional que aumentam a oração semântico-formalmente. Dentre os componentes da figura, o mais importante para o sistema da transitividade são os processos, uma vez que ela atua por

meio da esquematização, codificação e segmentação da experiência em tipos de processo, que se dividem em seis: *material, comportamental, mental, verbal, relacional e existencial*.

Processos materiais representam as experiências exteriores ao indivíduo, que se opõem radicalmente às experiências internas, representadas pelos processos mentais. Enquanto o primeiro tipo de processo retrata aquilo que se pode captar pelos sentidos, isto é, aquilo que acontece seja por intervenção humana, seja como mero evento espontâneo, o segundo refere-se a uma espécie de reprodução interna desses acontecimentos somada à possível reação ou reflexão a respeito deles (Halliday, 2004, p. 170). No meio do caminho, encontram-se os processos comportamentais, os quais representam aquilo que, não obstante sua manifestação exterior, denota o que se passa interiormente ou acontecimentos de ordem fisiológica (Halliday, 2004, p. 171). Como exemplos de processos materiais, mentais e comportamentais, podem-se citar respectivamente: “*traz a chupeta*”, “*eu quero mamar*” e “*pro bebê não chorar*”.

A fim de descrever os três outros tipos, faz-se necessário começar pelos processos relacionais. Esses processos, como se pode supor por sua denominação, relacionam uma dada experiência a outra, podendo tanto identificar quanto classificar. A partir deste quarto tipo, podem-se derivar os demais; os verbais são o meio termo entre os relacionais e os mentais, na medida em que dizem respeito a relações de natureza simbólica expressas linguisticamente, enquanto os existenciais encontram-se na fronteira entre os relacionais e os materiais, uma vez que identificam a existência de um participante ou de um acontecimento no mundo (Halliday, 2004, p. 171). Como representantes dos processos relacionais, dos verbais e dos existenciais, seguem os respectivos exemplos: “*se essa rua fosse minha*”, “*eu mandava ladrilhar*” e “*nessa rua tem um bosque*”.

Assim, à guisa de síntese, vale ressaltar que existe uma circularidade subjacente a essa classificação, de modo que, entre os três principais tipos de processo (material, mental e relacional), encontram-se outros três (comportamental, verbal e existencial), que estabelecem uma espécie de transição de um a outro. Halliday (2004, p. 172) aponta que é necessário enxergá-los em termos de continuidade, uma vez que um processo pode gerar certa confusão quanto à sua classificação, possuindo elementos que o deixam em uma zona fronteira, como é o caso do comportamental “*o pior cego é o que não quer ver*”, que se aproxima consideravelmente de um processo do tipo mental por representar mais uma realidade interna que uma externa, sem deixar de conter, no entanto, processos fisiológicos envolvidos.

Para além dessas noções de natureza semântica, parece influenciar o emprego das construções partitivas o estatuto informacional da entidade representada pelo SN seguido de *de*, o qual, em português, tende a ser definido, como em: “*comi do bolo*”, o que denota uma

entidade já conhecida dos falantes. Das variadas propostas de tratamento do estatuto informacional adotaremos a de Prince (1981), apresentada a seguir.

2.6 Estatuto informacional do referente

Prince (1981) destaca a assimetria existente, em diferentes níveis (sintático, discursivo, extralinguístico) a respeito de quão nova ou velha (dada) uma informação pode ser, de modo que um dos fatores passíveis de serem estudados pela ciência da linguagem é a forma como os falantes de uma determinada língua escolhem estruturar tais informações (o que se dá, segundo a autora, por meio das hipóteses que o emissor elabora a respeito das assunções, das crenças e das estratégias do receptor).

A autora elenca três noções de estatuto informacional: *previsibilidade*, *saliência*, e *conhecimento compartilhado*, optando por esta para desenvolver seu trabalho de taxonomia dos valores do que chama de *familiaridade presumida*, que se refere ao estatuto informacional.

A fim de facilitar a apreensão e instrumentalização dos termos propostos pela autora, estes apresentam-se aqui em forma de tópicos:

- a) *entidade discursiva*: semelhante à noção de referente discursivo (Karttunen, 1971, *apud* Prince, 1981), a entidade discursiva representa um indivíduo, uma classe de indivíduos, um exemplar, uma substância etc. No modelo discursivo, aparecem com a forma de SN;
- b) *informação nova*: entidade que acaba de ser introduzida no discurso. Divide-se em informação verdadeiramente nova e informação não utilizada;
- c) *informação verdadeiramente nova*: entidade que é criada no momento em que é introduzida no discurso, ou seja, seu interlocutor não possuía acesso a ela;
- d) *informação não utilizada*: entidade que, apesar de não haver sido previamente introduzida no discurso, estaria ao dispor do interlocutor graças ao seu conhecimento de mundo;
- e) *informação verdadeiramente nova ancorada*: uma entidade verdadeiramente nova que, ao mesmo tempo em que acaba de ser introduzida no discurso, está ligada a uma outra entidade, opondo-se às informações verdadeiramente novas não-ancoradas, as quais não possuem essa ligação;
- f) *entidade evocada*: uma entidade discursiva que se reintroduz no discurso após sua primeira introdução;

g) *entidade textualmente evocada*: entidade que se estabelece pelas informações contidas no próprio texto;

h) *entidade situacionalmente evocada*: entidade que, dada a situação comunicativa, já se encontra à disposição do interlocutor, como se já houvesse sido introduzida no discurso, podendo, inclusive, referir-se aos próprios participantes;

i) *entidade inferível*: entidade que o emissor presume ser acessível ao interlocutor por meio de inferências realizadas a partir da estrutura do modelo discursivo;

j) *entidade inferível contida*: uma entidade inferível que se pode deduzir a partir de sua ligação com outras entidades que aparecem em seu SN.

Por fim, consideramos que, como a própria Prince (1981) destaca, ao estabelecer um modelo adequado ao cruzamento entre formas linguísticas e familiaridade presumida, muito se tem a ganhar para o estudo da sintaxe a partir de uma perspectiva funcional, cujos conhecimentos teriam diversas aplicações em potencial, o que torna tal proposta consideravelmente promissora ao nosso estudo sobre partitividade. Passaremos a apresentar, a seguir, um conceito que muito se relaciona ao de estatuto informacional, o de *definitude*.

2.7 Definitude

Uma ponte que se pode estabelecer entre o estatuto informacional de Prince (1981) e a categoria de *definitude* é a associação que a autora faz entre as entidades dadas e as novas, que tenderiam a serem codificadas, respectivamente, como definidas ou indefinidas, devendo-se considerar a existência de particularidades que fogem a essa tendência, como entidades novas expressando-se como definidas, e entidades evocadas como indefinidas. Vê-se, então, que há mais elementos em jogo, na expressão de definitude, do que o mero estatuto informacional de um item.

Givón (1995, p. 15) cita *definitude e referência* como um dos sistemas gramaticais mais discursivo-pragmaticamente orientados e, em obra posterior (Givón, 2005, p. 97), afirma que tal sistema possui a função de coerência referencial. Destaca Givón (2001, p. 459) que existe uma associação de definitude com acessibilidade e identificabilidade, ao asseverar que definitude é um assunto altamente pragmático e que falantes codificam um referente nominal como definido quando supõem ele seja facilmente identificável ou acessível aos ouvintes.

O que o autor entende como acessibilidade é o referente estar localizado em uma representação mental prévia na mente do ouvinte, podendo este, portanto, alcançá-lo. O falante, então, dispõe de vários recursos gramaticais, de modo a codificar o referente como definido e, assim, ancorá-lo na representação mental do ouvinte. Tal ancoragem pode ser realizada em três

estruturas mentais diferentes, a saber: i. o modelo mental da *atual situação de fala compartilhada*; ii. o modelo mental de conhecimento *genérico-lexical permanente*; iii. o modelo mental do *texto atual*, as quais Givón afirma serem correlatas, respectivamente, aos modelos mentais de *memória de trabalho*, *memória semântica permanente* e *memória de longo prazo permanente*.

As estratégias para tal ancoragem podem variar, estando inclusos nelas o uso de dêixis, o uso de entidades globalmente acessíveis, como referentes culturalmente estabelecidos, e o apelo à anáfora. Após discutir as particularidades de dois casos especiais, o dos nomes próprios e o dos referentes genéricos, o autor chega ao que mais nos interessa, a asserção de que definitude pode ser uma grandeza escalar. Abaixo, reproduzimos alguns exemplos, traduzidos para o português:

- (5) a. O homem que matou Smith era louco.
 (i) Eu sei quem *aquele homem* era, e *ele* era louco
 (ii) *Alguém* matou Smith. Não tenho ideia de *quem* foi, mas *quem* quer que tenha sido, *ele* era louco.
 b. O homem que matou Smith era um carpinteiro louco.
 c. O homem que matou Smith era um carpinteiro louco que passou anos preso antes de escapar.
 d. O homem que matou Smith era um bom amigo meu.
 e. O homem que matou Smith era meu bom amigo Archie. (Givón, 2001, p. 468, tradução nossa¹³).

O exemplo *a* tem as duas acepções logo abaixo e, dentre as duas, a primeira é a mais definida, pois a segunda é não-referencial e, portanto, menos definida. Já os exemplos *b* e *c*, por mais que possuam o mesmo artigo indefinido na sua codificação, diferenciam-se no sentido de o segundo ser mais específico que o primeiro e, portanto, mais identificável e acessível na mente do ouvinte. É o mesmo que ocorre com os dois últimos exemplos, que, por mais que o mero fato de *d* ser indefinido e *e* ser definido já os distinga nesse sentido, no segundo, o falante codifica o referente de modo a reduzir a sua extensão, uma vez que há apenas um “bom amigo Archie”, enquanto há vários candidatos possíveis para “um bom amigo meu”.

A fim de operacionalizar essa gradação escalar, Lima (2009) desenvolveu critérios que deixa implícitos em sua tese, mas que gradam definitude em quatro fatores: i. *altamente definido*, quando codificado com nomes próprios e pronomes de 1^a, 2^a e 3^a pessoas; ii. *definido*,

¹³ Texto original: “a. The man who killed Smith was insane. (i) I know who that man was, and he was insane(ii) Someone killed Smith, I have no idea who, but whoever he may be, he was insane. b. The man who killed Smith was an insane carpenter. c. The man who killed Smith was an insane carpenter who spent years in Mayhem before escaping... d. The man who killed Smith was a good friend of mine. e. The man who killed Smith was my good friend Archie.” (Givón, 2001, p. 468).

quando codificado com nomes comuns definidos; iii. *indefinido*, quando codificado com nomes comuns indefinidos; iv. *altamente indefinido*, quando codificado com pronomes indefinidos.

Como se verá adiante, a definitude, assim como outras categorias já apresentadas acima, deverá entrar em jogo na tentativa de estabelecer um protótipo das construções partitivas em português.

3 PARTITIVIDADE: CONCEITO E TIPOLOGIA

Neste capítulo, tratamos da partitividade e de sua expressão nas construções partitivas. Inicialmente, apresentamos algumas perspectivas acerca da noção de partitividade apresentadas na literatura linguística, para, então, esclarecermos nossa concepção do termo a partir de uma base cognitiva.

Em seguida, realizamos a adaptação de uma tipologia apresentada por Falco e Zamparelli (2019) conjugando forma e sentido, conforme a observação de como as construções partitivas se comportam em português.

3.1 Noção de partitividade

O termo “partitividade” não é de uso corriqueiro. Nos dicionários on-line de uso comum, como os dos websites Wiktionary e Power Thesaurus, o termo e seus equivalentes em inglês e francês, respectivamente, “partitivity” e “partitivité”, apresentam definições idênticas e pouco esclarecedoras: “a qualidade de ser partitivo”. Ao conceituar o termo partitivo, os dicionários de uso comum consultados (Dicio; Aulete Digital; Piberam; Michaelis; DLP), de uma forma geral, convergem por apresentar, dentre as acepções listadas, definições voltadas ao campo da gramática em que o termo em questão se comporta como elemento de expressão da relação de uma parte com um todo, como ilustram os verbetes transcritos a seguir.

PARTITIVO, PARTITIVA: adjetivo

1. que reparte ou separa uma parte do todo

2. gramática diz-se de palavras gramaticais que acompanham geralmente nomes massivos, designando uma parte do todo

artigo partitivo

A preposição *de* pode apresentar um sentido partitivo em certos contextos, como na frase *Não quero daquele bolo*.

3. diz-se dos numerais fracionários como, um quinto, um centésimo (DLP-ACL, 2001, s.v.).

PARTITIVO. sm.

(...)

GRAM Denominação de construções com objeto direto preposicionado que determina uma parte de um todo: O menino bebeu do suco várias vezes (Michaelis, 2015, s.v.).

A mesma convergência se pode ver nos dicionários especializados, que citam elementos como o caso partitivo, o artigo partitivo, o numeral partitivo. O dicionário de Pei e Gaynor (1954), por exemplo, apresenta quatro entradas para o termo: *partitive* (substantivo), *partitive* (adjetivo), *partitive article* e *partitive numeral*.

PARTITIVO: caso em certas línguas fino-úgricas, com o mesmo significado que em inglês com o uso da palavra *some* antes do substantivo, ou em francês com o uso do artigo partitivo (ver).

PARTITIVO: (adj.): que denota divisão ou o resultado de uma divisão.

ARTIGO PARTITIVO: em certas línguas, partícula usada antes de substantivos para indicar que o substantivo é usado para designar uma parte da totalidade do conceito ou objeto a que se refere. (Por exemplo, o de l' no francês *de l'eau*, que significa “um pouco de água”.)

NUMERAL PARTITIVO: numeral que responde à pergunta “*Que fração?*” (Pei; Gaynor, 1954, s.v., tradução nossa¹⁴).

O termo *construções partitivas* é encontrado em Brown e Miller (2013, p. 332, tradução nossa), segundo os quais, denota “[...] parte de alguma entidade ou algo de um conjunto de entidades”.

Dentre os linguistas que investigam o tema, raros são os que se debruçam sobre o conceito de partitividade a fim de traçar definições mais extensas do que uma frase. É esse o caso de Sleeman e Ihsane (2020, p. 767), para as quais partitividade é sucintamente “a relação de uma parte e um todo/conjunto”. Já Ihsane e Stark (2020, p. 607) subdividem o que chamam de partitividade em três “tons”: *partitividade verdadeira*, que é indicação de uma relação entre uma parte e um todo, ou seja, uma subparte especificada ou não de uma substância ou conjunto que sejam definidos, como em *três dos rapazes*; *pseudopartitividade*, que é a referência a uma subparte especificada ou não de uma substância indefinida, como em *uma gota de sangue*, e *indefinitude*, que não possui a relação parte-todo em seu significado, como em *comeu do arroz*. Esses “tons de partitividade” são expressos no que as autoras chamam de elementos partitivos, como o caso partitivo, o caso genitivo de valor partitivo e o artigo partitivo, dentre outros. De modo semelhante, Falco e Zamparelli (2019) estabelecem uma definição do que chamam de “partitividade própria”, a relação entre dois sintagmas nominais em que um deles é necessariamente uma subparte que não equivalha ao todo, e citam uma série de elementos que expressam não só esse tipo, mas outras formas de partitividade, que ficam por explicar.

Dedicando-se um pouco mais à discussão do conceito, Günther (2013) admite sua vagueza, dado o fato de que o termo é trabalhado de diversas maneiras a depender dos autores sem que se detalhe tanto o que de fato envolveria a tal relação “parte de um todo”, de modo que cada trabalho termina por fazer sua própria interpretação do conceito sem o questionar ou

¹⁴ Texto original: “PARTITIVE: A case in certain Finno-Ugric languages, having the same denotation as conveyed in English by the use of the word *some* before the noun, or in French by the use of the partitive article (q.v.).

PARTITIVE: (adj.): Denoting division or the result of a division.

PARTITIVE ARTICLE: In certain languages, a particle used before nouns to indicate that the noun is used to designate a part of the totality of the concept or object meant by it. (E.g., the *de l'* in the French *de l'eau*, meaning “some water.”)

PARTITIVE NUMERAL: A numeral which answers the question ‘What fraction?’ (Pei; Gaynor, 1954, s.v.).

problematizá-lo. Ela apresenta algumas definições, como a de partitividade enquanto a habilidade de um termo aceitar um sintagma preposicional partitivo e a de partitividade enquanto a propriedade daquilo que está própria ou impropriamente incluso em algo. Vale ressaltar que este conceito expande significativamente o que se pode considerar como manifestação de partitividade, estando inclusos casos de elipse nominal, em que se pode depreender a relação contextualmente (e.g. *tinha **quatro livros**, mas perdi **um***), ou mesmo processos de quantificação simples, nos quais o referente do nome quantificado é compreendido como um subconjunto de uma classe de objetos, classe essa representada pelo próprio nome. Günther advoga em favor da necessidade de adotar um conceito semântico de partitividade em detrimento de um sintático, mantendo a ressalva, porém, de que um conceito tão abrangente quanto o apresentado pode gerar problemas, como a equivalência entre partitividade e quantificação, bem como modificação intersectiva.

Com isso, fica claro que, com um conceito tão vago e tão diversamente empregado, várias serão as compreensões do que pode figurar como elemento partitivo e, portanto, como construção partitiva. É nesse contexto que pretendemos apresentar nossa contribuição.

Partindo de uma visão cognitiva do tema, entendemos que a partitividade e, por consequência, as construções partitivas estão envolvidas em operações de conversão na conceitualização de entidades conforme o que expusemos do proposto por Talmy (2006), a saber, operações cognitivas que envolvem as categorias de plexidade e estado de delimitação. Com isso, o que ocorre é uma representação de uma entidade por meio da associação de dois termos, um servindo de base para o ancoramento do outro. Verificam-se essas considerações a partir dos seguintes exemplos:

- (6) Iniciaram-se as aulas e eu conversando com **uma de minhas colegas**, fui questionada se era aquela pessoa do tal dia e patati patata. (D&G-RG-Inf.02-PtE-NEP-Oc.01)
- (7) Uma amiga minha me contou que conheceu um cara na formatura da engenharia **num sábado desses**. (D&G-RG-Inf.02-PtE-NR-Oc.01)
- (8) Se reconheceres **alguns destes sinais** na tua própria relação, então parabéns!

Nas ocorrências acima, observa-se que esse ancoramento se dá pela união de dois elementos de natureza substantiva mediante a preposição *de*, formando uma estrutura que

representaremos de forma esquemática como SN de SN. Cada um dos elementos representados pelo primeiro sintagma recorre à sua associação ao segundo sintagma para a instanciação da entidade representada: (6) *uma* recorre a *minhas colegas*; (7) *um sábado* recorre a *esses*; (8) *alguns* recorre a *estes sinais*. Nos dois primeiros exemplos, ocorre o que Talmy (2006) reconhece como uniplexização, uma operação de conversão que permite uma entidade ser concebida como uniplexa a partir de outra multiplexa, e o elemento gramatical que viabiliza essa transformação é de natureza complexa em contraposição a outros mais simples, como desinências. Tal elemento seria justamente a construção SN de SN, a qual chamaremos de construção partitiva. Entretanto, a partir do que se pode observar em ocorrências como a terceira acima, reconhecemos a necessidade de extrapolar o proposto por Talmy.

Enquanto, nos dois primeiros exemplos, uma entidade de natureza multiplexa abre margem para a conceitualização de uma entidade uniplexa, isto é, unitária, no terceiro ocorre a associação de dois termos multiplexos na mesma estrutura que permite a uniplexização. De fato, paradigmaticamente, o termo *alguns* poderia ser substituído por outros como *um*, *muitos* e *a maioria* sem prejuízo semântico para a estrutura. O que há de comum entre estes exemplos hipotéticos e os reais supracitados é o que chamaremos de *delimitação de plexidade*, operação em que se toma uma entidade como referência para selecionar dos seus elementos aqueles que serão representados no discurso. Em outros termos, pode-se dizer que a delimitação de plexidade é a contraposição de um subconjunto a um superconjunto, vindo daí a noção de parte de um todo, a partitividade. Nesse sentido, o processo de uniplexização seria um subtipo dessa que entendemos ser uma operação de conversão mais abrangente, na qual qualquer quantidade pode ser representada, seja ela unitária como nos casos de *uma de minhas colegas* e *um sábado desses*, seja ela multiplexa, como em *alguns destes sinais*. Quanto à noção de parte de um todo, faz-se necessário, entretanto, traçar algumas observações.

Para melhor estabelecer o que compreendemos como parte de um todo, ou seja, o que consideramos partitividade, precisamos explicitar o tipo de relação que deve existir entre o superconjunto e o subconjunto de modo a considerá-la partitiva; necessitamos explicar o que entendemos como parte homogênea ao todo e parte heterogênea ao todo. Esta estaria representada justamente no tipo de construções que não almejamos analisar, que se manifesta em construções como as que expomos a seguir:

(9) Esconderijo foi encontrado após retirada de **uma parede da biblioteca**. Nos **calabouços da biblioteca do Museu Politécnico** foi encontrado um verdadeiro

tesouro – um depósito secreto de livros e revistas antigos (Exemplo extraído da web).

Observando as construções *uma parede da biblioteca, os calabouços da biblioteca do Museu Politécnico e a biblioteca do Museu Politécnico*, vê-se que *uma parede, os calabouços e a biblioteca* são partes que compõem, respectivamente, *a biblioteca, a biblioteca do Museu Politécnico e o Museu Politécnico*, de modo que, em certo sentido, os elementos à esquerda seriam todos partes de *o Museu Politécnico*, correspondente ao todo.

Todavia, para os fins deste trabalho, mantendo-nos em consonância com a maior parte dos outros produzidos sobre o tema, não as incluiremos pelo fato de os todos em questão não serem constituídos de partes equivalentes entre si. Tomando o exemplo acima como ilustração, uma biblioteca não é composta exclusivamente de paredes, nem de calabouços, da mesma forma que, para compor um museu, não basta um amontoado de bibliotecas. É preciso existir, portanto, uma relação de proporcionalidade, de modo que as partes sejam homogêneas ao todo, ou seja, que as partes (subconjuntos) sejam em certo sentido equivalentes entre si e formem um todo (superconjunto) homogêneo. Nesse sentido, consideramos *um aluno da turma* como partitiva, visto que *turma* é uma entidade que pode ser concebida como constituída apenas de alunos, enquanto descartamos *os dedos da mão* por perfilar uma entidade que, apesar de configurar como parte, não é homogênea ao todo.

Ainda sobre os tipos de relação entre o subconjunto e o superconjunto, cabe mencionar os efeitos da definitude do superconjunto sobre a partitividade nos termos que estamos propondo. Em trabalhos como o de Seržant (2021a) e Hoop (2003), defende-se que não existe uma relação de parte de um todo quando este é indefinido, de modo que, nesses casos, ocorreria um processo de quantificação simples em vez de um que verdadeiramente indique partitividade, ainda que possuam a mesma estrutura, SN de SN. Contudo, não acreditamos que a (in)definitude, que concebemos em termos escalares, torne necessariamente inviável o estabelecimento de uma relação entre uma parte e um todo. Propomos o seguinte exemplo para ilustrar:

(10) [...] o sangue perde **um pouco da água** de sua composição [...] (Exemplo extraído da web)

(11) Para se fazer um arroz para 4 pessoas é necessário uma panela meia grande, **2 xícaras de arros**, óleo. **um pouco de sal**, coloca-se **3 xícaras de água** [...]. (D&G-RG-Inf.10-Pt.E-RP-Oc.01~03)

Em todos esses exemplos, ocorre o que Talmy (2006) denomina, extração de porção, processo no qual uma entidade não delimitada é utilizada como referência para a instanciação de uma entidade delimitada; desse modo, *as quantidades*, *um pouco* e *3 xícaras* delimitam cada uma das instâncias de água, assim como *2 xícaras* e *um pouco* delimitam, respectivamente, arroz e sal. Argumentamos que esses elementos cujas porções foram extraídas também representam, cada um, um todo multiplexo que passa pelo que chamamos de delimitação de plexidade na construção. Adotamos tal ponto de vista por considerarmos que, nos exemplos trazidos a esta discussão, *água*, *arroz* e *sal*, ainda que possam não corresponder a entidades devidamente destacadas por elementos do *ground* (Langacker, 2008), aproximando-se, portanto, da não referencialidade do *type*, sua relação com o outro SN da construção deixa implícita a ideia de uma delimitação de plexidade ou partição prévia. Em outras palavras, *2 xícaras*, *3 xícaras* e *um pouco* representam quantidades (partes) extraídas de todos pressupostos, mas não mencionados de arroz, água e sal.

Estabelecido nosso conceito e esclarecido como se aplica às construções que analisamos, resta apresentar nossa visão de como as construções partitivas se manifestam em português. Para tanto, adaptamos uma tipologia que agrupa tais construções conforme seus aspectos formais e semânticos, a qual detalhamos na próxima seção deste capítulo.

3.2 Tipologia

Inspiramo-nos em Falco e Zamparelli (2019), para o estabelecimento de uma tipologia adaptada ao português. No trabalho, os autores apresentam um panorama de estruturas que são frequentemente reconhecidas como partitivas na literatura e trazem uma proposta teórica de abordagem ao tema. Reconhece-se como construção partitiva um sintagma nominal que faz referência a uma subparte ou a um subconjunto de outro referente tipicamente retomado do discurso, a que chamam de *antecedente*. Os exemplos abaixo, adaptados do texto original em inglês, ilustram o pensamento dos autores:

- (12) a. [Vinte alunos] fizeram o teste.
 b. [Dois {deles/dos alunos/desses alunos}] obtiveram nota máxima.

A estrutura inserida nos colchetes de (12a) é chamada de *quantitativo* e serve como antecedente, que é retomado nas estruturas na forma de sintagmas nominais definidos dentro das chaves em (1b). Estas estruturas são conhecidas como *nominais internos*, enquanto seus determinantes recebem nome de *determinantes internos*; o restante da construção, que em (12b) corresponde a *dois*, funciona como núcleo da construção partitiva e chama-se *determinante externo*.

Para alcançar os objetivos de seu trabalho, os Falco e Zamparelli reúnem estruturas que, na literatura sobre o tema, são associadas à partitividade, discutindo seu pertencimento a uma suposta “família partitiva”. Apresentamos a seguir as estruturas abordadas pelos autores, excluindo-se aquelas que não possuem equivalentes em língua portuguesa.

3.2.1 A tipologia de Falco e Zamparelli

As construções denominadas *partitivas canônicas* possuem na posição de determinante externo expressões de quantidade, que em português correspondem a pronomes indefinidos de valor adjetivo, ou a numerais seguidos de um sintagma preposicionado encabeçado pela preposição *de* com um nominal interno definido, podendo ser introduzido por um artigo definido, um pronome demonstrativo ou um pronome possessivo, como se vê no exemplo adaptado abaixo:

(13) Falei com [dois {deles/dos alunos/desses alunos/dos alunos dele}]

Entretanto, há uma restrição quanto a outros nominais definidos na formação dessas construções, uma vez que construções como as destacadas abaixo parecem malformadas:

- (14) a. *Um de ambos os garotos chegou.
b. *Um da maioria dos três garotos chegou.

Também não é permitido que múltiplos núcleos nominais ocupem a posição de nominal interno, ainda que sejam definidos:

- (15) a. *Um destes garoto e garota veio.
b. *Alguns de Tiago, Marcos, Luís e Tom não virão.

Semelhantes às partitivas canônicas, o principal traço distintivo das *partitivas indefinidas* é, como seu próprio nome indica, o fato de seu nominal interno ser indefinido. Embora vá de encontro à conhecida restrição partitiva de que apenas sintagmas nominais definidos podem formar o nominal interno, não parece haver agramaticalidade nos exemplos abaixo:

- (16) a. Ele comeu três de algumas maçãs que encontrou no chão.
 b. João foi um de vários alunos que chegaram atrasados.

O próximo tipo apresentado pelos autores é o que chamam de *partitivas proporcionais e porcentagens*, as quais “[...] expressam um subconjunto em termos de uma proporção do seu total, o que pode se dar de forma bruta [...] ou normalizada, como no caso das porcentagens” (Falco e Zamparelli, 2019, p. 4, tradução nossa¹⁵), sendo (17) e (18), respectivamente, exemplos de forma bruta e porcentagem:

- (17) Metade dos médicos.
 (18) a. 100% dos alunos.
 b. 20% daqueles.

Em ambos os casos, o nominal interno pode conter um substantivo no singular, podendo a ideia de proporção recair sobre uma massa única, como em (19), ou sobre a massa de cada objeto individual representado na construção, como em (17) e (18):

- (19) [Metade/80%] da casa ficou submersa.

Há também as *construções com “dentre”* (*among* no original), também chamadas de *semipartitivas* pelos autores, nas quais o lugar da preposição *de* é ocupado por *dentre*. Nelas, há tanto a possibilidade de o determinante externo aparecer isolado quanto de vir seguido de um substantivo, como se pode ver a seguir:

¹⁵Texto original: “they express the subset in terms of a proportion of its total, which can be given in raw form, or normalized, as in the case of percentages” (Falco; Zamparelli, 2019, p.4).

(20) Vinte alunos fizeram o teste.

Somente [cinco (calouros) dentre todos esses alunos] passaram.

Outro tipo de construção que difere da canônica é a *partitiva superlativa*, que é introduzida por um adjetivo no grau superlativo. Outro diferencial de sua estrutura é o fato de que, enquanto os demais tipos não permitem o uso de artigo definido no determinante externo, o seu emprego é obrigatório nas partitivas superlativas.

(21) Somente [os mais diligentes dos calouros] conseguiram passar.

Os autores classificam como *partitivas de substantivo duplo* aquelas construções possuem um substantivo antecedendo a preposição *de*. Afirmam que, ainda que outros estudiosos questionem a sua gramaticalidade, os vários usos documentados justificam seu reconhecimento enquanto um tipo à parte.

(22) a. Eu só recebi [dois pacotes da encomenda que fiz].

b. Li [dois romances dos livros que você me deu].

Apesar de não formarem uma estrutura sintática como as outras, as *partitivas implícitas*, são citadas como potenciais membros da família partitiva por ainda possuírem o sentido partitivo no enunciado. Os autores propõem que esse tipo de partitiva compartilha com as demais algumas das mesmas propriedades semânticas ou sintáticas, embora deixem por comentá-las em outro trabalho.

(23) [Dez alunos] fizeram o teste.

Dois obtiveram nota máxima.

Bem semelhantes às partitivas canônicas e às partitivas de duplo substantivo, as *partitivas deslocadas* se diferenciam daquelas pelo fato de seu sintagma preposicional se encontrar deslocado, frequentemente anteposto ao determinante externo.

(24) [De todos os alunos que fizeram o teste] só [cinco] passaram.

(25) [Dos livros que você me deu] só li dois romances.

Os autores citam as *partitivas invertidas* como “[...] construções potencialmente relacionadas às partitivas que têm um substantivo entre o determinante externo e a preposição, mas nenhum substantivo dentro do SP” (Falco e Zamparelli, 2019, p. 7, tradução nossa¹⁶). Enquanto o duplo genitivo do inglês, visto como uma partitiva invertida nessa língua, não possui forma correspondente em língua portuguesa, em italiano permite a inversão da partitiva superlativa, a qual, por possuir forma equivalente em português, apresentamos no exemplo adaptado abaixo:

(26) {Dois/*os} rapazes dos menores.

Cabe ressaltar que, ainda que sejam resultantes de uma inversão da partitiva superlativa, estes casos não permitem o emprego do artigo definido.

Por fim, as *pseudopartitivas*, são construções em que, no lugar do determinante externo, há substantivos semifuncionais, como *número*, *dúzia*, *monte* e *tanto*. Já como nominal interno, há um substantivo contável sem determinante e no plural ou um substantivo não contável no singular.

(27) a. Um número de objeções.
b. Uma boa quantidade de dinheiro.

Na tipologia que aqui propomos, fizemos a conjunção dos critérios formais de Falco e Zamparelli a sentidos que pudemos depreender das construções presentes nos dados analisados. Além disso, tivemos de adaptar a classificação acima à realidade da língua portuguesa, uma vez que o trabalho dos autores tomava como referência, principalmente, o inglês e o italiano. A seguir, expomos os sentidos nos quais também se baseia nossa tipologia, para, então, apresentarmos e discutirmos nossa proposta em si.

3.2.2 Os sentidos da construção partitiva

O primeiro dos sentidos que identificamos foi o que denominamos *extração*. Ele está fortemente ligado à origem do sentido partitivo da preposição *de*, o qual, segundo Viaro

¹⁶ Texto original: “[...] constructions potentially related to partitives which have a noun between the external determiner and the preposition but no noun inside the PP” (Falco e Zamparelli, 2019, p. 7).

(1994, p. 104), reside na ideia de afastamento do *de* ablativo. É o sentido que a construção manifesta quando expressa, de modo mais saliente, a ideia da extração de uma parte de um todo. Garzonio e Poletto (2020, p. 623) associam o sentido de extração ao que chamam de *estrutura partitiva verdadeira*, aquela que codifica uma relação parte-todo (partitividade), sendo o todo definido, em contraposição às pseudopartitivas, em que o sintagma que representaria o todo faz, na verdade, referência a um tipo de entidade. Vejamos alguns exemplos:

- (28) a. Esse foi *um dos momentos altos* do debate.
 b. e com *um bocado de esforço* tudo se consegue
 c. [...] trago comigo *resquícios de uma linguagem antiga* [...]

Cabe ressaltar que, ainda que Garzonio e Poletto relacionem a ideia de extração a um todo necessariamente definido, pode-se verificar sua presença em contextos indefinidos como no exemplo (28c), em que *resquícios* faz menção a partes extraídas de um todo, *uma linguagem antiga*.

Embora, para nós, o sentido de extração esteja mais ou menos presente em todas as construções partitivas, estas podem acumular outros, que se sobrepõem a ele. É o caso das construções com *o sentido de quantidade*. Esse é o sentido mais fortemente expresso quando a construção, em vez de enfatizar a relação proporcional entre uma parte e seu todo, denota quantificação simples, como destaca Seržant (2021a, p. 893) ao falar das pseudopartitivas. Em conformidade com o autor, incluímos medidas (*uma xícara de chá*) e quantidades (*um monte de pessoas*) no escopo do que o sentido de quantidade expressa, excluindo apenas a ideia de agrupamento, como em *grupo de pessoas*, por acreditarmos que tal noção não expressa uma quantificação propriamente dita. Abaixo, alguns exemplos de nosso *corpus*:

- (29) a. [...] já usei *um monte de produtos* e nada [...]
 b. Você poderia traduzir "*excesso de malignidade*" em termos populares?
 c. Sarado, seco, com *7% de gordura* [...]

Consideravelmente semelhante ao anterior, o *sentido de totalidade* é o que ocorre quando os conjuntos representados na construção não se diferem entre si ou quando um desses conjuntos é vazio, negando o outro. Estes casos são aqueles que, como Langacker (2008, p. 292) explica, se diferenciam dos demais por não representarem uma quantidade menor que a

extensão máxima do tipo em questão, mas sim uma coincidência entre as quantidades ou o cancelamento dessa mesma extensão. É o que se pode ver nas ocorrências abaixo:

- (30) a. Ele na verdade tem *100% da cela*...
- b. [...] tô aqui no hospital orando p não imobilizarem *nenhuma das minhas pernas* [...]
- c. [...] me sinto bem contando *tudo da vida* [...]

O quarto sentido identificado por nós é o de *destaque qualitativo*, que é predominante quando a construção, em vez de ressaltar a relação parte-todo, dá ênfase a uma qualidade do subconjunto, que frequentemente o distingue do restante. Nos exemplos abaixo, destacamos construções que transmitem mormente esse sentido:

- (31) a. [...] eu sou *o mais quietin desse bonde* [...]
- b. Qual foi *a melhor parte do evento* pra você?
- c. [...] mas é *um frio na barriga dos bons* [...]

O último dos sentidos que utilizamos para embasar nossa terminologia é o de *especificação de tipo*. Esse é o sentido mais saliente nas construções que, em vez focarem em estabelecer uma relação de pertencimento de uma parte a um todo, salientam a inclusão de uma entidade a um tipo. Assemelha-se ao sentido presente no que Yousif (2009, p. 8) chama de *kind-constructions* (construções-tipo), que resultam da combinação de dois substantivos, em que um representa uma classe especial à qual o outro pertence. Abaixo, alguns exemplos de como esse sentido se manifesta nas construções partitivas:

- (32) a. amigo, o meu avô proferiu *uma dessas* e eu so gritei [...]
- b. oi vc podia fazer *outra massagem daquelas* em mim
- c. [...] uma mãe babona não guenta *um sorriso desse* [...]

Estabelecidos os sentidos que guiam nossa classificação, podemos, enfim, apresentar nossa tipologia para as construções partitivas no português. Cabe ressaltar que, como mencionado no início desta subseção, tivemos o trabalho de Falco e Zamparelli (2019) como inspiração, de modo que grande parte da nomenclatura escolhida por nós será reaproveitada daquela elencada pelos autores.

3.2.3 Uma tipologia para as construções partitivas

Retomando o que já discutimos sobre o conceito de construção partitiva, a estrutura esquemática das construções por nós denominadas partitivas é (SN) + de + SN. Chamamos *partitivas canônicas* aquelas que seguem a estrutura SN1 + de + SN2 e possuem o sentido de extração. O SN1 pode ser preenchido por numerais e pronomes indefinidos, enquanto, no SN2, haverá um substantivo definido, um pronome pessoal ou um pronome demonstrativo como núcleo do sintagma. Para nós, o fato de um dos elementos se encontrar deslocado em relação à ordem tradicional não configura critério para impedir que construções com essa característica sejam tidas como partitivas canônicas, visto que essa mudança de ordem não parece acarretar mudanças significativas à caracterização da construção. Seguem abaixo alguns exemplos:

- (33) a. Ter o rosto livre de impurezas é apenas *uma das preocupações* [...]
 b. Se reconheceres *alguns destes sinais* [...]
 c. Quem conheces da tua turma?

Chamamos *partitivas de substantivo duplo* as construções que, da mesma maneira que as canônicas, possuem como principal sentido o de extração e têm, como núcleo do SN2, um substantivo definido, um pronome pessoal ou um pronome demonstrativo. Diferenciam-se por apresentarem um substantivo como núcleo do SN1. A seguir, alguns exemplos:

- (34) a. [...] gosto mais deles do que *da maioria das pessoas* que me rodeiam
 b. [...] *outra parte de mim* é uma múmia preguiçosa
 c. Agr que ia ter bons planos para *o resto da semana* não posso ir

As *partitivas indefinidas*, assim como as canônicas e as de duplo substantivo, também são detentoras do sentido de extração e podem ter, como núcleos do SN1, numerais, pronomes indefinidos e substantivos. O que as distingue é o fato de o SN2 poder conter um substantivo indefinido ou mesmo um pronome indefinido, como se verifica nos exemplos abaixo:

- (35) a. [...] trago comigo *resquícios de uma linguagem antiga* [...]
 b. *um pouco de cada*

c. Essa caneca marca *o início de uma nova jornada*.

Nas *partitivas superlativas*, o sentido predominante é o de destaque qualitativo e o núcleo do SN1 pode ser tanto um substantivo adjetivado quanto um adjetivo, contanto que os adjetivos que compõem o sintagma estejam no grau superlativo. Já o SN2 pode ter como núcleo um substantivo definido, um pronome pessoal ou um pronome indefinido. Cabe destacar que, ao contrário do que ocorre no inglês, nossos dados mostram uma não obrigatoriedade do emprego do artigo definido como determinante no SN1. São exemplos de partitivas superlativas:

- (36) a. [...] *o pior de tudo* é ver isso vindo de uma mulher
 b. Qual foi *a melhor parte do evento* pra você?
 c. *melhor do álbum*

Ainda que acreditemos ser possível a existência desse tipo de construção em português, não encontramos nenhuma ocorrência do que Falco e Zamparelli chamam de partitiva invertida em nosso *corpus*. Há, contudo, dois casos que são similares em termos de estrutura. Possuem como núcleo do SN1 um substantivo indefinido e, como núcleo do SN2, um adjetivo. Seu sentido preponderante é o de destaque qualitativo e sua principal função parece ser a de associar as qualidades de um referente conhecido do ouvinte ao representado pelo SN1. Por esse motivo, optamos por chamá-las *partitivas qualificadoras*. Abaixo, os casos em questão:

- (37) a. [...] *mas é um frio na barriga dos bons* [...]
 b. *fazes bem, não gastes água da boa*

Agrupamos em um mesmo tipo, denominado *partitivas totalizantes*, as construções cujo sentido predominante é o de totalidade. O SN1 contém como núcleo porcentagens, numerais fracionários, pronomes indefinidos com valor universal, os substantivos com valor de totalidade e substantivos determinados por quantificadores universais. Já o SN2 pode possuir como núcleo substantivos definidos ou indefinidos, pronomes pessoais, pronomes demonstrativos, adjetivos ou numerais.

- (38) a. [...] *desejo td de bom* na relação d vcs [...]

- b. [...] para completar *a totalidade da Liga NOS*....
- e. [...] eu não quero fazer *nenhum dos dois*

As *partitivas quantificadoras* manifestam principalmente, como seu nome dá a entender, o sentido de quantidade. No caso do SN1, seu núcleo pode ser tanto um substantivo quanto um pronome indefinido. Quanto ao núcleo do SN2, seu núcleo é um substantivo na maioria das vezes indefinido, com exceção dos casos em que, por metonímia, se emprega um nome próprio. São correspondentes a uma parte do que a literatura denomina pseudopartitivas, designação essa que não adotamos, uma vez que as consideramos pertencentes à categoria de construção partitiva, por sua semelhança estrutural às demais e por compartilharem o sentido de extração, ainda que menos proeminente que o de quantidade, encontrando-se mais afastadas do protótipo. Seguem alguns exemplos de como se manifestam essas construções.

- (39) a. [...] jogaram fora *um monte de bagulho tosco* [...]
 b. tem *quanto de altura*?
 c. O laboratório dela tem *MUITO de Bourdieu* [...]

Chamamos *partitivas tipificadoras* aquelas cujo sentido mais saliente é o de especificação de tipo. Formalmente, caracterizam-se por possuírem, na função de núcleo do SN1, um substantivo, um numeral ou um pronome indefinido, enquanto o SN2 tem como núcleo um pronome demonstrativo, excetuando-se os neutros *isto*, *isso* e *aquilo*. Seguem abaixo alguns exemplos desse tipo de construção:

- (40) a. Só *uma dessas* de presente, já ficaria feliz
 b. [...] tenho *uma pulseira daquelas da vivara* [...]
 c. se eu conseguir *um desses*, não vou precisar [...]

Nossos dados revelaram algumas construções bastante semelhantes às partitivas canônicas, exceto pelas classes de palavras que podem funcionar como núcleo do SN2. Seu sentido principal é o de extração e, quanto à forma, o núcleo de seu SN1 pode ser um numeral ou um pronome indefinido, enquanto o do SN2 pode ser um numeral, um adjetivo ou um pronome possessivo. Chamamo-las *partitivas elípticas* por acreditarmos serem resultantes da possível elipse do substantivo que deveria assumir o núcleo do SN2, como *algumas das minhas*

(músicas) favoritas, algum dos dois (parceiros) e 11 de 30 (pontos), versões alternativas dos exemplos abaixo:

- (41) a. [...] deixo vocês com *algumas das minhas favoritas*
 b. [...] *algum dos dois* é possessivo
 c. [...] Eu marquei *11 de 30*

O Quadro 1 sintetiza a tipologia proposta a ser testada nos dados que serão analisados.

Quadro 1 – Tipologia das construções partitivas em português

TIPO	Sentido da construção	SN1						SN2								
		Forma				sentido		Forma						sentido		
		S	A	N	PI	def	ind	S	A	N	PI	PP	PD	OS	def	ind
Canônica	Extração			+	+		+	+					+	+	+	
Dupla	Extração	+				+/-	+/-	+					+	+	+	
Indefinida	Extração	+		+	+		+	+			+					+
Superlativa	D. qualitativo	+	+			+/-	+/-	+			+	+			+/-	+/-
Qualificadora	D. qualitativo	+					+		+						+	
Totalizante	Totalidade	+		+	+	+/-	+/-	+	+	+		+	+		+/-	+/-
Quantificadora	Quantidade	+		+	+	+/-	+/-	+								+
Tipificadora	Espec. de tipo	+		+	+		+						+		+	
Elíptica	Extração			+	+		+		+	+				+	+/-	+/-

Fonte: o autor.

Legenda: S = substantivo; A = adjetivo; N = numeral; PI = pronome indefinido; PP = pronome pessoal; PD = pronome demonstrativo; PS = pronome possessivo; def = definido; ind = indefinido.

4 ESTUDOS SOBRE PARTITIVIDADE NA LINGUÍSTICA

Com o fim de estudar, quali-quantitativamente, as construções partitivas no português contemporâneo, partiremos de outros estudos sobre o tema, a maioria, como já mencionamos, sobre outras línguas que não o português. De fato, estudos sobre as partitivas em português são raros e limitados a considerações históricas ou vagas, como veremos a seguir.

Na tradição, como mencionamos, os estudos se limitam a comentar alguns poucos usos, geralmente, relacionados a verbos de consumo: *beber do vinho, comer do bolo* (Bechara, 2009). Percebe-se que grande parte dos estudos se centra em línguas cujos elementos partitivos possuem maior destaque, o que poderia explicar o porquê de haver poucos trabalhos que estudam diretamente a partitividade do ponto de vista sincrônico, em português. Mais recentemente, os estudos voltados à partitividade têm-se centrado na comparação interlinguística de conceitos gramaticais, envolvendo um debate entre diferentes quadros teóricos, como o gerativista, o cognitivista e, mormente, o tipológico, como bem observa Tamm (2014, p. 144).

A fim de melhor compreender o objeto em questão, neste capítulo, apresentamos o estado da arte, subdividido em trabalhos conforme sua abordagem. Optamos por nos centrar nas abordagens calcadas no uso, em especial, a cognitiva, uma vez que a nossa é cognitivo-funcional e tratamentos que consideram aspectos semântico-pragmáticos poderão contribuir com a descrição que será conduzida adiante.

4.1 O tratamento formal da partitividade

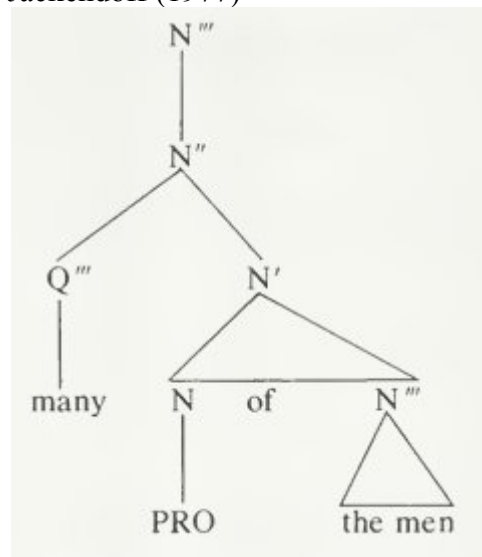
Com o advento da teoria gerativa, as partitivas tornaram-se um fenômeno consideravelmente mais investigado, sendo abordado por diversos estudos importantes nessa linha, tais como os de Klein (1980), Ladusaw (1982), Hoeksema (1996) e Ionin, Matushansky e Ruys (2006), entre outros.

Dentre os trabalhos seminais sobre o assunto nessa perspectiva formalista, podem-se citar, por exemplo, os de Selkirk (1977) e Jackendoff (1977), que contribuíram em muito para o entendimento da estrutura sintática da construção, além de postularem regras para sua formação, como a restrição partitiva, segundo a qual, “Em uma construção de-N” interpretada como uma partitiva, o N” deve ter um demonstrativo ou um especificador genitivo” (Jackendoff, 1977, p. 113, tradução nossa¹⁷). Na visão deste autor, uma partitiva é um “de-

¹⁷ Texto original: “In an of-N” construction interpreted as a partitive, the N” must have a demonstrative or genitive

sintagma” (*of*-phrase) definido, cujo núcleo PRO é uma forma fonologicamente nula com a interpretação de “unidade” ou “quantia”, com *de* (*of* no original) funcionando como um “formativo gramatical transformacionalmente inserido” (Jackendoff, 1977, p. 109) em vez de uma preposição propriamente dita, não constituindo, assim, um SP. A figura abaixo ilustra como se estruturam as construções nessa perspectiva:

Figura 5 - Representação de uma construção partitiva, segundo Jackendoff (1977)



Fonte: Jackendoff, 1977, p. 110)

A partir dessas e de outras considerações presentes nesses estudos influentes, surgiram muitos desdobramentos e mudanças de perspectiva acerca do fenômeno dentro do campo de estudos formais da linguagem. Optamos por nos centrar no texto de Hoop (2003), que já contém em si uma vasta revisão de literatura. Trata-se um minucioso trabalho tratando da correspondência entre as construções partitivas e outros elementos partitivos, como as *pseudopartitivas*, as *partitivas desbotadas* (*faded partitives*) e o *caso partitivo*, excluindo-se as *partitivas nuas* desse rol de elementos.

O primeiro dos tópicos abordados pela autora é a célebre restrição partitiva, eleita pela pesquisadora justamente por ser o principal parâmetro para a distinção entre o que Hoop chama de *construção partitiva ordinária* e os demais elementos partitivos. Nas palavras da autora:

specifier” (Jackendoff, 1977, p. 113).

Construções partitivas ordinárias são bem conhecidas por uma restrição que foi batizada de *Restrição Partitiva* por Jackendoff (1977). A restrição partitiva implica que o sintagma nominal embutido em um partitivo tem de ser definido, i.e., precisa conter um artigo definido, um demonstrativo, ou um possessivo (cf Jackendoff, 1977; Selkirk, 1977). Outros sintagmas nominais fortes, bem como sintagmas nominais fracos são geralmente excluídos dessa posição. (Hoop, 2003, p. 179, tradução nossa¹⁸).

Hoop deixa claro que, embora as partitivas sejam mais conhecidas por tal restrição, nem todo item¹⁹ é adequado para ocupar a posição do sintagma nominal externo. Destaca que não pode se tratar de um determinante (*transitive determiner*), como *the, every, a, no, e my*, sendo tal lugar reservado para vocábulos classificáveis como pronomes substantivos em língua portuguesa, à exceção dos *determinantes indexicais* (pronomes pessoais e demonstrativos).

Voltando ao sintagma nominal interno, a autora, citando Barwise e Cooper, introduz o conceito de *gerador*, que diz respeito justamente ao SN definido que participa da construção partitiva. Um sintagma nominal definido é aquele “para o qual há um conjunto não vazio que é um subconjunto de todos os conjuntos contidos na família de conjuntos que o sintagma nominal denota” (Hoop, 2003, p. 180, tradução nossa²⁰). O gerador é, assim, justamente um subconjunto, seja ele vazio ou não-vazio, de todos os conjuntos de referentes da mesma natureza do nome.

Como exemplos, a autora dá *todos os livros*, cujo gerador são todos os livros que existem, e *estes três livros*, que possui como gerador um conjunto contextualmente especificado de três livros. Entretanto, é necessário que apenas um subconjunto seja elegível para fazer a referência, de modo que *quatro livros e muitos livros* não seriam definidos, justamente por haver um vasto escopo de referentes que eles podem representar. Assim, na oração *três livros estão na cadeira*, os referentes poderiam ser quaisquer três livros e, portanto, *três livros* não poderia ser um SN definido. Já *todo livro* seria indefinido de acordo com esses critérios, uma vez que existe a possibilidade de o gerador representar um conjunto vazio.

Hoop agrega ainda à restrição a contribuição de Ladusaw e Hoeksema, que falam da necessidade de o SN contido no SP ser interpretado como grupo, estando, portanto, excluídos vocábulos com sentido distributivo, como *ambos*, de modo que seria possível *um dos dois*, mas

¹⁸ Texto original: “Ordinary partitive constructions are well-known for a constraint that has been dubbed the Partitive Constraint by Jackendoff (1977). The Partitive Constraint implies that the embedded noun phrase within a partitive must be definite, i.e., it must contain a definite article, a demonstrative, or a possessive (cf. Jackendoff 1977; Selkirk 1977). Other strong noun phrases as well as weak noun phrases are generally taken to be excluded from that position” (Hoop, 2003, p. 179).

¹⁹ A autora usa o termo *determinant* (determinante), que, a nosso ver, não seria adequado por transmitir a ideia de um espaço restrito demais para a posição.

²⁰ Texto original: “for which there is some non-empty set which is a subset of all sets contained in the family of sets the noun phrase denotes” (Hoop, 2003, p. 180).

não *um de ambos* (ao menos, não com sentido partitivo). A autora menciona também a regra de interpretação de Ladusaw para construções partitivas: “[...] uma função *g* ‘declinante’ do tipo *consiste-em* que mapeia, em seus componentes, os átomos que geram indivíduos” (Hoop, 2003, p. 181, tradução nossa²¹). Isso significa que, no exemplo *parte do livro* (*some of the book*), *parte* “toma como seu argumento a matéria de que o átomo contável é feito” (Hoop, 2003, p. 182, tradução nossa²²), ou seja, aquilo de que o *livro* é composto. A autora, então, reformula, pela primeira vez em seu texto, a noção de restrição partitiva:

A Restrição Partitiva pode ser restabelecida de modo que o sintagma nominal embutido em uma construção partitiva deve sempre denotar um indivíduo, seja em termos de grupo ou de entidade. Isto é, *de SN* é [uma função] *g* (a) se o sintagma nominal denotar o indivíduo I_a e for indefinido, caso contrário. (Hoop, 2003, p. 182, tradução nossa²³).

No entanto, citam-se ainda casos problemáticos que desafiam essa ideia de restrição partitiva, como a presença de sintagmas nominais fracos na segunda posição. Os exemplos abaixo adaptados de Hoop (2003, p. 183) mostram como esses casos podem se manifestar:

(42) *That book could belong to one of three people.*

“Aquele livro podia pertencer a uma de três pessoas.”

(43) *John was one of several students who arrived late.*

“John foi um de vários alunos que chegaram tarde.”

A autora aponta que, para Ladusaw, a existência de partitivas com sintagmas nominais fracos como geradores advém do fato de o falante ter referentes específicos em mente representados por tais sintagmas. Abre-se, assim, uma exceção à regra de que o sintagma nominal embutido de uma construção partitiva ordinária tem de ser definido. Para que seja indefinido, é preciso ser “semanticamente referencial ou específico” (Hoop, 2003, p. 183). Entretanto, há problemas com essa ideia visto que existem exemplos de construções partitivas em que o sintagma embutido não se refere a uma entidade específica, como destaca em “*Todo ano, apenas um de vários candidatos ingressa no programa*”, citando Abbot (1996, *apud* Hoop,

²¹ Texto original: “[...] a ‘downstepping’ *consists-of* function *g* that maps the atoms which generate individuals into their components” (Hoop, 2003, p. 181).

²² Texto original: “[...] takes as its argument the stuff the count atom consists of” (Hoop, 2003, p. 182).

²³ Texto original: “The Partitive Constraint can be restated such that the embedded noun phrase within a partitive construction must always denote an individual, either entity-level or group-level. That is, of NP is *g*(a) if the noun phrase denotes the individual I_a and is undefined otherwise.” (Hoop, 2003, p. 182).

2003, p. 183, tradução nossa²⁴). Devido a isso, há quem advogue por uma restrição partitiva com critérios pragmáticos em vez de semânticos.

Com essas perspectivas carregadas de exceções e controversas entre si, Hoop propõe uma segunda reformulação da restrição partitiva, o que realiza tomando em conta a classe da expressão determinante que ocupa a posição do sintagma nominal externo. Segundo ela, há dois tipos de determinantes: aqueles que selecionam entidades como seu domínio de quantificação e aqueles que o fazem com conjuntos de entidades. A autora explicita que o pertencimento dos determinantes a uma classe ou outra varia de acordo com a língua e cita exemplos da língua inglesa, como *half (of)*, *20% of*, *one third of*, e *much (of)*, que representam o primeiro tipo, e *three (of)* and *many (of)*, que fazem parte do segundo.

A partir disso, a autora estabelece uma classificação de partitivas que as subdivide em *partitivas de entidades* e *partitivas de conjuntos*, assim denominadas com base nos determinantes que as constituem. Pode-se extrapolar os exemplos fornecidos pela autora para o português, com *parte de X*, *um quarto de X* e *muito de X* sendo construções partitivas de entidades e *vários de X*, *quarenta de X* e *algum de X* como construções partitivas de conjuntos. Por fim, na sua nova restrição partitiva estabelece que “Apenas sintagmas nominais que podem denotar entidades são permitidos em partitivas de entidades; somente sintagmas nominais que podem denotar conjuntos de entidades são permitidos em partitivas de conjuntos” (Hoop, 2003, p. 186, tradução nossa²⁵).

4.2 A partitividade conforme a linguística baseada no uso

Nesta seção, apresentamos alguns trabalhos na linguística baseada no uso que exploram a partitividade. Subdividimo-la entre os trabalhos que o fazem de uma perspectiva tipológica e os que adotam um viés cognitivo.

4.2.1 A partitividade numa abordagem tipológica

²⁴ Texto original: “Every year only one of many applicants is admitted to the program” (Abbot, 1996, *apud* Hoop, 2003, p. 183).

²⁵ Texto original: “Only noun phrases that can denote entities are allowed in entity partitives; only noun phrases that can denote sets of entities are allowed in set partitives” (Hoop, 2003, p. 186).

Como observado anteriormente, os estudos tipológicos têm-se mostrado prolíficos na produção de trabalhos que investigam a partitividade. Muito se tem descoberto sobre a diversidade de estratégias linguísticas para expressar a noção de parte-todo e noções correlatas, com línguas diferentes codificando-as com uma variedade de formas.

Luraghi e Kittilä (2014), por exemplo, realizam uma investigação a respeito do que denominam *marcadores de caso partitivo*, que esclarecem se tratar de “marcadores que se relacionam ao sentido de parte, também englobando funções como a expressão de indefinidade e afetação parcial” (Luraghi e Kittilä, 2014, p. 17, tradução nossa²⁶). Destaca-se também que essa noção não está ligada a uma relação gramatical específica, como um objeto partitivo, podendo ocorrer com sujeitos, objetos e mesmo adjuntos adverbiais.

Trata-se, assim, de uma categoria bastante heterogênea que pode ser definida tipologicamente de duas principais maneiras: pela forma e pela função. Quanto à forma, podem se manifestar por meio do caso partitivo, de adposições, de artigos e da morfologia verbal. Já em se tratando da função, os marcadores em questão podem expressar o sentido parte-todo nas construções partitivas, indefinidade e não referencialidade, negação e interrogação, modalidade não assertiva, aspecto imperfectivo e baixa transitividade.

Em se tratando do sentido parte-todo, é de se esperar que figure entre as funções que um marcador de caso partitivo pode expressar. Na verdade, seu uso em construções partitivas por meio do genitivo partitivo está presente em diversas línguas indoeuropeias, sendo esse uso inclusive a origem do marcador de caso partitivo em várias delas. Isso não significa, porém, que toda construção com o valor de parte-todo terá um marcador de caso partitivo. Por exemplo, em basco, não se utiliza o caso partitivo nem com construções partitivas, nem com as chamadas pseudopartitivas.

É digno de nota que, no caso dos chamados artigos partitivos do francês e do italiano, houve um processo de transcategorização, de modo que, na sincronia atual, devem ser considerados artigos indefinidos. Isso significa que, apesar de terem em sua origem configurado construções partitivas, o sentido parte-todo já praticamente se esvaiu.

Outro estudo que nos interessa no campo das pesquisas tipológicas é o de Seržant (2021a). A partir de uma amostragem acidental de 138 línguas de 46 famílias, recobrando todas as macroáreas, propõe estabelecer uma tipologia de partitivas. Segundo ele, as construções partitivas variam, entre línguas, no que tange à integração interna, tipo sintático e estratégia de marcação. Consoante o autor, são diversos os possíveis marcadores de partitividade, podendo

²⁶ Texto original: “[...] markers that are related to the partial meaning, covering also functions such as the expression of indefiniteness and partial affectedness” (Luraghi e Kittilä, 2014, p. 17).

enquadrar-se nessa posição afixos de caso, adposições, partículas clíticas e pronomes, sendo possível, também, a ausência total de marcadores.

Seržant afirma que, na literatura, soem-se chamar partitivas certas construções que, além da mera expressão semântica de *parte de todo*, englobam funções adicionais, como no caso partitivo finlandês, que pode expressar uma série de funções, por exemplo, a expressão de negação e aspectualidade. Pode-se citar também o artigo partitivo em línguas românicas, que frequentemente assume o papel de indicar indefinidade em construções verbais.

Seržant, para definir o termo *construção partitiva*, utiliza o conceito de *relação partitiva verdadeira*, que consiste em uma relação entre um subconjunto e um superconjunto bem-definido de mesmo tipo. É essa noção de proporcionalidade²⁷ que distingue uma relação partitiva verdadeira de uma quantificação simples, na qual não se faz referência a mais de uma quantidade, enquanto, na partitiva verdadeira, existe uma proporção entre a quantidade do subconjunto e a do superconjunto.

O autor faz ainda menção ao fato de que existe uma restrição para o superconjunto, usualmente chamada de *restrição partitiva*, segundo a qual, o superconjunto precisa ser bem-definido, ou seja, seria discursivamente acessível, não genérico e não distributivo. Assim, o exemplo uma *xícara do leite que estava na geladeira*, que é uma construção com sentido verdadeiramente partitivo, se diferenciaria de *uma xícara de chá* pelo fato de o superconjunto desta estar representado na forma de um SN indefinido, fazendo referência a uma entidade genérica. Com isso, Seržant define que:

Partitivas são construções gramaticais que podem ser usadas para codificar uma relação partitiva verdadeira sem recorrer a inferências contextuais. Partitivas codificam, obrigatoriamente, (i) um quantificador e (ii) um restritor. Partitivas são frequentemente codificados por (iii) um marcador partitivo especial ou lexicalmente.

(Seržant, 2021a, p. 886, tradução nossa²⁸).

A esse respeito, o autor esclarece que *quantificador* e *restritor* referem-se, respectivamente, ao subconjunto e ao superconjunto na relação partitiva verdadeira, adotando esses termos para todo tipo de construção partitiva, inclusive aquelas que não possuem relação partitiva verdadeira, como as construções pseudopartitivas, as quais ele esmiúça posteriormente.

²⁷ Vale destacar que essa não é a única noção possível para que uma construção denote partitividade. Santos (2007) traz, como exemplos da preposição *de* com valor partitivo: “Eles estão no topo de uma colina”, “...e os restos mortais de um polvo”, “dia 8 de dezembro” (Santos, 2007, p. 103).

²⁸ Texto original: “Partitives are grammatical constructions that may be used to encode the true partitive relation without relying on contextual inferences. Partitives obligatory encode (i) a quantifier and (ii) the restrictor. Partitives are often encoded by (iii) a special partitive marker or lexically” (Seržant, 2021a, p. 886).

Além disso, faz-se a ressalva de que não constam como inferências contextuais o uso de anáforas e, especialmente, de pronomes anafóricos como o *en* do francês, o qual, assim como outros pronomes, pode-se apresentar deiticamente e em contextos sem sinalização prévia, sem acarretar prejuízo a seu sentido partitivo. Seržant ainda ressalta que sua definição incorpora construções cujo sentido não se restringe a relações partitivas verdadeiras, como o caso partitivo finlandês, que pode expressar outras funções, as quais estariam apenas diacronicamente associadas à relação partitiva verdadeira.

O autor explica que construções partitivas são, tipicamente, binominais, ou seja, compostas de dois SN, um como quantificador e o outro como restritor. No entanto, para que façam parte de uma construção partitiva verdadeira, há restrições consideráveis sobre ambos os termos. Retomando a já mencionada restrição partitiva, reafirma-se a necessidade de o restritor ser definido. Já a posição de quantificador possui uma forte tendência a ser ocupada por um SN indefinido e, normalmente, rejeita artigos definidos e indefinidos, bem como quantificadores exclusivamente adjetivais, isto é, os que funcionam apenas como pronomes adjetivos, com a exceção frequente de construções superlativas que se apoiam em marcadores partitivos. Além disso, a posição de quantificador é, frequentemente, ocupada por pronomes, sendo relativamente incomum haver um substantivo como núcleo do SN.

Assim, seriam essas fortes tendências à indefinidade e à pronominalidade na posição de quantificador que permitiriam, segundo Seržant, a existência de partitivas em que o quantificador não é expresso. Usualmente conhecidos na literatura como *bare partitives* (*partitivas nuas*, classe em que se inserem as partitivas adverbiais), esses casos são chamados pelo autor de *partitivas generalizadas* (*generalized partitives*), denominação que se justifica pelo fato de que, nas línguas que permitem sua ocorrência, o quantificador não expresso teria o valor de “*some/any*” (Seržant, 2021a, p. 890), quantificadores que, em língua inglesa, são usados genericamente e expressam quantidades indefinidas.

Para as partitivas generalizadas, o autor lista uma série de propriedades referentes ao termo restritor. Ele tipicamente codifica um referente de baixa individuação, ocorrendo, com frequência, com substantivos massivos ou no plural. Como consequência, esses referentes tendem a ser episódicos e a não se manifestarem posteriormente no discurso (Seržant 2021a, p. 891). Seria devido a essa baixa individuação que, também, as partitivas generalizadas coocorreriam, mormente, com verbos que frequentemente demovem seus objetos ou prescindem deles. Como exemplo interlinguístico, o autor cita *comer*, *beber*, *ouvir* e *ler* (Seržant 2021a, p. 891), que, segundo ele, seriam verbos que permitiriam a ocorrência de

partitivas generalizadas, mesmo que a língua em questão possua baixa produtividade de marcadores partitivos.

Ao tratar de pseudopartitivas, Seržant as define como construções partitivas cujo superconjunto não é especificado. Nesses casos, como em *duas pepitas de ouro*, diferentemente de uma relação partitiva verdadeira, não há a noção de proporção entre um quantificador e um restritor, mas sim uma quantificação simples, que utiliza o marcador partitivo “de”, servindo o superconjunto para fazer referência ao tipo de matéria quantificada. Assim, em construções pseudopartitivas, nem o quantificador, nem o restritor podem ser tomados em termos de conjuntos ou porções, mas sim, quantidades e medidas (na posição daquele) de um tipo de referente (na posição deste). Seržant estabelece, com isso, sua definição de construção pseudopartitiva: “Uma construção pseudopartitiva (abreviada como pseudopartitiva) é uma construção partitiva sem um superconjunto específico no restritor” (Seržant, 2021a, p. 892, tradução nossa²⁹).

4.2.2 A partitividade numa abordagem cognitiva

O primeiro dos trabalhos de base cognitiva dos quais pretendemos tratar é o de Hamawand (2014), que traz uma proposta de análise do que a autora chama *partitives*³⁰ em língua inglesa. Ao contrário do que se pode pensar, o termo não diz respeito exatamente às construções partitivas no sentido clássico, mas sim ao SN externo das construções conhecidas como pseudopartitivas. Segundo a autora, *partitives* são “palavras que denotam partes de nomes” (Hamawand, 2014, p. 112, tradução nossa³¹).

Na definição adotada por ela, uma construção partitiva é “um sintagma nominal que consiste em um *partitive*, especificando uma parte, seguido da preposição *de* [*of*] e um nome, denotando o todo” (Hamawand, 2014, p. 112, tradução nossa³²). Vê-se aí um completo apagamento da já tão discutida restrição partitiva, indo na contramão de diversos outros autores que já trabalharam com o termo. Se há algum tipo de restrição sobre a construção, em vez de ser referente ao SN embutido no SP, tal limite é mais relativo ao SN externo, o chamado *partitive*, já que seu significado é relativamente restrito.

²⁹ Texto original: “A pseudo-partitive construction (abbreviated: a pseudo-partitive) is a partitive construction with no specific superset in the restrictor” (Seržant, 2021a, p. 892).

³⁰ Optamos pela manutenção do termo em inglês a fim de evitar possíveis ambiguidades.

³¹ Texto original: “words that denote parts of nouns” (Hamawand, 2014, p. 112).

³² Texto original: “a noun phrase consisting of a partitive, specifying a part, followed by the preposition of and a noun, denoting the whole” (Hamawand, 2014, p. 112).

Assim, para a autora, não seriam exemplos de construções partitivas estruturas como *o maior dos homens*, *três de nós* ou *bebi do café*, esta última sendo a que mais se afasta de sua definição, visto que nenhum contém um *partitive* na posição de SN1. Em vez disso, ela engloba exemplos como *um pedaço de maçã*, *um punhado de areia* e *uma pitada de sal*. O que ocorre nessas construções é a *individuação* de uma dada parte de uma entidade, parte essa que se destaca do todo por meio do emprego do *partitive*, permitindo que os falantes se refiram a ela como uma entidade discreta.

No que tange particularmente à dimensão semântica da construção partitiva, tem-se que ambos o *partitive* e o todo contribuem para o seu sentido. Nessa relação, prototipicamente, esse todo representa uma entidade concreta e não contável, como em *uma gota de água*. Isso não impede, porém, que tal posição seja ocupada por um nome abstrato não-contável, como *um resto de rancor*, ou um nome concreto contável, como *uma matilha de cãesinhos*.

Há que se destacar, também, que entra em jogo, na formação dessas construções, o fenômeno da *colocação*, na medida em que a escolha do *partitive* dependerá não apenas de sua própria semântica, mas também da do todo. Por exemplo, *uma gota* pode ser um termo apropriado para delimitar *água*, *leite* ou *sangue*, porém dificilmente se adequaria a um termo como *pão*. Além disso, há *partitives* com amplitude de emprego maior do que outros, como se vê no contraste entre *monte de coisas* e *dente de alho*.

Outro fato que é de interesse mencionar é que optar por um ou outro *partitive*, segundo Hamawand, terá consequências para o construto da situação, já que este será influenciado por ela, na medida em que o significado de um dado *partitive* ajuda a compor o significado da construção como um todo, direcionando a conceitualização nesse sentido. Por exemplo, *um mar de lama* dá proeminência à quantidade em termos de massa contínua da entidade perfilada, enquanto *um torrão de lama* perfila uma entidade discreta e quantificada conforme esse seu traço.

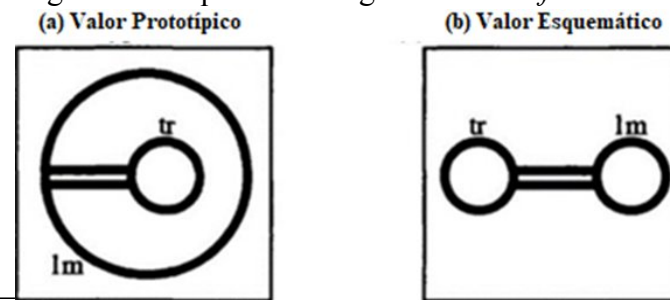
Apesar de Hamawand muitas vezes apoiar-se na teoria de Ronald Langacker para tecer suas considerações, não encontramos qualquer menção do autor aos termos *partitive* (partitivo/partitiva) ou *partitivity* (partividade). Entretanto, pudemos encontrar, em pelo menos um trabalho de sua obra (Langacker 1999), uma discussão sobre a semântica da preposição *of*³³

³³ Em seu texto, Langacker (1999) enfatiza a defesa de que a preposição *of*, vista como desprovida de significado por outros estudiosos, tem, de fato, significado. A respeito de sua correlata em português (*de*) e de outras preposições dessa língua, Viaro (1994, p. 35), em conformidade com o cognitivista americano, assinala que elas são polissêmicas e seus sentidos não possuem origem arbitrária, que, segundo o autor, seria de um valor espacial herdado do latim.

(correlata a *de* em português, em especial, no que tange à partitividade) que muito nos interessa, pois pode dizer respeito a um protótipo para as construções partitivas.

Em seu capítulo dedicado especificamente ao significado da preposição *of*, logo na primeira seção, Langacker (1999, pp. 73-77) apresenta alguns significados possíveis para ela, afirmando que, esquematicamente, o significado que se pode abstrair de todas seria o de designar uma relação intrínseca entre dois participantes, um *trajector*, que perfila a entidade presente no discurso, e um marco (*landmark*), que delimita seu sentido. O autor argumenta, ainda, que tal significado esquemático derivaria de um significado básico e prototípico, estabelecendo que “[*of*] perfila uma relação entre duas entidades de modo que uma delas (o trajector) constitui uma subparte inerente e restrita da outra (o marco)” (Langacker, 1999, p. 74, tradução nossa³⁴). Os diagramas abaixo representam, imgeticamente essas relações:

Figura 6 – Esquemas do significado de *of*



Fonte: Adaptado de Langacker (1991, p. 77)

Para ilustrar sua definição, Langacker usa exemplos, como *the bottom of the jar* (o fundo do pote), *a kernel of corn* (um grão de milho), e *some of the peas* (algumas das ervilhas), dos quais, este último representa um exemplo da construção partitiva no sentido clássico e, portanto, cabe-nos explicar em que medida ele e outros similares se encaixam na definição estabelecida pelo autor cognitivista.

Langacker afirma, nesse mesmo trabalho (p. 74), que *algumas das ervilhas* representaria uma massa indefinida, correspondente a *algumas*, que seria uma porção limitada, mas não equivalente a zero de uma massa maior, correspondente a *as ervilhas*. Em trabalho posterior (Langacker, 2008, p. 344), o autor afirma que essa entidade maior representa a extensão máxima de um *tipo* (*type*) contextualmente estabelecido no discurso. Ou seja, no

³⁴ Texto original: “[...] it profiles a relationship between two entities such that one of them (the trajector) constitutes an inherent and restricted subpart of the other (the landmark)” (Langacker, 1999, p. 74).

exemplo em questão, o termo *as ervilhas* representa a quantidade total de um tipo de entidade (ervilhas) instanciado no discurso, que neste caso assume a forma nominal *as ervilhas*.

Outros exemplos explorados pelo autor são “[...] *todos daqueles gansos, alguns dos gansos, muitos destes gansos, três dos gansos dele*” (Langacker, 2008, p. 344, tradução nossa³⁵). Ele determina que os exemplos acima constituem construções com o sintagma preposicional explicitamente ancorado e definido, o qual representa uma “massa contextualmente delimitada e estabelecida independentemente da quantificação” (Langacker, 2008, p. 344, tradução nossa³⁶). Quanto ao seu sentido, essas expressões denotam uma porção quantificada da massa destacada, sendo essa relação entre parte e todo identificada pelo emprego da preposição *de*.

Outro fenômeno que o autor aborda e muito nos interessa para a compreensão das partitivas é a *unitização de massa* (Langacker, 2008, p. 242). Fortemente associado a classificadores, trata-se do processo pelo qual uma massa é concebida como uma unidade discreta e delimitada, sendo percebida como uma entidade à parte, detentora de uma existência própria, com a massa em questão transmitindo a ideia de substância. Nesse sentido, um *rolo de corda* e *uma pilha de pratos*, por exemplo, não tratam meramente de corda e pratos respectivamente, mas de entidades caracterizadas e reconhecidas por sua forma ou utilidade, independente da “substância” que as constitui. Os elementos que permitem a unitização são substantivos contáveis que perfilam coleções, configurações, elementos constitutivos ou *containers*, como *bando*, *série*, *pedaço* e *xícara*. Langacker ainda afirma que “Unitização reflete nossa propensão a conceptualizar o mundo em termos de objetos discretos que podemos apreender enquanto totais com que lidamos individualmente. Permite aplicar a massas o aparato semântico e gramatical baseado em substantivos contáveis” (Langacker, 2008, p. 342, tradução nossa³⁷).

Nesses casos, existe uma relação de coextensão entre a unidade e a massa, de modo que, em *bando de adolescentes* e *gota de sangue*, as entidades destacadas são constituídas exclusivamente da matéria referida, coincidindo com ela. Cabe a ressalva de que, mesmo quando ocorre o emprego de um substantivo com a ideia de *container*, o volume contido é espacialmente coextensivo à massa dentro do *container*.

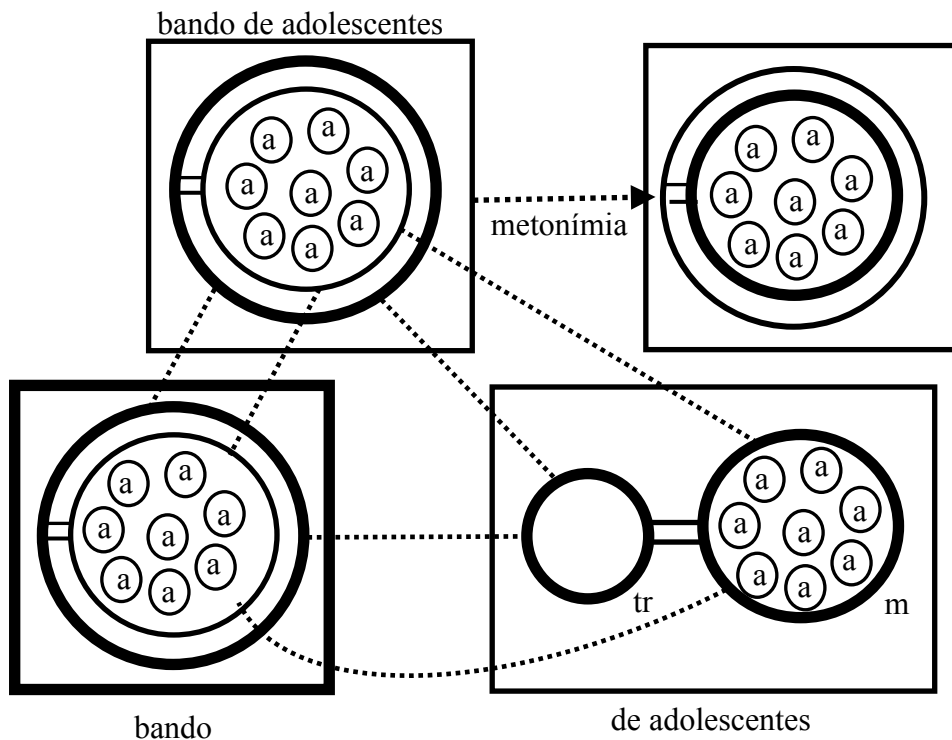
³⁵ Texto original: “[...] *all of those geese, some of the geese, many of these geese, three of his geese, etc.*” (Langacker, 2008, p. 344).

³⁶ Texto original: “[...] a contextually delimited mass established independently of the quantification.” (Langacker, 2008, p. 344).

³⁷ Texto original: “Unitization reflects our propensity to conceptualize the world in terms of discrete objects that we can apprehend as wholes and deal with individually. It allows the application to masses of the semantic and grammatical apparatus based on count nouns” (Langacker, 2008, p. 342)

Voltando a atenção mais uma vez a *bando de adolescentes*, partindo do pressuposto de que *bando* é o núcleo da construção modificado por *de adolescentes*, a teoria de Langacker apontaria a unidade delimitada *bando* como perfilada em relação à massa de adolescentes. Contudo, também existe a possibilidade de essa massa em si ser a entidade perfilada, uma vez que, ao perceber-se um bando de adolescentes, são percebidos tanto o bando (enquanto unidade) quanto os adolescentes (enquanto massa). Segundo o autor, ambas as interpretações “estão metonimicamente relacionadas, [é] uma questão de perfilamentos alternativos de uma mesma base conceitual. A possibilidade de perfilar tanto a unidade quanto a massa coextensiva instancia um padrão metonímico geral do inglês” (Langacker, 2008, p. 343, tradução nossa³⁸). A figura abaixo ilustra essas considerações:

Figura 7 – Estrutura da construção de unitização de uma massa, segundo Langacker (2008)



Fonte: Adaptada de Langacker (2008, p. 343)

O autor destaca ainda que é a “construção de unitização” que fornece a base para expressões quantificadoras gramaticalizadas no inglês, principalmente *a lot of* e *a bunch of*

³⁸ Texto original: “The two interpretations are related metonymically, a matter of alternate profiles on the same conceptual base. The possibility of profiling either the unit or the coextensive mass instantiates a general metonymic pattern of English” (Langacker, 2008, p. 343)

(equivalentes a *um monte de*). Nessas construções há um apagamento do sentido concreto de *lot* e *bunch*, de modo que chegam ao ponto de funcionar praticamente como puros indicadores de quantidade. O que resta do seu sentido de unidade é a função de delimitar uma massa em termos quantitativos. Como a noção de unidade concreta se perde, já não se pode manter a leitura de *lot* e *bunch* como o trajectores, de modo que nesses casos é a massa que é perfilada.

Diferentemente de Langacker, o termo *partitivo* é explicitamente citado na obra de Radden e Dirven (2007), os quais discutem os conceitos de quantificação e construção partitiva ao tratarem de quantificação nominal por meio de quantificadores. Antes de abordarem a distinção entre quantificação partitiva e não partitiva, argumentam que a quantificação de uma instância de algo pode ser concebida em termos de conjunto ou de escala, estabelecendo-se outra divisão: *quantificação de conjunto* e *quantificação de escala*, a qual é importante para a subdivisão da quantificação partitiva em *quantificação partitiva de conjunto* e *quantificação partitiva de escala*.

A quantificação de conjunto é aquela que define a quantidade de uma instância pelo emprego de um grupo específico de quantificadores (*quantificadores de conjuntos*), a partir da relação entre um conjunto e um subconjunto seu. Por exemplo, em *a maioria dos homens é egoísta*, expressa-se uma quantidade, representada por *a maioria*, que é compreendida em relação a um conjunto maior do qual faz parte, *os homens*, que neste caso faz referência a todos os homens existentes. Nesse sentido, a partir desse conjunto maior, faz-se uma bipartição em dois subconjuntos: os homens que são egoístas e os homens que não o são, sendo este compreendido como menor do que aquele justamente pelo uso da expressão *a maioria*.

Já a quantificação de escala se distingue por estabelecer a quantidade de uma instância por meio de uma relação entre a quantidade em questão e uma escala com uma norma ou um padrão implícitos. Utilizando *quantificadores escalares*, as quantidades perfiladas são, assim, compreendidas como maiores ou menores do que o padrão ou a norma esperados. Como exemplo, em *muitos homens são egoístas*, em vez de uma comparação entre conjuntos, transmite-se a ideia de que, em relação ao esperado (norma implícita) para a categoria *homem*, a quantidade referida em questão é mais elevada.

Retomando a diferença entre quantificação não partitiva e quantificação partitiva, como apontamos na introdução desta dissertação, os autores afirmam que esta faz referência explícita a um superconjunto, enquanto aquela não o manifesta, ao menos, não explicitamente. É o que permite a oposição entre *alguns homens* (não partitivo) e *alguns dos homens* (partitivo). O primeiro caso se caracteriza como não partitivo por fazer uma referência apenas tácita ao

superconjunto (todos os homens do mundo). Já o segundo estabelece uma relação entre a quantidade perfilada e o seu superconjunto (um grupo específico de homens), o que faz dela fruto de uma quantificação partitiva.

A quantificação partitiva, conforme mencionado acima, pode ainda subdividir-se conforme os quantificadores empregados no processo, podendo ser tanto de conjunto, como em *a maioria dos meus amigos*, quanto escalar, como em *muitos dos meus amigos*. Os autores afirmam que a partitiva escalar é, em certo sentido, especial por combinar aspectos da quantificação de conjunto e da escalar:

Internamente, a escala das não partitivas é preservada: a quantidade é medida tomando em conta uma norma implícita [...]. Externamente, a quantidade é medida tomando em conta um conjunto completo e definido, assim como a quantificação de conjunto — um sintagma indefinido do tipo *de*-sintagma como em **muitos de livros*, portanto, não é possível. (Radden; Dirven, 2007, p. 120, tradução nossa³⁹).

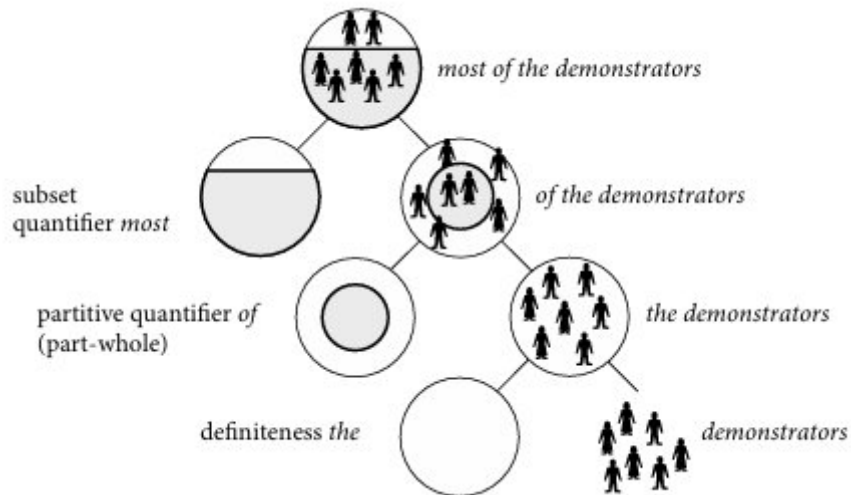
Da quantificação partitiva, vêm as construções partitivas, as quais são formadas com a preposição *de* e denotam a relação entre uma parte e um todo. Nelas, o conjunto representando o todo sempre é interpretado como restrito, codificado por meio de um sintagma nominal definido, o que “significa que a construção partitiva só pode se relacionar a referentes que são acessíveis por meio de uma das várias estratégias referenciais que estão à nossa disposição” (Radden; Dirven, 2007, p. 135, tradução nossa⁴⁰). Uma dessas estratégias pode ser a anáfora, como em *uma dessas estratégias*, em que o superconjunto é retomado do discurso. Já o subconjunto, como introduz uma entidade nova, só pode ser indefinido.

Os autores realizam, por fim, um exercício de compreensão da interação entre quantificação e referência na construção partitiva *most of the demonstrators* (aqui adaptado como *a maioria dos manifestantes*). Primeiro, estabelece-se o número do superconjunto (*manifestantes*) por meio do emprego do artigo definido *os*, que indica a totalidade de indivíduos possíveis de serem referidos a partir do conhecimento partilhado dos interlocutores. Em seguida, introduz-se a preposição *de* e com ela o conceito esquemático “parte-todo” que ela denota, resultando no sintagma preposicional *dos manifestantes*. Como último passo, acrescenta-se o SN *a maioria* como subconjunto (parte) de *os manifestantes* (todo), de modo que a construção completa (*a maioria dos manifestantes*) passa a indicar uma quantidade proporcional ao todo. A figura abaixo ilustra essa série de processos:

³⁹ Texto original: “Internally, the scale of non-partitives is preserved: the quantity is measured against some implicit norm [...]. Externally, the quantity is measured against a full, definite set just as in set quantification — an indefinite of-phrase as in **many of books is therefore not possible*” (Radden e Dirven, 2007, p. 120).

⁴⁰ Texto original: “This means that the partitive construction can only relate to referents that are accessible by one of the various referential strategies at our disposal” (Radden e Dirven, 2007, p. 135).

Figura 8 – Composição conceptual de *a maioria dos manifestantes*



Fonte: Radden e Diven (2007, p. 135)

4.3 A partitividade numa perspectiva histórica

Nesta seção, tratamos das contribuições dos estudos históricos que investigam a partitividade nas línguas românicas, em especial, os que se dedicam ao português, uma vez que as observações a respeito de sincronias passadas da língua nos fornecem sinalizações de como abordar a atual.

O estudo de Carlier e Lamiroy (2014) afirma que, de um ponto de vista sintagmático, elas podem ser denominadas como adnominais, nas quais o SP (de + SN) se liga a um SN ou a uma expressão quantificativa, ou como adverbais, nas quais o SP acompanha um verbo, assumindo o valor de argumento e sem a presença de quantificadores.

No trabalho supracitado, as autoras se debruçam sobre estes casos, analisando sua gramaticalização desde o latim tardio até as línguas românicas modernas como o francês, o italiano e o espanhol. Ao mencionar a presença de partitivas adverbiais no indoeuropeu, as autoras afirmam que:

O uso adverbial do partitivo parece ser um traço endêmico do indoeuropeu, já que ele aparece em línguas ou estágios linguísticos pertencentes a diferentes ramos da família indoeuropeia, tais como sânscrito, eslavônico, germânico antigo, gótico e grego antigo. Ao contrário de línguas como o finlandês e o basco, dotadas de um caso partitivo, as línguas indoeuropeias não possuem um marcador partitivo específico, mas usam ou o caso genitivo ou – especialmente, nos casos em que a declinação nominal está enfraquecida ou se perdeu – uma adposição, significando, primitivamente, ‘distanciamento’ (Carlier e Lamiroy, 2014, p. 1, tradução nossa⁴¹).

⁴¹ Texto original: “The adverbial use the partitive appears to be an endemic feature of Indo-European, since it appears in languages or language stages belonging to different branches of the Indo-European family, such as

Segundo as autoras, em latim clássico, o genitivo partitivo era usualmente utilizado para complementos adnominais, indicando um todo definido ou indefinido do qual uma parte era isolada, como em “*Multum operae*” e “*Magna copia frumenti*” (Carlier e Lamiroy, 2014, p. 2). Elas ressaltam, ainda, que as partitivas formadas com as preposições ablativas *de* e *ex* já concorriam com a forma acima, durante o período destacado. Ainda assim, consideram que, em nome de uma marcação sintática mais clara, utilizavam-se preferencialmente outros casos em detrimento do genitivo partitivo, que ressurge com mais força no latim tardio, acompanhado de partitivas formadas com *de*.

Já em se tratando da gramaticalização das partitivas em línguas românicas, as autoras demarcam cinco estágios de gramaticalização, cada qual com suas peculiaridades sintáticas, semânticas e paradigmáticas. Argumentam que o espanhol, o italiano e o francês representam, como já mencionado na introdução, graus distintos de gramaticalização da preposição latina *de* na formação do artigo partitivo. Cabe lembrar que Carlier e Lamiroy não fazem sequer uma menção à língua portuguesa em seu artigo.

Também analisando as línguas românicas, mas, diferentemente de Carlier e Lamiroy (2014), de forma mais abrangente, incluindo o português, o espanhol, o romeno, o catalão, o francês e o italiano, Leal (1992) explora complementos preposicionados, dando especial enfoque nos objetos diretos preposicionados (ODP) contendo as preposições *a* e *de*. Em seu estudo de natureza pancrônica, analisou tais complementos no Português Moderno e no Português Antigo, a fim de caracterizá-los e identificar os processos de mudança ou fenômenos de retenção envolvidos.

A autora opõe o que chama de *acusativo preposicional*, composto com a preposição *a* e presente no espanhol e no romeno, ao *ODP partitivo*, que se forma com a preposição *de* e ocorre em detrimento do acusativo preposicional no francês e no italiano. Partindo do fato de que o acusativo preposicionado não se estabeleceu tão sistematicamente no português, a autora assume que isso permitiria a existência de complementos verbais partitivos nessa língua e, portanto, aplica testes de objeto direto, chegando a reconhecer alguns casos de complemento verbal partitivo. Para Leal, o português e o catalão se encontram em um estado intermediário,

Sanskrit, Slavonic, Old Germanic, Gothic, and Ancient Greek. Contrary to languages such as Finnish or Basque, endowed with a partitive case, Indo-European languages however do not have a specific partitive marker, but use either the genitive case or – especially in language stages where nominal declension is weakening or is missing – an adposition meaning primitively ‘away from’” (Carlier e Lamiroy, 2014, p. 1).

já que o uso do acusativo preposicional é bem menos sistematizado, permitindo a coexistência deste com o ODP partitivo nessas línguas.

A autora se propôs a testar se complementos preposicionados de verbos transitivos diretos com a preposição *de* eram, de fato, ODP partitivos, ao aplicar testes baseados em quatro critérios: conversão em clíticos *o/os/a/as*; conversão da oração para voz passiva; retomada do SN em perguntas formadas com “o que” ou “quem”; viabilidade de anteposição. Além desses quatro critérios, a autora também verificou, nesses casos, se o sentido partitivo estava presente nas construções. Pelos seus resultados, os complementos de verbos como *provar*, *usar*, *entender* e *conhecer* puderam ser classificados como ODPs partitivos no português moderno. Por fim, ela defende sua hipótese de que a consolidação do acusativo preposicional rechaça a do ODP partitivo e vice-versa, ao afirmar que:

A ocorrência do partitivo no PM [português moderno] é pouco freqüente. Possivelmente, isso se deve ao fato de esse tipo de complemento ter sido substituído pelo Acusativo Preposicionado. Como se verá, o mesmo não acontecerá no PA [português antigo]. Nesta última modalidade de língua, a ocorrência do partitivo é maior que no PM e a ocorrência de Acusativo Preposicional é bem menor. (Leal, 1992, p. 87).

Cunha (2007), outra autora brasileira, estuda possessivos de terceira pessoa no português medieval, numa perspectiva da sociolinguística variacionista laboviana. Tal classe, segundo a autora, teria como instanciações possíveis: “possessivos tônicos ‘seu(s)’, ‘sua(s)’, dos possessivos átonos ‘se’, ‘sse’, ‘sa(s)’ e ‘ssa(s)’ e das formas ‘ele(s)’, ‘ela(s)’, sendo essas sempre precedidas pela preposição ‘de’” (Cunha, 2007, p. 19).

A autora destaca que, à medida que decaiu o uso das formas possessivas átonas, as formas amalgamadas da preposição *de* com os pronomes de terceira pessoa supracitados tiveram uma ascensão de ocorrências. Tais itens eram empregados, inicialmente, apenas com sentido partitivo e só depois passaram a ter valor de posse, após sofrerem reanálise. Isso teria ocorrido, conforme sugere Cunha, durante a fase de redobro do clítico locativo *en/ende*, que “duplicava um PP [SP], organizando a estrutura ‘en + de NP [SN]’” (Cunha, 2007, p. 152).

Esse processo foi um dos fatores que permitiram a queda dos usos das formas átonas, deixando um espaço em que os possessivos *dele(s)*” e *dela(s)* passaram a concorrer com suas variantes partitivas. Havia, inclusive, contextos em que as interpretações possíveis eram ambíguas, a saber, os casos em que não havia artigo definido antes do nome, por exemplo, em *Racoeiros dellas*, que podia ser lido como *Racoeiros que pertencem a elas*, com sentido possessivo, e *Racoeiros dentre os que pertencem a elas*, com sentido partitivo. Cunha demonstra também que há, tanto no português medieval quanto no moderno, uma ambiguidade

gerada pelo apagamento dos dois nomes que compõem a estrutura partitiva, como em *algu~u deles*, *um deles* e *dous deles*. Ocorre que, das 115 ocorrências coletadas de textos dos séculos XIII e XIV (período em que as formas partitivas deixaram de ser majoritárias para serem suprimidas pelas possessivas), todas possuíam essa mesma ambiguidade, conforme defende a autora. Para diferenciá-las, fez uso dos seguintes testes:

- a) os NPs partitivos não admitem que o quantificador sofra modificação por um adjetivo; b) não é aceitável a presença de complementos entre o quantificador e “of the N2” nas construções partitivas; c) na estrutura partitiva, nenhuma relação de concordância entre o quantificador em posição mais alta e o segundo NP é exigida; d) nem todo determinante com sentido quantificacional pode figurar em construções partitivas; e) nos NPs partitivos, não ocorre extraposição do PP que complementa o segundo nome. (Cunha, 2007, p. 185).

Assim, é quantificando as ocorrências das formas em questão, que a autora chega à conclusão de que a estrutura partitiva passou por etapas de apagamento de seus elementos nominais (duas ao todo) que proporcionaram a reanálise. Por fim, está inclusa, dentre os achados da autora, a constatação de que os possessivos *dele(s)* e *dela(s)* são itens que herdaram das construções partitivas a sua especificidade, traço esse relativo ao processo de delimitação de um subconjunto a partir de um superconjunto.

Por fim, tratando do percurso da preposição *de* desde o latim até o português, Borba (1965) tangencia a partitividade. Segundo o autor, a preposição *de*, tendo, em sua origem, o sentido ablativo, na evolução da língua, adquiriu outros sentidos afins, dentre eles, o partitivo, que passou a concorrer com o sentido partitivo manifesto pelo caso genitivo e com aquele cujo marcador era a preposição também ablativa *ex*.

Segundo o estudioso, esses casos de partitivas com *de* ocorreriam, principalmente, “com numerais, com os pronomes e adjetivos de quantidade e com os superlativos” (Borba, 1965, p.176). Cita, como exemplos, frases latinas (Borba, 1965, p.176), como: “*Fidelissimus de servis*” (construção superlativa); “*Unus de meis amicis*” (construção com numeral) e “*Aliquis de nostris hominibus*” (construção com pronome quantificador). Já nas línguas neolatinas, Borba cita a existência do *complemento partitivo*, o qual, em períodos mais remotos do português, era muito recorrente. O autor traz exemplos, como:

- “Alcido, tens ovelhas e tens cabras,/de que tiras da lã, tiras do leite” — Bernardim Ribeiro, éloga 3; “E arrumar a caravela/e deitar do junco nela” — Gil Vicente, Barca do Inferno; “Comerás do leite, ouvirás dos contos, e partirás quando quiseres” — F. R. Lobo, P. Peregrino.; “Achando as virgens néscias que se lhe apagavam as lâmpadas, chegavam se às prudentes a pedir que lhe quisessem dar do óleo que traziam prevenido” — Vieira Serm; “Foi-se fechar no mar alto/ Da torre de Valderrey: /Não quero comer do pão/ Nem do vinho beberei” — Garret, Romanceiro (Borba, 1965, p. 182).

Não obstante a produtividade de outrora, Borba afirma que o complemento partitivo em línguas como o espanhol, o catalão e o português se arcaizou, possuindo, à época da publicação de seu trabalho, usos muito limitados na língua portuguesa. Contudo, não nega sua existência no português contemporâneo, afirmando persistirem manifestações do complemento partitivo em provérbios, por serem formas, desde muito, cristalizadas e com verbos cujo sentido é dar, repartir, compartilhar, cortar, participar.

Feitas estas considerações de caráter histórico, encerramos este capítulo. A elas, somam-se as contribuições dos outros estudos, que nos auxiliaram na produção de nossa pesquisa ao enriquecer-nos com diferentes perspectivas sobre o fenômeno que estudamos, principalmente as de base cognitiva, que mais orientaram a análise que conduzimos.

5 METODOLOGIA

Com o objetivo de caracterizar as construções partitivas quanto a aspectos formais, semânticos e pragmáticos, fizemos uma pesquisa descritiva quali-quantitativa apoiados na abordagem cognitivo-funcional. Nas subseções seguintes, descreveremos o corpus, o método de abordagem e os procedimentos.

5.1 Do método de abordagem e de procedimento

A pesquisa realizada se classifica como descritiva, uma vez que o objetivo central é investigar as construções partitivas em português contemporâneo de modo a caracterizá-las formal, semântica e pragmaticamente. Trata-se ainda de pesquisa empírica, pois parte de dados reais, que foram analisados quali-quantitativamente, com apoio na teoria e na estatística descritiva.

Quanto ao método de abordagem, a pesquisa seguiu o método hipotético-dedutivo, uma vez que partimos dos dados empíricos coletados nos *corpora*, que foram quantificados, e usamos a dedução ao relacionar a teoria aos resultados encontrados.

5.2 Das fontes dos dados

As ocorrências foram coletadas de três bancos de dados adiante descritos. Essa medida visou, em primeiro lugar, a representar variados usos e gêneros discursivos, tanto orais como escritos, e, em segundo, ampliar o número de ocorrências, quando a primeira coleta, feita no Corpus D&G, mostrou-se insuficiente.

5.2.1 O primeiro corpus: *Discurso & Gramática*

O corpus Discurso e Gramática foi organizado por membros do Grupo Discurso e Gramática e coletado na década de 90 em cinco cidades brasileiras: Juiz de Fora, Rio de Janeiro, Natal, Niterói e Rio Grande. O corpus está disponível na web, na página do grupo e é constituído por textos orais e escritos, produzidos por informantes distribuídos quanto ao sexo e à escolaridade (nível superior ao fundamental). Cada informante produziu cinco tipos distintos de textos orais e os respectivos textos escritos dos seguintes gêneros: narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião.

Pela variedade de gêneros, julgamos a princípio que seria uma rica amostra para a coleta dos dados. Do conjunto dos corpora, selecionamos, na pesquisa exploratória inicial, o referente à cidade de Rio Grande (Rios de Oliveira; Votre, 1996) composto por textos produzidos por 20 informantes, totalizando 32.023 palavras.

5.2.2 O banco "Portuguese Tweets for Sentiment Analysis"

O banco de dados "Portuguese Tweets for Sentiment Analysis" é um corpus, disponível na web⁴² formado por 800 mil tweets em português, coletados de 01/08/2018 to 20/10/2018, e divididos conforme o sentimento (positivos, negativos e neutros) em quatro grupos:

- a) Tweets com tema: recolhidos utilizando cerca de 100 termos políticos, juntamente com emoticons positivos e negativos. Contém cerca de 60 mil tweets.
- b) Tweets sem tema: recolhidos utilizando apenas emoticons positivos e negativos. Contém cerca de 780 mil tweets.
- c) Tweets neutros⁴³ de hashtags: recolhidos utilizando hashtags. Contém cerca de 15 mil tweets.
- d) Tweets neutros de contas de notícias: recolhidos diretamente de contas de notícias populares. Contém cerca de 35 mil tweets.

Desses, usamos o "Tweets sem tema", porque é aquele em que há mais *tweets* pessoais: são usuários comuns falando do cotidiano. Nos demais, predominam *tweets* provindos de entidades públicas ou jornalísticas que usam uma linguagem mais monitorada para falar de temas ligados a notícias.

5.2.3 O corpus de referência: Corpus do Português

Contendo aproximadamente 2,145 bilhões de palavras, o *Corpus* do Português foi criado em 2006 pelo professor Mark Davies e é financiado pela *National Endowment for the Humanities*. O *corpus* é composto de três *subcorpora*: Gênero/Histórico, *Web*/Dialeto e *NOW*, possuindo cada qual, respectivamente, 45 milhões; 1 bilhão e 1,1 bilhões de palavras.

O primeiro *subcorpus* foi constituído de textos históricos compilados desde o século XIII até o XX. Os textos provenientes deste foram divididos igualmente entre os gêneros

⁴² Disponível em: <https://www.kaggle.com/datasets/augustop/portuguese-tweets-for-sentiment-analysis>

⁴³ Isto é, *tweets* que não expressam sentimentos nem negativos, nem positivos.

de estilo falado, ficção, jornais e textos acadêmicos. Já *Web/Dialetos* contém textos recolhidos, entre 2013 e 2014, de páginas da *web* de quatro países lusófonos, Angola, Moçambique, Brasil e Portugal. Por fim, é de páginas da *web* desses mesmos países que foi coletado o material do *NOW*, que é formado por textos publicados entre 2012 e 2019.

O *corpus* possui uma ferramenta de busca que permite que os usuários pesquisem palavras, expressões, classes gramaticais e listas de palavras personalizadas. Ao clicar em um dos resultados, aparecerão as ocorrências a eles referentes, cada qual inserida em um contexto que pode ser expandido.

5.3 Procedimentos de coleta

Os procedimentos de coleta variaram conforme o banco de dados, uma vez que cada um apresentava organização e características distintas.

5.3.1 Coleta dos dados no D&G

O processo de coleta de dados do corpus D&G ocorreu de forma totalmente manual, em duas etapas: inicialmente foi feita a leitura do livro digital correspondente à cidade do Rio Grande, buscando-se as ocorrências que se encaixavam nas características das partitivas adverbiais ou adnominais, marcando-se com cores diferentes as ocorrências de um tipo e de outro de partitiva. Em seguida, essas ocorrências foram levadas para uma planilha Google a fim de serem categorizadas.

5.3.2 Coleta de dados do banco "*Portuguese Tweets for Sentiment Analysis*"

Considerando a extensão do *corpus*, a coleta se deu em duas fases. Em um primeiro momento, fizemos a coleta automática das ocorrências, servindo-nos do código Python, transcrito no Quadro 2, para filtrar os dados e reduzir a extensão do *corpus*.

Depois desta primeira coleta, fizemos a coleta manual dos 10 mil primeiros *tweets* gerados na coleta automática, que somaram um total de 142.541 palavras. A partir daí, verificamos quais ocorrências contendo a preposição *de* realmente se encaixavam nos padrões partitivos, tomando como parâmetro a forma e o sentido, adiante explicitados.

Quadro 2: Código Python para filtragem dos dados

```

import pandas as pd
import nltk
from nltk.tokenize import word_tokenize

# Baixar recursos necessários do NLTK
nltk.download('punkt')

# Carregar o arquivo CSV
df = pd.read_csv('NoThemeTweets.csv')

# Lista de palavras a serem verificadas
palavras_chave = [
    "de", "do", "da", "dos", "das",
    "dele", "dela", "deles", "delas",
    "deste", "desta", "destes", "destas",
    "disto",
    "desse", "dessa", "desses", "dessas", "disso",
    "daquele", "daquela", "daqueles", "daquelas",
    "daquilo"
]

# Função para verificar se o texto contém as palavras-chave
def contains_palavras_chave(text):
    # Tokenizar o texto
    tokens = word_tokenize(text, language='portuguese')
    # Verificar se algum token está na lista de palavras-chave
    return any(token in palavras_chave for token in tokens)

# Filtrando os textos que contém as palavras-chave
filtered_tweets = df[df['tweet_text'].apply(contains_palavras_chave)]

# Exportar os resultados para um arquivo TXT
filtered_tweets.to_csv('filtered_tweets.txt', index=False, header=False, sep='\n')

```

Fonte: elaborado por Gonçalves, C.M.M.

5.3.3 Coleta dos dados no Corpus do Português

Do Corpus do Português, usamos duas abas: a aba *Historical* e a aba *NOW*. Da primeira tomamos os séculos XVII e XIX, e toda a segunda, representando o século XXI. Assim, procedemos à análise dos usos partitivos da construção [SN de Demonstrativo] – cujo demonstrativo é ou *esses*, ou *essas* – analisando dados dos séculos XVII, XIX e XXI.

A coleta dos dados deu-se por meio de ferramentas do próprio *corpus*, com a entrada “desses” e “dessas” e a posterior seleção das saídas, coletando os usos até as primeiras 200 ocorrências em cada século e entrada pesquisados, o que gerou uma amostra de 246

ocorrências, o que representa 41% das ocorrências dos três séculos que somaram 600 dados de *desses* ou *dessas*.

Além dessa coleta exploratória, para avaliar a produtividade das adverbiais, recorreremos ao *Corpus do Português* para testar intuições no decorrer da análise, usando para isso expressões mais específicas, descritas no próximo capítulo, e outras mais esquemáticas, como [COMER de NOUN], [BEBER de NOUN], [PROVAR de NOUN], [USAR de NOUN], [SER de].

5.3.4 Problemas na coleta de dados

Como dissemos, a escolha da fonte de dados inicial recaiu sobre o D&G como representante do século XX e de variados gêneros nas modalidades oral e escrita, usando-se como contraponto o Corpus do Português, aba *Now*, como representante do séc. XXI para testar algumas intuições da análise. Todavia, a baixa quantidade de ocorrências encontradas no primeiro *subcorpus* do D&G (cidade do Rio Grande), especialmente, das adverbiais, levou-nos ao receio de, como afirmam gramáticos normativos, a construção partitiva realmente ser rara no português moderno, o que impossibilitaria a análise quantitativa.

A coleta de dados no Corpus do Português, a despeito de ser um corpus grande, mostrou-se problemática como corpus único, por necessitar de expressões de busca. Como o corpus não tem notação sintática, esse recurso poderia restringir ou ampliar demasiadamente os resultados, como no caso das adverbiais cuja expressão de busca seria algo como [VERB + de + NOUN], que traria milhares de ocorrências não pertinentes à construção desejada. Precisaria haver no corpus uma forma de restringir a classe verbal aos verbos classificados como transitivos diretos, por exemplo, para resultar em construções adverbiais. Como não há possibilidade de filtrar o tipo de verbo, a outra solução é pesquisar por verbos específicos. Esta foi a solução adotada para a pesquisa das adverbiais, usando-se verbos listados na literatura como favorecendo a construção adverbial, como descrito no item 5.3.3. Essa solução levou-nos, por exemplo, a encontrar colocações, como *usar da palavra* (164 ocorrências); *usar da força* (49 ocorrências), *usar de ironia* (19 ocorrências).

Os procedimentos de coleta díspares e a caracterização diferenciada dos corpora levaram-nos a tomar uma decisão metodológica: manter todos os dados coletados apenas para fins de comparação geral na análise qualitativa e proceder à análise quantitativa apenas com os dados coletados do banco de dados de Tweets, que, ainda que nos tenha dado uma quantidade pequena de construções adverbiais, resultou em um número expressivo de construções

adnominais. Portanto, os resultados quantitativos apresentados no próximo capítulo tomaram por base apenas os dados coletados da rede Twitter, atual X.

5.3.5 Critérios de inclusão e exclusão

A coleta das construções partitivas na amostra de 10 mil Tweets, previamente selecionados com base na estrutura geral expressa anteriormente, exigiu a aplicação de critérios de base semântica para a inclusão ou exclusão das ocorrências, o que nem sempre foi simples, pois o sentido partitivo muitas vezes se aproxima de outros sentidos, como pertencimento, especificação e posse.

Foram inclusas as ocorrências que se encaixavam na construção: [SN1 de SN2] em que o SN1 tinha valor de subconjunto ou parte e o SN2 o valor de conjunto ou todo, como os exemplos a seguir.

(44) **Uma boa parte das investigações** sobre a psicologia começam com trabalhos de psicanalistas.

(45) tenho alergia a vários remédios e quando tomo **algum deles** meu olho fica todo inchado.

Assim, foram excluídas ocorrências como as transcritas a seguir, em que a construção [SN1 de SN2] não designava uma relação parte/todo.

(46) se alguém me chamar de falsa eu mando **a lista de coisas que tenho que fazer** todos os dias

(47) minha Irma tem a pele muito seca e **usa tudo da la roche-posay.**
@wannadiewtv 5 sec mais o tempo de

(48) onde posso ir brincar :D Para quê ter **um grupo de amigos muito grande** se ninguém desse grupo mete as

(49) pra entregar as fotos do #MEGACAF2018 ainda hoje! **esse pessoal da direita** agora ficar pregando a violência, invasão de outros

(50) falei do "clubista" na primeira mensagem. @vsallet vou querer **um de 15** para experimentar! Dependendo da resposta da minha pele compro

Em (46), a expressão *lista de coisas* denota apenas uma ideia de agrupamento de coisas a fazer em dada ordem, não a ideia de extração de um todo. Em (47), a construção (usa) *tudo da la Roche-Posay* expressa origem: "(usa) tudo que vem da marca la Roche-Posay". Em (48), o SN1 não expressa parte de um todo, mas um agrupamento especificado pelo SN2. Do mesmo modo, o SN2 de (49) antecedido da preposição denota especificação do termo geral *pessoal*. Por fim, a construção em (50) expressa a ideia de preço.

Como incluímos na análise as chamadas adverbiais, muitas vezes tratadas na literatura como *bare partitives*, incluímos ocorrências que figuraram sem o SN1, em estruturas do tipo: [V de SN2], em que o SP representa um argumento do verbo e uma relação parte/todo, cuja parte é indefinida e inespecífica, como nos exemplos a seguir.

(51) quero **ser disso** tbm :)

(52) @arredondaasaia Lmao eu **sou dos teus** :)

Foram excluídos casos que se apresentam nessa estrutura, mas não expressavam relação parte/todo, mas assunto, como nos exemplos a seguir.

(53) minha mãe **sabe mais das pessoas que costumavam ser amigos meus** do que eu :)

(54) co/USFmO7jsr8 — Sou de Aquario :) eu **não sei muito de signos**. =\ mas eu gosto de sagitário.

Deparamo-nos com algumas ocorrências que não se encaixavam nos critérios de inclusão, mas que se aproximavam bastante do sentido parte/todo, embora não de forma tão clara. Consideramos esses casos zonas de fronteira, mas deixamos de fora da análise quantitativa porque nosso objetivo neste estudo é buscar as regularidades com o fim de propor uma caracterização das partitivas.

Incluem-se entre esses casos de fronteira exemplos como os transcritos a seguir em que o SN1 é o termo *parte* e o SN2 designa não um grupo delimitado, mas um estado ou evento

(Chafe, 1979) expresso por um verbo no infinitivo. A expressão designa, assim, uma parte de um dado processo que é apresentado como um todo com determinadas características, das quais se destaca uma (boa ou ruim), como ilustram os exemplos do corpus:

(55) @Marcioalbertini **pior parte de ser macumbeiro** é resguardo.
@DaniloGentili parece o jim carey

(56) **Parte boa de ter amigos** que querem med é que...

(57) **A parte boa de ser solteiro** é que as vzs tem muita boca...

(58) **A parte boa de não falar** mais com meu pai é que ele...

A construção parece ser de uso recente, pois, no Corpus do Português⁴⁴, aparece apenas uma ocorrência na aba *Genre/historical* (séc XIV a XX): *Essa é a pior parte de ser ensinada por tutores* (28/04/19 - Entrevista Anna Paquin). Já na aba *Now* (séc. XXI), aparecem em torno de 100 ocorrências, com o termo *parte* modificado por adjetivos qualificadores (Azeredo, 2008)⁴⁵, como *boa/melhor, ruim/pior, triste, bacana, bonita, principal, negativa, legal, grandiosa, chata, difícil, chata*:

(59) **a parte bacana de conferir todos estes lugares** é que nós conseguimos imaginar por onde os turistas mais costumam passear (Tudo Celuar, 03/12/2015)

(60) **essa é a parte legal de ser famoso**, não fica se preocupando muito, você vive o dia. (O Dia online, 01/10/2014)

](61) **A parte difícil de estimular a inovação** é justamente aprimorar as múltiplas dimensões simultaneamente.(Exame, 29/05/2017)

⁴⁴ A busca nas duas abas referidas nesse trecho foi feita usando-se as expressões: [A parte ADJ de VERB]/[A pior parte de VERB]/[A melhor parte de VERB]

⁴⁵ O autor considera assim os adjetivos que expressam “noções referencialmente variáveis ou decorrentes de opinião” (Azeredo, 2008, p.171).

(62) **a parte boa de ser atleta** é que o título mais importante é sempre o que está por vir (Terra Brasil, 14/10/2014)

(63) Ele conta que já deu até para sentir **a parte ruim de ser artista**, que é ficar longe de a família. (Rondônia ao vivo, 14/12/2012)

Do ponto de vista formal, essas construções podem ser consideradas instâncias do esquema SN1 de SN2, uma vez que o infinitivo assume valor substantivo e, portanto, pode ser compreendido como núcleo do SN2. O SN1, como ocorre com as construções partitivas, representa uma parte, uma fração. O SN2 semanticamente representa um estado ou evento, portanto, uma entidade abstrata, que é vista como constituída de diferentes partes.

Outros casos que foram excluídos da análise são os transcritos a seguir:

(64) **Das coisas que eu não faço mais**: discutir online.

(65) @Leonorfgsc **das melhores surpresas de 2018**, és um dos meus maiores apoios.

(66) Adoro-o, sem dúvida **das melhores amizades que tenho** :) E se não der certo,

(67) sem zoeira) @sarmennto gosto dele do jeito que tá. Entretanto **dessas duas alternativas a segunda é melhor**.

As frases em (64-67)) podem ser interpretadas como nas paráfrases a seguir:

(64') discutir online [é **uma**] **das coisas** que eu não faço mais.

(65') seres um dos meus maiores apoios é [uma] **das melhores surpresas de 2018**.

(66') [uma] **das melhores amizades que tenho**

(67') [a] melhor **dessas duas alternativas é a segunda**

Nos três primeiros exemplos, parece haver a elipse de um termo quantificador, daí a semelhança com a construção partitiva: discutir online é parte do conjunto das coisas que eu não faço mais; alguém ser um dos meus maiores apoios é parte do conjunto das surpresas de 2018 e, por fim, a amizade dele é parte do conjunto das minhas melhores amizades. O último exemplo também se assemelha a um sentido partitivo: a segunda (alternativa) é parte do conjunto das duas alternativas. Novamente, optamos por não incluir tais construções pela ausência do SN1 em contexto diverso das chamadas adverbiais, que também não apresentam SN1, mas são argumentos verbais, como nos casos a seguir.

(68) Ele também **comeu do bolo do PREFEITO?** (Portal GCN, 16/08/2015).

(69) Nós mostramos a mágica aqui em o blog (porque **somos dessas**, românticas!)
", avisa o editorial (UOL, 18/04/2014).

Apesar dessas considerações, optamos por excluir da análise quantitativa as construções como as de (64) – (69), por julgarmos que merecem uma análise com mais vagar, que não será levada a cabo neste trabalho por limites temporais.

5.4 Categorias de análise

Os dados coletados foram categorizados quanto a fatores formais, semânticos e pragmáticos, com o fim de identificar propriedades predominantes e caracterizar as construções partitivas em português.

5.4.1 Variáveis ligadas ao SN1

Com o fim de caracterizar o SN1, o que figura nas chamadas construções partitivas adnominais antes da preposição, consideramos as seguintes variáveis:

a) *classe gramatical do núcleo do sintagma nominal*: pretendemos avaliar se há predominância de alguma classe gramatical sobre outras. Este fator tem as seguintes categorias: substantivo, pronome indefinido, pronome demonstrativo, adjetivo, numeral:

(70) *Substantivo*: sorry todo dia tu tem **uma crise dessa** e eu nao aguento mais pq é tudo mentira

(71) *Pronome indefinido*: Fiz um Moment com **alguns dos meus desenhos** pra quem quiser acompanhar!

(72) *Pronome demonstrativo*: Só quis dizer que **o que eu interpretei dessa conversa** foi que o que a pessoa quis dizer...

(73) *Adjetivo*: **O melhor disto tudo** e que amanha tenho que estar de pé

(74) *Numeral*: Posso ser **uma das madrinhas**.

b) *definitude do nome*: apoiados em Givón (1995) e Lima (2009), verificaremos quatro graus de definitude, com o fim de caracterizar as construções partitivas: altamente definido⁴⁶ - definido - indefinido - altamente indefinido.

(75) definido: **eu sou a pessoa mais orgulhosa dessas meninas** no mundo inteiro :) elas trabalharam tanto pra conseguir

(76) indefinido: Recebi **um monte de nada** eheheh estou bue feliz

(77) altamente indefinido: eu jurava que **nenhuma das meninas** ia :D

c) *número do SN*: também com o fim de caracterizar a construção partitiva, avaliaremos o número do SN1: singular – plural - coletivo:

(78) singular: **a maioria das pessoas** que votam nele tem ensino superior.

(79) plural: Para quem quiser ir comer **umas fatias de bolo** acompanhadas com Azeite

⁴⁶ Manifestam alta definitude os nomes próprios e os pronomes pessoais que não figuram como SN1 nas construções partitivas.

(80) coletivo: prefiro minha propria companhia do que me juntar ao **bando de adolescente idiotas** :)

5.4.2 Variáveis ligadas ao SN2

Há seis variáveis ligadas ao SN2, comum aos dois tipos de partitiva: adnominais e adverbiais. As variáveis formais avaliadas foram classe gramatical do núcleo do SN e número. As variáveis semântico-pragmáticas foram definitude, animacidade, estatuto informacional e individuação:

a) *classe gramatical do núcleo do sintagma nominal*: diferentemente do SN1 que apresentou cinco possibilidades, este fator na avaliação do SN2 tem sete fatores: substantivo, pronome pessoal, adjetivo, pronome possessivo, pronome demonstrativo, pronome indefinido, numeral:

(81) *Substantivo*: Veja **alguns dos meus trabalhos** aqui!

(82) *Pronome pessoal*: A tua mãe **curte demasiado de mim** :)))

(83) *Adjetivo*: mas é **um frio na barriga dos bons**...

(84) *Pronome possessivo*: vida eterna para mim e mais **alguns dos meus**

(85) *Pronome demonstrativo*: Receber **uma coisa dessa** é pra melhorar o dia de qualquer um.

(86) *Pronome indefinido*: **o pior de tudo** é ver isso vindo de uma mulher :)

(87) *Numeral*: E eu ser **uma das 50** :)

b) *número do SN*: esta categoria vai compor o grau de individuação do SN2. avaliamos o sintagma 2 da construção quanto ao número *singular, plural, coletivo*:

(88) singular: estou vivendo a "**melhor fase da minha vida**" :)

(89) plural: Se reconheceres **alguns destes sinais** na tua própria relação

(90) coletivo: Eu sempre fui **o melhor aluno da minha turma** (sempre ensino público) até a universidade

c) *definitude do nome*: como no SN1, verificaremos quatro graus de definitude do SN2, com o fim de caracterizar as construções partitivas: altamente definido - definido - indefinido - altamente indefinido.

(91) altamente definido: o voto da **maioria de vocês** até o momento.

(92) definido: uma auditoria da divida por exemplo, que consome **mais de 50% do orçamento**...

(93) indefinido: mas é a vida desejo te **td de bom** pq mereces

(94) altamente indefinido: **O mais legal de tudo** que pode ter a quantidade de gente...

d) *grau de animacidade do nome restritor*: para caracterizar semanticamente o SN2 da construção, consideraremos, com base em Seržant (2021a), o nome que aparece no segundo SN, definido como restritor, e pretendemos verificar se há tendência a ser mais ou menos animado. Esta categoria segue a hierarquia de empatia (Langacker, 1991) e se apresenta do seguinte modo: falante > ouvinte > humano > animal > objeto fisico > entidade abstrata. Adaptamo-la da seguinte maneira:

(95) animado humano: Tem **um monte de gente** pra ser ajudada

(96) animado não-humano: vou ter pesadelos c **30 aranhas destas**

(97) inanimado concreto: Ainda não comi **desse teu costelão**

(98) inanimado abstrato: que adianta ter milhoes na conta mas ter **um monte de problemas**

e) *estatuto informacional do SN2*: com base em Prince (1981), avaliamos três possibilidades: dado - novo - inferível:

(99) *Dado*: mas gosto dessa musica. Quando estive em Portugal, foi **uma das musicas** que mais cantei.

(100) *Novo*: trabalho pela frente, uma história pra contar e **um monte de café** para enxugar da tela do lap :)...

(101) *Inferível*: do Premiere me tirando do sério :P Por **mais sorrisos destes** :)

f) *Individuação do SN2*: a individuação de uma dada entidade se relaciona diretamente com sua saliência cognitiva, o que é uma questão de grau e depende de propriedades como *animacidade*, número e definitude, ou seja, está ligada às categorias de *delimitação* e estado de divisão de Talmy (2006), de modo que quanto mais delimitada e discreta uma entidade for, mais individuada, mas separada do Fundo. Baseados em Lima (2009), medimos o grau de individuação, conforme as variáveis *número, definitude e grau de animacidade* atribuindo pontos do seguinte modo:

- Número: singular (1); plural e coletivo (0);
- Definitude: convertemos a categoria de definitude em binária: definido (1) - indefinido (0);
- Animacidade: animado humano (3) - animado não humano (2) - inanimado concreto (1) - inanimado abstrato (0).

A aplicação desses índices, levou a cinco graus possíveis:

(102) Grau 0: Hoje eu passei **um pouco de ciúmes**, mas de boa....

(103) Grau 1: apesar de tudo nao te desejo mal nenhum, **tudo de bom** :)

(104) Grau 2: acabei de descobrir que se mandar vir **6 garrafas desta**

(105) Grau 3: **A melhor do album** :D e vamos ouvir o filhos da puta

(106) Grau 4: **um monte de gente** fica so reclamando q nao consegue

(107) Grau 5: mas eh otimo pq ngm espera **nada de mim** como cacula

5.4.3 Variável ligada ao processo nas adverbiais

A fim de testar se a classe semântica do verbo influencia o emprego de uma construção partitiva adverbial, usamos a classificação de Halliday (2004), segundo o qual, os processos podem ser: materiais, mentais, verbais, relacionais, existenciais ou comportamentais⁴⁷.

(108) *Material*: Estamos **fazendo** de tudo para resolver o quanto antes.

(109) *Mental*: @GMirandas_ **compartilho** do msm sentimento :)

(110) *Relacional*: Só que essas não **são** das mais frescas :)

(111) *Verbal*: "avisar que ontem rolou gravação de mais um #MIDCastNasEleicoes **analizando** do Debate dos presidenciais que ocorreu na @RedeTV!

5.4.4 Variáveis ligadas à construção

Duas variáveis se aplicaram à construção em sua totalidade. Uma ligada à forma e outra ao sentido.

a) *Tipo de partitiva*: classificamos as construções em dois grandes tipos, conforme o padrão que apresenta, partitiva adnominal e partitiva adverbial, conforme figure com dois sintagmas nominais explícitos: SN1 de SN2, ou funcionando como argumento verbal de valor aproximado ao artigo partitivo do português arcaico, em que haveria um SN1 altamente esquemático deixado sem expressão: V de SN2:

(112) *Adnominal*: sábado eu vou ter q ir fazer **mais uma dessas merdas**

⁴⁷ Não foi encontrada ocorrência com processos existenciais e comportamentais.

(113) *Adverbial*: Misturo inglês e português sim, **sou dessas** :))))

b) *Sentido da construção*: categorizamos as construções, conforme cinco sentidos: *extração, quantidade, totalidade, destaque qualitativo e tipo*. Por ser um dos tipos de quantificação, a construção partitiva terá sempre uma noção de quantidade e, por significar uma relação parte/todo, terá também, em maior ou menor grau, noção de extração. A classificação toma por critério o sentido mais saliente da construção inteira:

a) *Extração*: noção de parte de um todo:

(114) **a única dessas teens brancas** que não boicotam é a Katya...

b) *Quantidade*: noção de quantificação ou medição:

(115) **3 pedaços de chocolate ao leite** mais uma xícara de café expresso

c) *Totalidade*: a parte abrange o todo:

(116) **Nenhum destes artistas** me inspira confiança

d) *Destaque qualitativo*: destaca um elemento por uma qualidade em grau máximo ou mínimo:

(117) sou **a melhor colega da turma** de quinta

e) *Tipo*: apresenta o trajector como representante de um tipo, no sentido que usa Langacker (2008), conforme discutimos no capítulo 2:

(118) pra que inimigas com **uma melhor amiga dessa**?????

5.5 Instrumentos

Após a categorização, os dados foram tabulados, por meio do software PSPP, um software gratuito de análise estatística, similar ao SPSS for Windows da IBM, que nos deu a frequência e fez o cruzamento das variáveis com o fim de verificar o grau de influência destas na expressão das construções partitivas em português. Conforme os resultados, usamos também a estatística inferencial, para verificarmos o grau de significância de determinada variável.

Paralela a essa análise quantitativa, fizemos uma análise qualitativa, em que avaliamos a relevância dos fatores e estabelecemos relação entre os resultados e a teoria sobre as partitivas para propor, ao final, uma caracterização da construção partitiva em português calcada em dados reais.

6 AS CONSTRUÇÕES PARTITIVAS NO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

Traçado todo o percurso teórico sobre partitividade nos capítulos anteriores, apresentamos, neste capítulo, os resultados da análise das construções partitivas no português contemporâneo. O capítulo acha-se dividido em três seções. Primeiramente, apresentamos os dados gerais das coletas nos três corpora. Em seguida, tratamos, qualitativa e quantitativamente, dos resultados referentes a cada grupo de variáveis. Por fim, apresentamos uma síntese dos resultados, propondo uma escala de partitividade, calcada nos resultados.

6.1 Dados gerais

Do conjunto de bases pesquisadas, coletamos 1.086 ocorrências de construções partitivas no português contemporâneo. A tabela 1 apresenta os resultados gerais por corpus e tipo de partitiva.

Tabela 1 – Frequência de ocorrências por *corpus*

CORPUS	TIPO DE PARTITIVA			
	Adnominal		Adverbial	
	Nº	%	Nº	%
D&G	103	11,83%	4	1,84%
Tweets	633	72,87%	57	26,26%
Corpus do Português (aba Now)	133	15,28%	156	71,88%
TOTAL	869	100%	217	100%

Fonte: o autor

Os dados evidenciam a alta produtividade da construção partitiva adnominal, contra a baixa frequência do tipo adverbial. As adnominais correspondem a 80% (869/1086) da soma de ocorrências dos três corpora. Com exceção dos dados do Corpus do Português, cuja coleta, como já explicitamos no capítulo anterior, foi bem diversa das demais, nos dois corpora, as adverbiais se manifestam em proporção consideravelmente menor: 3,73% (4/107) no D&G e 8,24% (57/690) nos Tweets. As 57 ocorrências de construções adverbiais retiradas do *corpus* formado por 10 mil tweets correspondem a 5,4% (57/1086) do total, uma mostra da raridade das construções partitivas adverbiais no português contemporâneo.

Longe de julgar-se uma questão do *corpus* que desfavoreceria essa construção, o que consideramos pouco provável haja vista serem os Tweets registro muito próximo da fala informal, em que se manifestam vários fenômenos de mudança, os resultados apontam para um

baixo uso em geral, que merece investigação futura de cunho diacrônico, a fim de verificar se, em períodos anteriores ao final do século XX (corpus D&G), a construção apresenta maior frequência de uso. A alta discrepância em termos de frequência dos tipos de construção nos dados também nos leva a sugerir novos estudos que avaliem a frequência de uso das adnominais: estariam as adnominais sobrepondo-se às adverbiais?

Feitas essas considerações gerais dos dados dos três corpora, passaremos a seguir a apresentar os resultados do corpus dos Tweets.

6.2 Exame dos dados

Como explicitamos na metodologia, algumas variáveis só se aplicaram a determinado tipo de partitiva, pela própria estrutura de cada uma. Passaremos a apresentar os resultados quantitativos das variáveis em geral para, em seguida, tratarmos das relações entre elas, a fim de depreender alguma regularidade que nos permita caracterizar as construções partitivas no português contemporâneo.

6.2.1 Propriedades do SN2

De modo geral, o segundo sintagma nominal nas construções partitivas, aquele que é expresso depois da preposição, apresenta-se predominantemente, com núcleo expresso por um substantivo (66,23% - 457/690), no singular (56,67% - 391/690), definido (71,44% - 493/690), e representa uma entidade inanimada (70,57% - 487/690) com estatuto informacional dado (63,33% - 435/690).

6.2.1.1 A classe do SN2

O alta frequência de sintagmas nominais plenos leva-nos, à primeira vista, a concluir pela baixa acessibilidade do referente (Givón, 2001), o que não se coadunaria com o índice de entidades dadas. Cumpre lembrar que, conforme explicitamos na metodologia, pela característica do corpus, um compilado de curtas frases com limitados caracteres, muitas vezes aludindo a outros tweets a que não se tem acesso, adotamos o ponto de vista do ouvinte para classificar segundo Prince (1992) as entidades, reunindo como dadas ou evocadas tanto as entidades textual ou situacionalmente evocadas, como as entidades não-usadas, ou seja,

acessíveis como parte do conhecimento lexical e cultural. Esse parece ser de fato o caso em exemplos como (119) – (123).

(119) Boa, afinal *usufruis-te do google*, estou a ver :P

(120) mas tem muito bandido, em *qualquer parte do mundo*.

(121) O laboratório dela tem *MUITO de Bourdieu*, e sei que ela mantém, apesar da UFRJ

(122) *Algum dia da semana* tu vem pra porto?

(123) Acho que desenvolver vai ser parte de mim pro *resto da minha vida*.

Nota-se que, em alguns casos, trata-se de referentes únicos, como *Google* e *Bourdieu*, em (119) e (122), respectivamente, que, como nomes próprios, Givón (2001) considera ancorados na memória episódica. Noutros casos, o todo representa referentes presentes na memória permanente, como *semana*, *vida*, *mundo*. Muitas ocorrências, todavia, são de substantivos modificados por oração adjetiva ou sintagmas preposicionadas ou determinados por pronomes possessivos ou demonstrativos que funcionam ancorando os nomes no *Ground* (Langacker, 2008).

(124) eu sou dessa galera aí **que ia em orkontros...**

(125) metade das pessoas **q apoiam este governo**

(126) metade das coisas **da minha TL** eu n entendo nada :) P

(127) uma parte da **minha família** é hindu

Em (124), o emprego do pronome demonstrativo parece apelar à memória compartilhada do ouvinte no que se conhece como dêixis de memória, de modo que o referente *essa galera aí que ia em orkontros* é tratado como conhecido pelo interlocutor. Nas palavras de Santos e Cavalcante (2014, p. 236), “o demonstrativo acentua a ilusão de atenção conjunta,

como se o referente, ainda que ativado pela primeira vez, pudesse ser facilmente acessado pelo destinatário”.

Já os casos em (126) e (127) se ancoram em estruturas que, por conterem pronomes possessivos que fazem referência ao falante, trazem especificidade o suficiente aos referentes para que sejam interpretados como únicos, facilitando seu acesso. Assim, *minha* e *da minha TL*, atuam, respectivamente, determinando e modificando os núcleos dos sintagmas de modo que os referentes correspondentes a *a minha família* e *as coisas da minha TL*, tornam-se mais acessíveis ao ouvinte por meio de sua singularização.

Por outro lado, em (125), o fato de *governo* estar determinado pelo demonstrativo *este* implica uma referência a uma entidade subjetivamente próxima ao falante. Nesse caso, o governo em questão se encontra próximo por ser o governo que está vigente no momento da escrita do texto, o tempo presente para o falante e o ouvinte. É essa ancoragem ao tempo presente e, por consequência, dos interlocutores, que permite assumir que o governo em questão e as pessoas que o apoiam fazem parte do conhecimento compartilhado.

Esse emprego é bem comum em estruturas com pronomes, como em (128) – (133), em que um modificador delimita a extensão contextualmente relevante (RE, nos termos de Langacker, 2017) do substantivo que representa o todo.

(128) obrigada **por seres das pessoas mais engraçadas sinceras q conheço :))**

(129) a gente ja conversou algumas vezes e sla **tu é daquelas pessoas que gosto da amizade sem nem ser amiga,**

(130) **Sou daquelas q fica chateada qndo** da bom dia/tarde/noite na guild e ninguém responde

(131) e às vezes **vc não desfruta do que plantou...**

(132) @__jullynegra @caoticamenteale **eu sou daquelas que eu quero q a pessoa se toque e pare com aquilo** que tá me irritando, eu nao sou muito de ficar falando porque maioria da vzs da muito briga...

(133) Esses sapatinhos da # Pampili **são daqueles de dar vontade de morder** esses pãozinhos...

Em (128), os adjetivos *engraçadas* e *sinceras* qualificam o termo genérico *peessoas* (o ouvinte não é qualquer pessoa, mas das mais engraçadas e sinceras). Há aí também uma qualificação superlativa. Já o SN inteiro, "as pessoas mais engraçadas (e) sinceras" tem a sua extensão delimitada para as "pessoas que conheço". A extensão máxima são todas as pessoas engraçadas e sinceras, mas a referência construída no discurso restringe às pessoas que conheço.

Os outros exemplos partem de uma extensão máxima de *type* indicado, implícita ou explicitamente, pelo nome e retomado pelo pronome demonstrativo que é delimitada pela oração adjetiva desenvolvida ou reduzida. Em (133), a extensão máxima é indefinida, referindo-se virtualmente a todos os sapatinhos, e a extensão contextualmente relevante são os sapatinhos que dão "vontade de morder", identificada com os sapatinhos da Pampili. Em (131) a extensão máxima está implícita: [Sou daquelas (pessoas) que fica chateada quando X] e corresponde a todas as pessoas virtualmente existentes, mas a extensão contextualmente relevante são pessoas que ficam chateadas quando algo específico acontece. Dessa extensão contextualmente relevante, é extraída uma porção: o falante. A tabela 2 resume os dados numéricos dessa variável.

Tabela 2 – Frequência da classe gramatical do SN2

Classe do SN2	Frequência	Percentual
Substantivo	457	66.23
pronome pessoal	38	5.51
pronome demonstrativo	88	12.75
pronome indefinido	17	2.46
Numeral	13	1.88
Adjetivo	75	10.87
pronome possessivo	2	.29
Total	690	100.0

Fonte: o autor

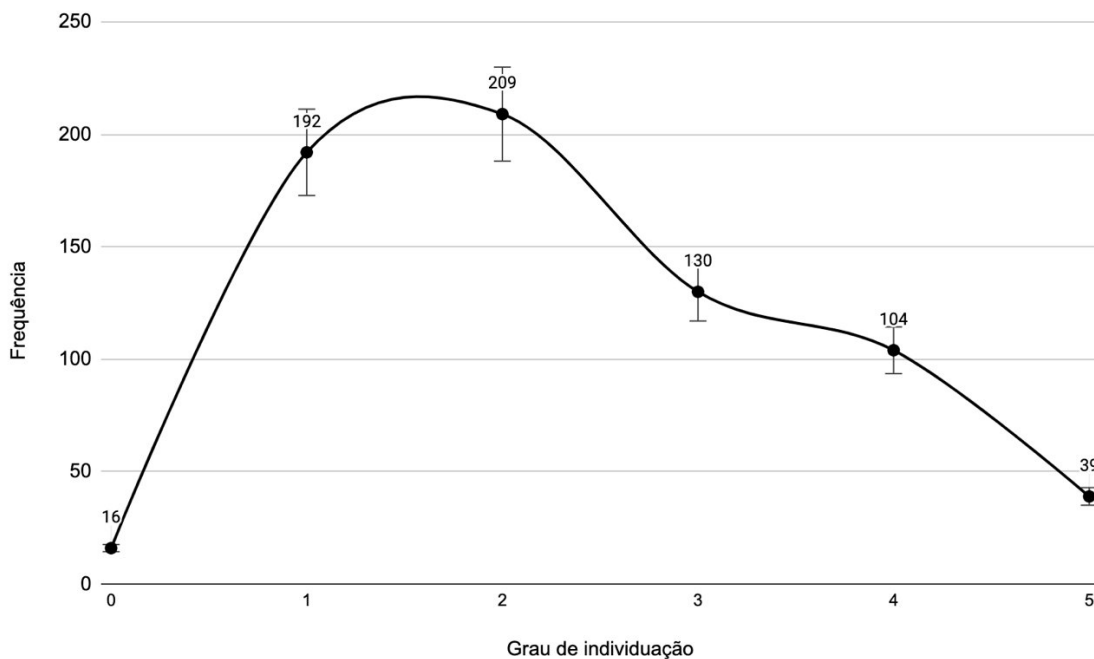
6.2.1.2 A individuação do SN2

A individuação de uma entidade diz respeito a seu destaque em relação ao Fundo. Simplificadamente considerada binária, distinguindo-se apenas entre entidades individuadas x entidades não individuadas, adota-se uma visão escalar da categoria (Grimm, 2018), com base em Hopper e Thompson (1980), que propõem como propriedades de entidades individuadas

nomes próprios, contáveis, singular, que designam entidades animadas, concretas, referenciais e definidas, e como entidades não individuadas nomes comuns, incontáveis, plural, não referenciais que designam seres inanimados abstratos.

Partindo dessas noções, propõe-se, com base em Lima (2009), uma escala de individuação, que congrega as variáveis definitude, número e animacidade, atribuindo-se pontuações, conforme descrito na metodologia. A aplicação desses parâmetros resultou nos dados resumidos no gráfico 1.

Gráfico 1 - Grau de individuação do SN2



Fonte: o autor

O gráfico 1 mostra uma tendência ao SN2 representar entidades com baixa individuação, com grau 1 ou 2, que totalizaram 58,32% (403/691). Esse resultado é consistente com o fato de o SN2 designar o todo em relação à parte, expressa pelo SN1 nas construções adnominais e implícito nas adverbiais. Exemplificamos a seguir cada um dos graus de individuação.

(134) Passamos de 2 milhões de **visualizacoes** - grau 0 (abstrato, plural, indefinido)

(135) Esse canal e para dividir com voces um pouco das **minhas experiencias** nos games e divertir com os amigos - grau 1 (abstrato, plural, definido)

- (136) o ladrão @MulherTamarindo É, eu sei, já usei **um monte de produtos** e nada - grau 1 (concreto, plural, indefinido)
- (137) eu quero comprar um livro e nenhuma das **duas livrarias** que tem já acabou o estoque :) - grau 2 (concreto, plural, definido)
- (138) ha montes de **estrangeiros** com carros alugados - grau 3 (humano, plural, indefinido)
- (139) vc e uma das **melhores pessoas da timeline** e eu sempre fico feliz - grau 4 (humano, plural, definido)
- (140) sou a melhor colega da **turma de quinta**, sem duvidas - grau 5 (humano, singular, definido)

Os exemplos ilustram o que Langacker (2008) chama de *construção-de (of-construction)*, que tanto pode resultar de metonímia, como no exemplo (141), em que tanto se pode perfilar a unidade *bando* como o conjunto *adolescentes idiotas*.

- (141) prefiro minha própria companhia do que me juntar ao **bando de adolescente idiotas** :) pra mim ele só é o bando

6.2.1.3 O estatuto informacional do referente do SN2

Conforme descrito na literatura, o SN2 das partitivas canônicas e também das chamadas partitivas indefinidas (Falco; Zamparelli, 2019) codifica informação dada. Nos dados, resumidos na tabela 3, houve uma expressiva quantidade de entidades dadas: 435/690 (63,04%) contra apenas 175/690 (25,36%) de entidade novas, ilustradas a seguir.

Tabela 3 - Estatuto informacional do SN2

Estatuto Informacional SN2	Frequência	Percentual
NSA	2	.29
Dado	435	63,04
Novo	175	25.36
Inferível	78	11,30

Total	690	100.0
-------	-----	-------

Fonte: o autor

(142) loja comprar umas nike e estavam estragas e em **nenhuma das lojas** havia outro par com o meu numero :))))

(143) mas gosto dessa musica. Quando estive em Portugal, foi **uma das musicas que mais cantei**.

(144) sei se vou usar esse texto, é meio que **uma daquelas coisas que eu escrevo** para cuspir ideias

(145) que e convidado para o GAME CHANGERS sinto **um pouco dessa conquista** como se fosse minha. Antes de youtuber, eu

(146) Só quis dizer que **o que eu interpretei dessa conversa** foi que o que a pessoa quis dizer...

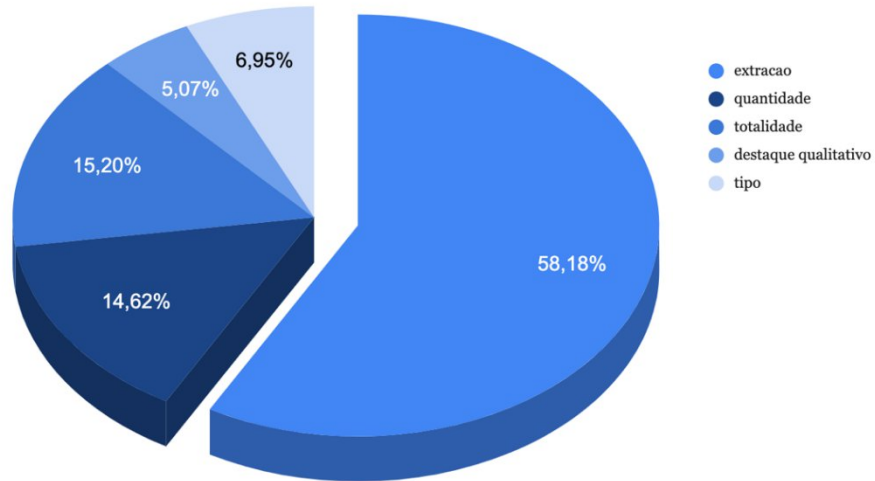
Chamamos a atenção mais uma vez para a categorização de entidades novas não-usadas como dadas, conforme propõe Prince (1992), considerando o ponto de vista do ouvinte pelas características do corpus. Em (142) e (143), o referente de lojas e de músicas foi empregado anteriormente, configurando-se como entidades dadas no contexto discursivo. Já em (145), texto é retomado como "coisas que eu escrevo", portanto, informação dada. Nos dois últimos exemplos, conquista e conversa são nominalizações que retomam segmentos textuais anteriores, presente em parte no tweet (146) e ausente no (147), mas altamente pressupostos pelo contexto.

6.2.2 O sentido da construção

A variável *sentido da construção* pretende reunir numa rede radial os variados sentidos das construções partitivas. Partindo da noção de categorização da Linguística Cognitiva e da noção de construção como unidade simbólica como um pareamento entre estrutura semântica e estrutura fonológica, não poderíamos acatar simplesmente a tipologia da literatura que, calcada essencialmente na forma, separa partitiva verdadeira da chamada

pseudopartitiva. Nosso intuito é verificar até que ponto as construções estudadas se distribuem em uma rede de partitividade. O gráfico a seguir mostra os resultados.

Gráfico 2 – Frequência do sentido da construção



Fonte: o autor

Como ilustra o Gráfico 2, o sentido mais frequente é a noção de extração de parte do todo, com 58,26% (402/690) do total de ocorrências. Exemplos desse sentido estão transcritos em (147) – (150).

(147) Ajudem-me a escolher **uma destas cancoes** para gravar o proximo video:

(148) o Pedro ja enfiou na boca **um pedacinho do coco da gata que achou no chao**

(149) Esse foi **um dos momentos altos do debate**.

(150) Meu Coringaco ta se renovando apos ter perdido **dois tercos do elenco**

O sentido de extração é o mais referido na literatura como ligado à noção de partitividade, conforme vimos no capítulo 2. Em todos os exemplos destacados, observa-se a noção de extração de uma parte de um todo, o que pode dar ideia de proporção ou fração, como em *dois terços do elenco* e *um pedacinho do coco da gata*, quando o referente é apresentando como uma massa coletiva. *Elenco*, embora formado por diversos indivíduos, é conceptualizado

como um todo indivisível, com valor coletivo. Já *coco da gata* é apresentado como uma massa incontável homogênea.

Outras vezes, quando o referente é apresentado como um conjunto de elementos heterogêneos, a noção associada é o destaque de um dos indivíduos do grupo, como em *uma destas canções* e *um dos momentos altos do debate*. Nota-se que as canções estão codificadas como elementos individuais diferentes e não como um todo unificado como seria se o termo fosse álbum, por exemplo. Na última ocorrência, *debate* é visto como algo que tem uma duração X, portanto, é conceptualizado como um conjunto de momentos. A expressão extrai um deles.

As noções de quantidade e de totalidade apresentaram percentuais semelhantes, 14,49% (100/690) e 15,22% (105/690), respectivamente. A noção de quantidade é apontada como um dos critérios para classificar uma construção como pseudopartitiva (Serzant, 2021b).

(151) Acartam *kilos de comida* e comem logo. Nunca percebi (quantidade)

(152) Viver perigosamente: 3 pedaços de chocolate ao leite mais *uma xícara de café expresso*.

(153) Para quem quiser ir comer *umas fatias de bolo*

6.2.3 Propriedades do SN1

Trataremos nesta seção apenas das construções adnominais, pois, como vimos, as adverbiais omitem o sintagma nominal que antecede a preposição. O núcleo do SN1 das construções partitivas adnominais pertence prioritariamente à classe do substantivo (44,70% - 283/633), no singular (91,31% - 578/633) e é indefinido (75,67% - 479/633).

6.2.3.1 A classe do SN1

A literatura descreve as partitivas canônicas como sendo encabeçadas por uma expressão partitiva, pronome indefinido ou numeral (Falco; Zampareli, 2019). Os resultados corroboram, em parte, essa descrição, embora tenha havido uma boa frequência de substantivos, o que, na literatura, é próprio da chamada pseudopartitiva, classificação que evitamos neste trabalho. A tabela 4 sumariza os resultados dessa variável.

Tabela 4 – Classe do SN1 nas adnominais

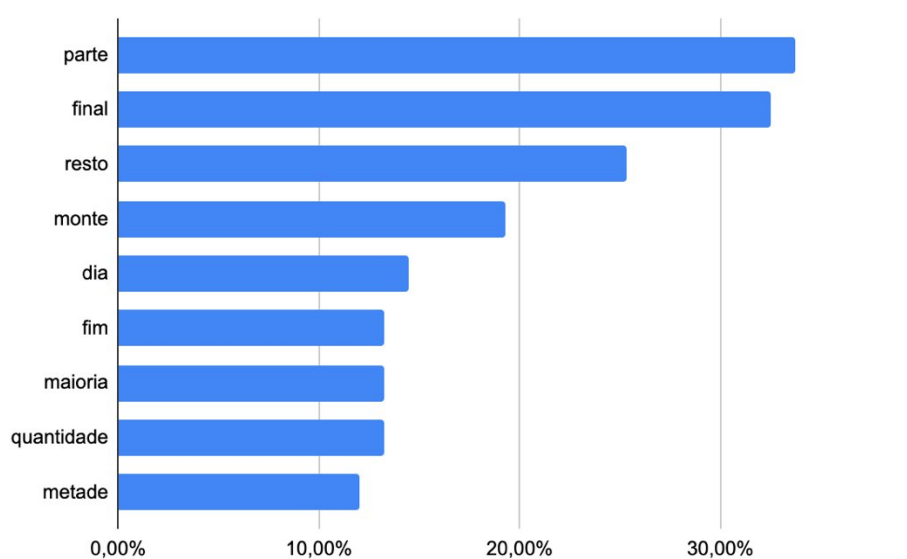
Classe do SN1	Frequência	Percentual
substantivo	283	44,70%
pron. demonstr.	6	0,94%
pron. indef.	181	28,59%
adjetivo	20	3,15%
numeral	143	22,59%
Total	633	100%

Fonte: o autor

Se agruparmos os pronomes e numerais, proposta de classificação vocabular de Macambira (1982), em alinhamento com a literatura, temos um total de 51,89% (329/634) de sintagma nominal assim expresso, o que consiste em leve tendência a essa manifestação, não a uma regra comum. Os dados nos permitem caracterizar o SN1 como basicamente manifesto como substantivo, pronome ou numeral.

Quando seu núcleo é um substantivo, tende a ser uma palavra que expressa parte ou quantidade, como *parte*, *maioria*, *resto*, *multidão*, *metade/meio*, *final/fim*, *começo/início*, *pedaço*, *bando*, *monte*, *quantidade*, *pilha*, *bocado/bocadinho*. Foram usados 83 lexemas diferentes nas 285 ocorrências de substantivos. Os mais comuns estão resumidos no gráfico 3.

Gráfico 3 – Substantivos mais comuns no SN1



Fonte: o autor

Agrupando-se os substantivos conforme o sentido, temos, dentre os mais comuns, 19 substantivos que expressam divisão, como *metade, série, fase, etapa, dia, hora, período, final/fim, início/começo; metade/meio*. 9 expressam quantidade, como *monte, quantidade, enxurrada, multidão, pingo*. 7 expressam a ideia de parte, quer de um objeto, quer de um grupo: *parte, pedaço, bocado, fatia, pedra, membro/integrante*. 4 expressam medida, como *quilo, tonelada, giga, dose*. Também 4 têm a ideia de contêiner, como *garrafa, pacote, pote e prato*. 4 expressam a ideia de sobra: *resto, resquício, restante, sobra*.

Entre esses, *monte, enxurrada, pingo* e *tonelada* sofreram extensão semântica. *Monte* originalmente significa "elevação de uma superfície em relação ao solo que a circunda" (Michaelis, *s.v*). Seu uso como "grande quantidade de coisas" deriva da metáfora conceptual MAIS É PARA CIMA (Lakoff; Johnson, 1980). O termo é usado nos tweets 16 vezes. Trata-se, portanto, do substantivo mais comum dentre os quatro e figura predominantemente no singular indefinido. Apenas uma vez foi usado no plural, em *há montes de estrangeiros com carros alugados*, com valor indefinido. O substantivo *monte* sempre com valor indefinido, combina-se em todas as ocorrências com nomes indefinidos: *monte de gente; monte de perfil; monte de coisa; monte de problemas; monte de produtos; monte de informações; monte de ravioli; monte de bagulho; monte de comida, monte de nada*, como ilustram os exemplos.

(154) que tenhas sucesso, tudo de bom :) @bellamasnaomt Tenho **um monte de coisa pra contar** pra você mas preciso ligar :)

(155) trabalho pela frente, uma história pra contar e **um monte de café para enxugar** da tela do lap :)

Enxurrada significa, noutros contextos, "corrente violenta das águas da chuva" (Michaelis, *s.v*). Na construção partitiva, figura com o valor de "quantidade em abundância" (Michaelis, *s.v*), pela associação entre intensidade e quantidade, metáfora: QUANTIDADE É INTENSIDADE. Pela ideia da impetuosidade e intensidade e, ao mesmo tempo, a noção de imprevisibilidade e incontrolabilidade, o termo, para além da ideia de abundância, parece trazer paralelamente a ideia de movimento, de algo inesperado e incontrolável, como no exemplo (156), o único encontrado.

(156) De Todo Mundo :) # As primeiras cidadãs forem prejudicadas pela **enxurrada de gente que seguiu no primeiro dia**. Mais de 1000 :)
@psciarotta

Nota-se essa ideia de grande quantidade de coisas que chegam repentinamente nos exemplos a seguir, retirados do Corpus do Português, aba *Now*.

(157) Eu acredito que **essa enxurrada de pessoas** demonstra o quanto a fé é maior que tudo (O Diário, 02/06/2019)

(158) A partir de outubro de 2017, Weinstein — até então um dos homens mais poderosos de Hollywood — foi alvo de **uma enxurrada de acusações de assédio sexual** que incluiu atrizes como Ashley Judd, Angelina Jolie e Salma Hayek B (Jornal O Globo, 24/05/2019)

(159) Em meio à **enxurrada de reações ao vazamento de conversas** entre o então juiz Sergio Moro (NSC TOTA, 11/06/2019)

Em (157), percebe-se o caráter inesperado do fato. Trata-se de um trecho de notícia, intitulada "Chuva muda a primeira alvorada do Divino" e reproduz a fala de um dos organizadores que destaca que "A chuva não impediu o louvor ao Espírito Santo". Em (158), o traço mais evidente associado à grande quantidade é a incontabilidade. A notícia "Harvey Weinstein fecha acordo de US\$ 44 milhões com vítimas" aborda o acordo que Harvey Weinstein fez com as vítimas de assédio e contextualiza, aludindo ao que levou o produtor a assinar o acordo. A frase destaca o caráter inesperado, intenso e incontável das acusações. Os mesmos traços percebem-se em (159): as reações ao vazamento de conversas representam algo inesperado, pois foram conversas privadas e, ao mesmo tempo, um fato incontável.

Pingo se relaciona à *gota*: "porção mínima de líquido com forma globosa" (Michaelis, *s.v*). É estendido a nomes que não designam líquidos, como no exemplo (161), o único do corpus.

(160) saber mesmo, moro no meio do Brasil sem **um pingão de areia da praia** :) T
a 3 fatias de comer 1 melão

O substantivo *tonelada* significa uma medida de massa ou de peso. No contexto em que foi empregado, indefinido e plural, junto de nome plural indefinido, *tonelada* significa "uma grande quantidade de elementos" e se relaciona à metáfora que relaciona peso à quantidade. No único exemplo encontrado no corpus, o falante usa "toneladas de estudos sérios", destacando a quantidade imensa de estudos. Esse exemplo é particularmente interessante porque ao mesmo tempo expressa a metáfora que associa peso à quantidade, mas a construção inteira também pode representar uma metonímia que se refere ao peso dos livros: toneladas de livros → estudos.

(161) Há **toneladas de estudos sérios** sobre o assunto.

A título de curiosidade, no Corpus do Português, aba *Now*, com 1.1 bilhão de palavras de notícias da Web, nas primeiras mil e 300 ocorrências do termo, todas usavam tonelada/toneladas designando peso: tonelada de maconha, tonelada de peixes, toneladas de produtos etc.

Em busca no *Google*, aba *web*, na primeira página de pesquisa por "tonelada de", o termo aparece em três canções populares com valor metafórico ligado a termos abstratos: *Tonelada de amor* (Daniela Mercury), *Tonelada de solidão* (Marcos e Belutti), *Tonelada de saudade* (Felipe Amorim). É empregado ainda em nome próprio em um perfil do Instagram: *Tonelada de Forró*. A busca retornou também um verbete da Wikipédia: *Tonelada de refrigeração*, "medida de potência de refrigeração". Apenas um resultado mostrou o valor de peso. Trata-se de uma notícia da União da Indústria de Cana-de-Açúcar e Bioenergia (UNICA) "Produção de etanol por tonelada de cana bate recorde histórico" (9/10/2019)⁴⁸. Somente a partir da segunda página, nos 10 resultados, aparecem mais usos do termo com valor de peso: *tonelada de cana(-de-açúcar)* (2), *tonelada de cocaína* (2), *tonelada de alimento(s)* (3). Repetem-se os dois usos da página anterior: *tonelada de amor* e *tonelada de solidão* e um verbete do dicionário Priberam, que apresenta o sentido informal de *tonelada* para designar "grande quantidade" e a expressão que foi encontrada na busca: *tonelada de deslocamento*: "unidade de medida para calcular o calado de um navio" (Priberam, s.v.). Na terceira página de resultados, aparecem usos exclusivamente relativos a peso.

A busca pelo termo no plural, como figura no corpus "toneladas de", resultou na primeira página de resultados em 7/10 empregos figurados, todos relativos a letras de canções

⁴⁸ Disponível em: <https://unica.com.br/noticias/producao-de-etanol-por-tonelada-de-cana-bate-recorde-historico/>.

populares: *toneladas de desejo, toneladas de paixão, toneladas de amor*. Apenas na segunda página aparece uma ocorrência fora do contexto musical, um post do Instagram do perfil de Felipe Santos: "Agradeço também **as toneladas de mensagens** que eu já recebi! Não vou conseguir responder tudo mas vcs são incríveis!".

Essa breve busca indicia um uso ainda incipiente do termo *tonelada* para expressar quantidade. Parece ainda não estar consolidado como os termos *monte* ou *enxurrada*. Acrescentamos que o termo só se encontra registrado com o sentido de quantidade em dois dicionários online portugueses, o Priberam⁴⁹ e o Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa⁵⁰. Nem o dicionário Aulete online nem o Michaelis online registram com esse sentido.

Como destacam Radden e Dirven (2007), esses quantificadores lexicais, como nomeiam os autores, podem tanto modificar nomes contáveis como nomes que designam massas, o que mostram os exemplos apresentados.

6.2.3.2 A definitude do SN1

A literatura descreve a partitiva canônica como apresentando SN1 indefinido. As construções com SN1 definido são consideradas afastamentos da canônica, como apresentam Falco e Zamparelli (2019) ao tratar dos tipos partitiva indefinida e pseudopartitivas. Também Radden e Dirven (2007), em abordagem cognitiva, assim se pronunciam a respeito da construção partitiva em inglês:

Isso significa que a construção partitiva só pode se referir a referentes que são acessíveis por uma das várias estratégias referenciais à nossa disposição. Em *Many of the demonstrator/muitos dos manifestantes*, isso é feito por referência anafórica, ou seja, os manifestantes provavelmente foram introduzidos no discurso anterior. O subconjunto na construção partitiva, ou seja, *many/muitos* só pode ser indefinido: ele introduz um novo referente, como o subconjunto de *manifestantes violentos*⁵¹. Isso se aplica tanto à quantificação escalar partitiva, como em muitos dos manifestantes, quanto à quantificação partitiva de conjuntos, como em *all of the demonstrators/odos os manifestantes*. (Radden; Dirven, 2007, p.135)⁵².

⁴⁹ <https://dicionario.priberam.org/tonelada>

⁵⁰ <https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=tonelada>

⁵¹ Note-se que os autores se referem aqui a uma frase apresentada anteriormente: *Many of the anti-war demonstrators became violent/muitos manifestantes contra a guerra tornaram-se violentos*.

⁵² This means that the partitive construction can only relate to referents that are accessible by one of the various referential strategies at our disposal. In many of the demonstrators, this is done by anaphoric reference, i.e. the demonstrators have probably been introduced in the preceding discourse. The subset in the partitive construction, i.e. many, can only be indefinite: it introduces a new referent such as the subset of violent demonstrators. This applies both to partitive scalar quantification, as in many of the demonstrators, and to partitive set quantification, as in all of the demonstrators (Radden; Dirven, 2007, p.135).

Em vez de simplesmente inserir como restrição, como comumente se faz nos estudos sobre as construções partitivas de base formal, os autores apresentam uma motivação discursiva para a indefinidade do SN1: o fato de introduzir um novo referente.

Nos dados, o SN1 das partitivas adnominais apresentou-se predominantemente como indefinido: 75,67% (479/633) é a soma dos SN indefinidos e altamente indefinidos, contra apenas 24,32% (154/633) de definidos. Esse resultado corrobora a descrição das partitivas canônicas na literatura e pode apontar para um protótipo da construção partitiva. Todavia, apoiados em Radden e Dirven (2007), não podemos descartar a hipótese de o traço pertinente ser mais o estatuto informacional novo do SN1 ou, mais ainda, um referente não-tópico (Givón, 1995; 2005), que a definitude expressa gramaticalmente. Os poucos dados de SN1 definidos podem estar dentro desse escopo de referentes novos. Os resultados estão sumarizados na tabela (5).

Tabela 5 – Definitude do SN1

Definitude	Frequência	Percentual
Definido	154	24,32%
Indefinido	297	46,91%
altamente indefinido	182	28,75%
Total	633	100,0%

Fonte: o autor

Os sintagmas nominais definidos se distribuem principalmente entre os sintagmas nominais plenos, com núcleo representado por substantivo: 129/154, ou seja, 83,76% dos SN definidos. Os 16,24% restantes se distribuem entre adjetivos, boa parte no superlativo: 18/154; pronomes demonstrativos: 6/154 e 1 numeral. Esse quadro leva-nos em busca de alguma regularidade que explique as ocorrências definidas.

O cruzamento⁵³ das variáveis classe e definitude do SN1 apresenta os resultados da tabela 6, a seguir.

⁵³ Nos cruzamentos de variáveis, mantivemos, com ligeira alteração, o padrão do PSPP, que apresenta 3 linhas de percentuais: a primeira considera o percentual do total do eixo horizontal; a segunda, o percentual do total do eixo vertical e a terceira linha, o percentual do total geral, de todos os dados. Nas tabelas que apresentaremos, usaremos apenas as duas primeiras linhas de percentuais. Assim, para facilitar a leitura, embora tenhamos indicado a segunda linha de percentual como referente ao % do total da classe, na última coluna esse percentual corresponde ao total de ocorrências, que, nesse caso específico, é 634.

Tabela 6 – Cruzamento das variáveis definitude e classe do SN1

Definitude/classe	Substantivo	pron demons	pron indef	adjetivo	numeral	Total
Definido	Nº 129	6	0	18	1	154
% do total da definitude	83,76%	3,89%	0%	11,68%	.64%	100,00%
% do total da classe	45,58%	100%	0%	90%	0,69%	24,32%
Indefinido	Nº 153	0	2	2	140	297
% do total da definitude	51,51%	0%	.67%	.68%	47,13%	100,00%
% do total da classe	54,06%	0%	1,11%	10%	97,90%	46,91%
altamente indefinido	Nº 1	0	179	0	2	182
% do total da definitude	0,55%	0%	98,35%	.00%	1,10%	100,00%
% do total da classe	0,35%	0%	98,89%	0%	1,39%	28,75%
Total	Nº 283	6	181	20	143	633
	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: o autor

Depreende-se da Tabela 6 que os sintagmas nominais definidos ocorrem predominantemente com adjetivos e categoricamente com pronomes demonstrativos. As duas ocorrências de adjetivos que fogem desse padrão estão transcritas a seguir.

(162) Spotify, acho que é válido. Servidor só vive full :) **maior da comunidade**

(163) **melhor do album**

São casos de superlativo relativo de uso informal, os quais não seguem a norma gramatical, segundo a qual, os superlativos relativos exigem anteposição de artigo.

Forma-se o superlativo relativo do mesmo modo que o comparativo de superioridade ou inferioridade antecedido sempre do artigo definido e seguido de sintagma preposicional iniciado por *de* (ou *dentre*): *o mais...de* (ou *dentre*), *o menos de* (ou *dentre*) (Bechara, 1999, p. 148).

É assim que são usados nas outras 14 ocorrências de adjetivos no superlativo relativo do corpus. Com efeito, o uso do superlativo relativo sem o artigo parece ser muito restrito. Como indício temos os resultados das primeiras 200 ocorrências de uma rápida busca no Corpus do Português, aba *Now*, por [melhor NOUN], [pior NOUN] e [maior NOUN]. Considerando que os resultados também apresentam usos como comparativos, praticamente não há emprego das formas sem o artigo. A exceção é no uso do superlativo relativo para designar título, como nos exemplos a seguir, nos quais funciona como uma lexia complexa.

- (164) O jogador, eleito por cinco vezes **melhor do mundo** por a Fifa (Terra - 15/06/2019)
- (165) Eleita seis vezes **melhor do mundo**, ela sentiu lesão a 15 dias de a Copa. (NSC Tota - 17/06/2019)
- (166) Vish, vai brigar de frente por o prêmio de **pior do mundo!** (23/06/2016 - O Globo)
- (167) esta corrida é para o tótó(s) que chama o "chorão " de **melhor de sempre...** hahahahaha! (AutoSport-30/06/2019 - PT)
- (168) Thiago Silva chama Messi de **maior da história** e pede marcação dobrada (Amazonas Atual, 30/06/2019)

Encontramos apenas uma ocorrência similar às do corpus (169) e outro em que a expressão é usada como adjetivo: *um PIB bienal pior do mundo*. Assim, ainda que não tenhamos feito uma busca exaustiva, para a caracterização que levaremos a cabo adiante, concluímos que os adjetivos usados no superlativo relativo exigem artigo.

- (169) Após ser acusada de abandonar pai no leito de morte, Joelma diz que perdoou, mas sofre **pior dos castigos** (Terça Livre, 14/06/2019).
- (170) o planeta, a educação com os piores índices mundiais, com um PIB bienal **pior do mundo** (Veja, 17/02/2016)

Se adjetivos e pronomes demonstrativos são definidos, pronomes indefinidos e numerais são, na grande maioria, indefinidos. Os primeiros inerentemente indefinidos, os segundos, a depender do uso. Houve apenas uma ocorrência de numeral definido, transcrito em (171), o que nos permite considerar um caso marginal, pelo menos nas construções partitivas analisadas.

- (171) Confira **o primeiro da série de vídeos** que contam um pouco mais da...

Em relação aos substantivos, percebemos algumas regularidades nos dados. Em primeiro lugar, figuram como definidos substantivos precedidos de adjetivo no superlativo, como *a melhor colega da turma*; de numeral ordinal: *a primeira conversa daquelas*; de pronome demonstrativo: *nesses momentos* ou usado com o pronome universal: *todos os membros do grupo*. Em segundo lugar, também figuram como definidos a maioria dos substantivos que designam períodos de tempo de modo genérico, *essa época da minha vida, nova etapa da minha vida, a melhor fase da minha vida*; substantivos que demarcam parte de uma extensão temporal ou espacial, como *(n)o começo da semana/do mês/da partida, (n)o início da noite/do plantão/de uma nova jornada/da viagem, (n)o final da tarde/da promo/de setembro/do ano/da entrevista/de tudo, (n)o fim do meu dia/do ano/da fila/do plantão, no meio do episódio/do evento/de dezembro*; o nome resto: *o resto do mundo/da casa/do serviço/da (minha) vida/do ano*, e o nome partitivo maioria: *a maioria das pessoas/dos portugueses/de vocês*. O quadro 3 reúne as conclusões sobre a definitude do SN1.

Quadro 3 – Definitude do SN1

(quase) exclusivamente definidos	(quase) exclusivamente indefinidos	predominantemente definidos	predominantemente indefinidos
Núcleo pronome demonstrativo	pronomes indefinidos	períodos de tempo genéricos: <i>fase, etapa, época</i>	período de tempo definidos: <i>minuto, hora, dia, semana, ano</i>
Núcleo ou adjunto superlativo relativo (núcleo ou adjunto)		divisão de um segmento temporal ou espacial: <i>começo, meio, fim</i>	substantivos designam período de tempo definido: <i>dia, semana, ano, minuto, hora</i>
SN com numeral ordinal	Numerais	substantivos <i>resto, maioria</i>	substantivos <i>parte, monte, pedaço, metade</i>
SN com o pronome universal <i>todos</i>			

Fonte: o autor

Naturalmente uma descrição mais acurada das propriedades semântico-discursivas do SN1 seria necessária para se explicar a relativamente pequena diferença entre os substantivos definidos e indefinidos. Nossas considerações visam apenas a contribuir para futuras discussões.

Passemos agora a tratar de uma variável que se aplicou apenas às construções partitivas adverbiais: o tipo de processo.

6.2.4 O tipo de processo nas adverbiais

As construções adverbiais nos dados analisados constituem apenas 57/690 das ocorrências e, portanto, não nos permitem generalizações. De todo modo, suas características serão adiante comparadas com as características das adnominais, quando apresentarmos os cruzamentos das variáveis comuns às duas construções.

Quanto ao tipo de processo, as adverbiais apresentam predominantemente processos relacionais: 57,89% (33/57), como mostra a tabela a seguir.

Tabela 7 – Tipos de processo nas construções adverbiais

Processo	Frequência	Percentual
Material	8	14.04
Mental	15	26.32
Verbal	1	1.75
Relacional	33	57.89
Total	57	100.0

Fonte: o autor

Os exemplos a seguir ilustram algumas das ocorrências com processo relacional.

(172) Eu não **sou dessas pessoas movida a sexo** não [...]

(173) Vc é **dos grandes!!!**

(174) Que linda, só podia **ser do melhor clube mundo!**

Retomando o anteriormente dito sobre processos relacionais, estes possuem a função de identificar e relacionar experiências, podendo conectar uma entidade a outra ou até mesmo uma entidade a um atributo. Nos exemplos acima, vê-se que os processos relacionais estabelecem uma associação entre um indivíduo e um grupo no qual se inclui. Ao entendermos que uma construção partitiva adverbial é resultado da omissão do termo quantificador (Seržant, 2021a), acreditamos que a ausência deste é provocada pelo fato de o próprio processo relacional estabelecer uma relação partitiva. Ou seja, em orações hipotéticas como *não sou **uma** dessas pessoas movida por sexo, vc é **um** dos grandes e só podia ser **membro** do melhor clube do mundo*, os termos *um*, *uma* e *membro* seriam dispensáveis.

Analisando os exemplos, percebe-se que aparecem na função sintática de predicativo do sujeito. No primeiro exemplo, o falante nega pertencer a um grupo com determinadas características, as quais são descritas brevemente na oração reduzida de particípio *movida por sexo*. As qualidades do grupo também possuem destaque no segundo exemplo, em que a posição de núcleo do SN, prototipicamente ocupada por um nome, encontra-se preenchida por um adjetivo. Por fim, com o último exemplo, vê-se, mais uma vez, um destaque para os atributos do grupo, evidenciado pela estrutura superlativa.

Observando isso que reconhecemos como uma “adjetivação”, parece-nos que as partitivas adverbiais participantes de processos relacionais, em especial, com o verbo *ser*, podem estar assumindo outra função além de meramente indicar a relação parte-todo, funcionando, em casos como os apresentados acima, como uma estrutura que atribui certos atributos do todo à parte. Isso fica bem claro com o primeiro exemplo, em que há uma descrição mais detalhada e explícita das qualidades que o falante assevera não possuir.

Entretanto, ao tratar do segundo exemplo, é preciso um olhar mais atento, uma vez que aquilo que se comunica não é que o interlocutor seja grande exatamente. Em vez disso, ao se afirmar que ele faz parte do grupo dos grandes, o que fica implícito é a existência de características compartilhadas que permitem essa inclusão. Já no terceiro exemplo, a princípio pode parecer que a noção de extração pura e simples se sobressai à nova função que estamos propondo, de modo que a oração estivesse expressando apenas que a interlocutora é membro de um excelente clube e nada mais. Atentando-se ao contexto maior, contudo, há uma relação de conclusão entre “Que linda” e “ser do melhor clube do mundo”, o que nos leva a crer que beleza seria um atributo que o falante julga pertencer a tal clube e, portanto, uma que a interlocutora compartilharia com os demais membros.

Outro detalhe que reforça essa ideia é que todas as entidades referentes aos superconjuntos desses exemplos são situacionalmente evocadas. Isso significa que são apresentadas no discurso como conhecidas tanto do falante quanto do interlocutor, de modo que se pode pensar que os referentes possuem atributos não expressos no texto. Ou seja, em “Eu não sou dessas pessoas movida a sexo não”, o que se pode entender é que o falante não está exclusivamente afirmando não ser movido a sexo, mas sim que não possui as características tipicamente atribuídas a pessoas assim, as quais ele presume estarem subentendidas pelo interlocutor.

Apresentados os resultados das variáveis isoladas, quanto à frequência, passaremos, na próxima seção, a discutir os resultados do cruzamento de variáveis, com fim de averiguar alguma relação entre elas.

6.2.5 A relação entre as variáveis

Das 12 variáveis, duas são classificatórias: o tipo de partitiva e o sentido da construção. Para avaliar se uma e outra são influenciadas pelas outras variáveis, cruzamos estas duas variáveis com variáveis formais, como a classe gramatical e o número, e variáveis semântico-discursivas, como a definitude, o grau de animacidade, o estatuto informacional e a individuação do SN2. O teste chi-square apresentou nível de significância 0.0 em todos os cruzamentos, com exceção da categoria de número em relação ao tipo de partitiva, que resultou em não significativa com $\alpha = 202$, mas em relação ao sentido da construção já apresentou valor = 0.

Começaremos pelas variáveis formais em relação ao tipo de partitiva e ao sentido da construção. A tabela 8 apresenta os resultados da relação entre o tipo de partitiva e a classe do núcleo do SN2.

Tabela 8 – Cruzamento das variáveis tipo de partitiva e classe do SN2

Tipo de partitiva	substantivo	pronome pessoal	pronome demonstrativo	pronome indefinido	numeral	adjetivo	pronome possessivo	Total
Adnominal	428.00	35.00	75.00	11.00	13.00	70.00	1.00	633.00
	67.61%	5.53%	11.85%	1.74%	2.05%	11.06%	.16%	100.00%
	93.65%	92.11%	85.23%	64.71%	100.00%	93.33%	50.00%	91.74%
Adverbial	29.00	3.00	13.00	6.00	.00	5.00	1.00	57.00
	50.88%	5.26%	22.81%	10.53%	.00%	8.77%	1.75%	100.00%
	6.35%	7.89%	14.77%	35.29%	.00%	6.67%	50.00%	8.26%
Total	457.00	38.00	88.00	17.00	13.00	75.00	2.00	690.00
	66.23%	5.51%	12.75%	2.46%	1.88%	10.87%	.29%	100.00%
	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%

Fonte: o autor

A diferença mais marcante quando se comparam os dados da classe das adnominais com os das adverbais é o fato de, nas primeiras, a classe substantivo sobrelevar significativamente as demais classes (205/633-32,38%), com 67,61% (428/633), enquanto nas adverbais o percentual de emprego do substantivo (29/57 - 50,88%) em relação ao emprego de outras classes (28/57-49,12%) é praticamente equivalente, o que pode indicar maior variabilidade de expressão do SN2 das adverbais.

De todo modo, nos dois tipos de partitiva, a classe mais frequente é o substantivo, como ilustram as ocorrências a seguir.

(175) Comida de domingo Meh, **não tou a curtir da tua cena!** Tudo de bom...

(176) avisar que ontem rolou gravação de mais um #MIDCastNasEleicoes **analizando do Debate dos presidenciais** que ocorreu na @RedeTV!

(177) tenho sdds de falar contigo mesmo. @edenpicao **Ainda não comi desse teu costelão**, todo mundo elogiando...

(178) Mandarin, talvez, no futuro, já que é *uma das línguas do futuro*

(179) e virar *metade da água da cozinha* ao quarto

(180) acho q p telhado está um pouco exaltado comparando *ao resto da casa*

Ao analisar as adverbiais (175), (176) e (177), percebe-se que, mesmo entre os substantivos selecionáveis para o núcleo do SN2, existe variabilidade. Em (177), tem-se um exemplo clássico de partitiva adverbial em português: uma construção possuindo um verbo de processo material, com valor de consumo e que expressa a extração de uma parte de um todo definido, representado pelo substantivo concreto *costelão*. Já em (176), em vez disso, tem-se uma construção formada por um processo verbal sem qualquer nuance de consumo, mas, ainda assim, expressando a noção de parte de um todo, representado, neste caso, por um substantivo abstrato, *debate*. O todo representado por um substantivo abstrato também é uma das características de (175), em que o processo mental *curtir*, por sua ideia metafórica de consumo, como em outros tais quais *desfrutar*, *usufruir* e *fruir*, garante à construção seu valor partitivo, dando a ideia de apreço por aspectos do todo, mas não por ele em sua inteireza.

O emprego de substantivos abstratos como núcleos do SN2 aponta para uma mudança em relação à manifestação das partitivas adverbiais no latim vulgar, língua na qual, como apregoa Beberfall (1952, p. 33), pelo fato de o substantivo em questão referir-se a um todo definido ou contextualmente indicado, o SN2 não poderia representar uma abstração. Nesse sentido, há uma aproximação com o francês contemporâneo, em que o substantivo pode ser tanto concreto quanto abstrato.

Quanto às adnominais (178), (179) e (180), também existe diversidade na forma e no sentido dos substantivos destacados. Em (178) *línguas* é um substantivo contável no plural, representando um conjunto de entidades discretas do qual se extrai um elemento. Em contraponto, o que se observa em (179) é a partição de uma entidade única e contínua, representada pelo substantivo massivo *água* no singular. Já em (180), *casa* é um substantivo contável que se refere a uma entidade discreta no singular.

Nesse sentido, Hoop (2003, p. 184) defende a necessidade de classificar as partitivas conforme o tipo de sintagma que o SN1 (“determinante” na nomenclatura da autora) seleciona como seu domínio de quantificação, isto é, se ele seleciona uma entidade, um conjunto de entidades ou ambos. A partir daí, formula sua classificação de partitivas, as quais ela divide entre *partitivas de entidades* e *partitivas de conjuntos*. Os exemplos acima demonstram que tal classificação é aplicável ao português e ajuda a explicar a variedade de formas de manifestação dos substantivos que podem funcionar como núcleo do SN2.

Pronomes pessoais e possessivos são poucos frequentes nos dois tipos de partitivas, com índices bem próximos: adnominais com 5,53% do total (35/633) e adverbiais com 5,26% do total (3/57), o que é esperado, considerando que o SN2 representa, conforme a literatura, o todo de que o SN1 é uma parte.

(181) dinheiro infinito, vida eterna para mim e mais *alguns dos meus*

(182) e tu deu *o melhor de ti* pra garantir um futuro melhor

(183) Lmao eu *sou dos teus*

(184) não somos muito próximas, mas *curto de ti*

A interpretação dos referentes associados aos pronomes ajuda a melhor compreender como a partitividade funciona nos exemplos acima. (181) e (183), além de serem os únicos casos de nosso *corpus* em que o núcleo do SN2 se realiza como pronome possessivo, compartilham a mesma interpretação, uma vez que pronomes possessivos substantivos e pluralizados, em português, frequentemente apontam para amigos, familiares ou pessoas com quem se tem afinidade. Desse modo, o que se lê em *alguns dos meus* e *sou dos teus* são grupos de pessoas com certo grau de proximidade dos quais *alguns* e *eu* (implícito) fazem parte.

Por outro lado, (182) e (184) se assemelham entre si no sentido de a noção de partição presente em ambas ser metafórica. Em *o melhor de ti*, o emprego do pronome pessoal é metonímico, tomando o indivíduo pelo conjunto de qualidades que formam o seu caráter; é desse conjunto que se extrai uma porção na construção, a que seria a melhor parte. É também o que acontece em *curto de ti*, em que metonimicamente o pronome faz referência à personalidade do ouvinte, cuja parte dos aspectos que a compõem são apreciados pelo falante.

Embora em termos numéricos as construções partitivas adnominais apresentem maior número de pronomes demonstrativos como núcleo do SN2 (75 ocorrências), é nas adverbiais em que os demonstrativos são mais frequentes: 22,81% (13/57). Somados aos indefinidos, nas adverbiais os pronomes alcançam um índice de 33,34% (19/57) e nas adnominais apenas de 13,59% (86/633).

Portanto, a segunda classe mais frequente nas adnominais é o pronome demonstrativo, por vezes isolado como em (185) com valor anafórico ou, mais comumente, acompanhado de uma oração relativa desenvolvida ou reduzida que delimita o valor genérico do pronome. De estrutura similar, uma das duas únicas ocorrências de pronome possessivo como núcleo está transcrita em (187).

(185) — **Já ouvi dessas** kkkkk obg :)

(186) Misturo inglês e português sim, **sou dessas** :))))

(187) Lmao **eu sou dos teus** :)

Como se pode observar, as construções destacadas em (185) e (186) são consideravelmente semelhantes em termos de estrutura, sendo exemplos adverbiais de SN2 formado exclusivamente por pronome demonstrativo, conforme mencionado acima. Além disso, ambos os casos parecem compartilhar o mesmo processo anafórico. Ao tratar da estrutura do sintagma nominal, Langacker (2008, p. 315) estabelece uma diferença entre dois tipos de anáfora: a anáfora referencial, na qual uma entidade previamente instanciada é retomada; a anáfora tipo, na qual se retoma não a instância, mas o tipo, ou seja, as entidades referenciadas não coincidem, o que parece ser o que ocorre em (185) e (186).

Em (185), pela forma como se apresenta, o tipo de anáfora presente no *tweet* pode parecer ambíguo a princípio. Entretanto, a presença de um travessão no seu início é indício de que seja uma resposta ao texto que o antecede em nosso *corpus*. Nesse texto, não parece haver

uma entidade específica introduzida que seja retomada no nosso exemplo. Em vez disso, há uma série de elogios tecidos ao ouvinte, que muito provavelmente são a fonte anafórica, de modo que, em *ouvi dessas*, faz-se referência ao tipo de elogio, não aos elogios feitos em si. Já em (186) a anáfora tipo é mais facilmente identificada por meio do contexto, ainda que seja necessária certa atenção para identificar a entidade que serve de base para a retomada. Ela se estabelece quando a falante declara ser uma “pessoa que mistura português e inglês”, cujo tipo é retomado pelo pronome demonstrativo, de modo que a ideia comunicada seria “sou uma dessas pessoas que misturam o português e inglês”.

Nas adnominais, as duas classes mais comuns, depois do substantivo, são pronome demonstrativo e adjetivo. Juntas constituem 22,90% (145/633).

(188) mas deixo vocês com *algumas das minhas favoritas*

(189) Sei como é já tive *a minha dose disso*, good luck

(190) tu pode me convidar e eu me programo *um mês desses*

(191) @borntokewk nao tem *nd de bom*

Podemos resumir esses dados, considerando que o núcleo do SN2 se expressa nas adnominais principalmente por substantivo e nas adverbiais, por substantivo ou pronome. Passamos a discutir a classe do SN2 em relação ao sentido da construção com o fim de verificar se há alguma influência entre as variáveis.

Tabela 9 – Cruzamento da variável sentido da construção e classe do SN2

sentido da construção	Classe							Total
	substantivo	pronome pessoal	pronome demonstrativo	pronome indefinido	Numeral	adjetivo	pronome possessivo	
Extração	306.00	33.00	30.00	9.00	9.00	13.00	2.00	402.00
	76.12%	8.21%	7.46%	2.24%	2.24%	3.23%	.50%	100.00%
	66.96%	86.84%	34.09%	52.94%	69.23%	17.33%	100.00%	58.26%
Quantidade	97.00	.00	1.00	1.00	.00	1.00	.00	100.00
	97.00%	.00%	1.00%	1.00%	.00%	1.00%	.00%	100.00%
	21.23%	.00%	1.14%	5.88%	.00%	1.33%	.00%	14.49%
Totalidade	37.00	1.00	9.00	.00	4.00	54.00	.00	105.00

	35.24%	.95%	8.57%	.00%	3.81%	51.43%	.00%	100.00%
	8.10%	2.63%	10.23%	.00%	30.77%	72.00%	.00%	15.22%
destaque qualitativo	17.00	4.00	.00	7.00	.00	7.00	.00	35.00
	48.57%	11.43%	.00%	20.00%	.00%	20.00%	.00%	100.00%
	3.72%	10.53%	.00%	41.18%	.00%	9.33%	.00%	5.07%
Tipo	.00	.00	48.00	.00	.00	.00	.00	48.00
	.00%	.00%	100.00%	.00%	.00%	.00%	.00%	100.00%
	.00%	.00%	54.55%	.00%	.00%	.00%	.00%	6.96%
Total	457.00	38.00	88.00	17.00	13.00	75.00	2.00	690.00
	66.23%	5.51%	12.75%	2.46%	1.88%	10.87%	.29%	100.00%
	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%

Fonte: o autor

Os dados mostram que a classe predominante varia conforme o sentido da construção partitiva. Quando a construção apresenta sentido de *quantidade*, o uso do substantivo é quase regra: 97% do total de ocorrências que expressam quantidade têm o núcleo do SN2 expresso por um substantivo, mostrando uma influência do sentido para a forma

(192) os nervos afloraram a pele, aí saí falando *um monte de coisa*

(193) tenho *um bocado de pena* da personagem dele

(194) você merece *um mundo de coisas boas*

Também predominam núcleos substantivos nas partitivas com sentido de extração, e, em menor medida, o sentido de destaque qualitativo, com 48,57% das ocorrências de partitivas com esse sentido (17/35). A predominância de substantivos nas partitivas com valor de extração ocorre nas duas direções: tanto da forma para a função, da classe para o sentido da construção, quanto da função para a classe. Do total de núcleos substantivos, 66,96% (306/457) expressam o sentido de extração. Já entre as ocorrências com esse sentido, 76,17% têm o SN2 com núcleo substantivo. Esses dados evidenciam uma associação forte entre as duas variáveis, a ponto de se poder afirmar que, dado um núcleo substantivo, há probabilidade de cerca de 67% de a construção ter valor de extração, e dado o sentido de extração, a probabilidade de ele ser expresso por substantivo chega a 76%.

(195) em *qual de nossos serviços* tem interesse?

(196) fica numa *das torres* do Taguatinga Shopping

(197) passar *a maior parte do meu tempo* morando na floresta

Como a categoria semântica mais numerosa nos dados, o sentido de extração também é o predominante em outras classes, como o pronome pessoal (86,84% - 33/38), pronome possessivo (100% 2/2), pronome indefinido (52,94% - 9/17) e numeral (69,23% - 9/13). Quando o núcleo do SN2 for uma dessas classes, a probabilidade de a construção ter sentido de extração é alta, variando entre 52,94% a 100%, no caso do pronome possessivo.

Com o sentido de quantidade, predominam os substantivos, em uma regra unidirecional: dado o sentido de quantidade, é quase certo que o núcleo seja um substantivo. Todavia, havendo substantivos, a probabilidade de haver o sentido de quantidade é baixo: 21,23%, o que mostra que o sentido de quantidade é tipicamente expresso por substantivos, mas esta não é sua principal função nas construções partitivas.

Quando o sentido é totalidade, também é bidirecional. Há uma tendência a esse sentido ser expresso por partitivas com núcleos representados por adjetivo: 51,43% (54/105). Quando o núcleo é um adjetivo, a probabilidade de que o sentido seja totalidade é de 72%, indicando uma forte relação da forma para a função.

Em construções partitivas com o sentido de destaque qualitativo, a distribuição das classes pende para os substantivos, com 48,57% (17/35), mas apresenta também 20% (7/35) de núcleo representado por pronome indefinido ou por adjetivo. Com o sentido de tipo, a relação é bidirecional. Da função para a forma, temos uma regra categórica: se for sentido de tipo, o núcleo será um pronome demonstrativo. Da forma para a função, se houver pronome demonstrativo, há 54,55% de chance de a construção ter o sentido de tipo.

A definitude do SN2 não varia nos dois tipos de construções partitivas. Tanto em uma estrutura como na outra, predominam sintagmas nominais definidos: 70,30% de definidos (445/633), do total de construções partitivas adnominais, e 84,21% (48/57) de definidos do total de construções partitivas adnominais. A situação representada na Tabela 10, a seguir, não difere, portanto, em termos de predominância, dos resultados gerais, quando tratamos do SN2 em geral, o que reforça o caráter definido do SN2 que representa o universo de que o SN1 é uma parte.

Tabela 10 – Cruzamento das variáveis definitude do SN2 e tipo de partitiva

Tipo de partitiva	Definitude				Total
	altamente definido	definido	indefinido	altamente indefinido	
Adnominal	50.00	395.00	178.00	10.00	633.00
	7.90%	62.40%	28.12%	1.58%	100.00%
	94.34%	89.77%	98.34%	62.50%	91.74%
Adverbial	3.00	45.00	3.00	6.00	57.00
	5.26%	78.95%	5.26%	10.53%	100.00%
	5.66%	10.23%	1.66%	37.50%	8.26%
Total	53.00	440.00	181.00	16.00	690.00
	7.68%	63.77%	26.23%	2.32%	100.00%
	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%

Fonte: o autor

A distribuição de sintagmas nominais definidos em relação ao sentido da construção já apresenta diferenças marcantes, como se vê na tabela 11.

Tabela 11 – Cruzamento das variáveis definitude e sentido da construção

sentido da construção	Definitude				Total
	altamente definido	Definido	Indefinido	altamente indefinido	
Extração	42.00	330.00	22.00	8.00	402.00
	10.45%	82.09%	5.47%	1.99%	100.00%
	79.25%	75.00%	12.15%	50.00%	58.26%
Quantidade	4.00	1.00	94.00	1.00	100.00
	4.00%	1.00%	94.00%	1.00%	100.00%
	7.55%	.23%	51.93%	6.25%	14.49%
Totalidade	3.00	37.00	65.00	.00	105.00
	2.86%	35.24%	61.90%	.00%	100.00%
	5.66%	8.41%	35.91%	.00%	15.22%
destaque qualitativo	4.00	24.00	.00	7.00	35.00
	11.43%	68.57%	.00%	20.00%	100.00%
	7.55%	5.45%	.00%	43.75%	5.07%
Tipo	.00	48.00	.00	.00	48.00
	.00%	100.00%	.00%	.00%	100.00%
	.00%	10.91%	.00%	.00%	6.96%
Total	53.00	440.00	181.00	16.00	690.00

	7.68%	63.77%	26.23%	2.32%	100.00%
	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%

Fonte: o autor

Observa-se uma clara tendência ao SN2 das construções com sentido de extração, o mais frequente nos dados, ter caráter definido (com grau alto ou normal de definitude). A relação é bidirecional. Dado um SN2 de construção com sentido de extração, o SN2 terá 82,53% de chance de ser Definido⁵⁴; dado um SN2 Definido, haverá probabilidade de 75,45% de a construção ter o sentido de extração. Com os sentidos de destaque qualitativo ou de tipo, a relação é unidirecional: o SN2 de uma construção com sentido de destaque qualitativo tem 80% de probabilidade de ser definido. Quando o sentido da construção for tipo, a regra é categórica: todos os sintagmas nominais 2 das construções com sentido de tipo nos dados foram definidos. Seguem alguns exemplos.

(198) *a mais linda do seu bonde pprrt*

(199) *sorry todo dia tu tem uma crise dessa*

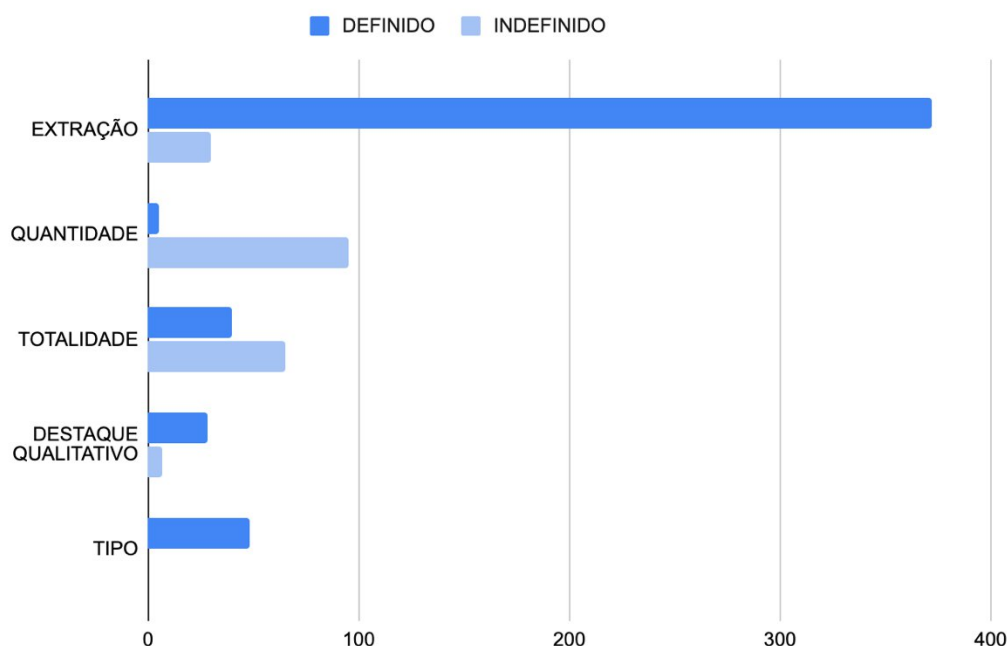
(200) *te agradeço por escrever uma fic daquelas*

(201) *Só uma dessas de presente, já ficaria feliz*

Como ilustra o gráfico 4, a seguir, com os sentidos de quantidade e de totalidade, há uma alta predominância de sintagmas nominais 2 indefinidos, únicos sentidos que favorecem o emprego de um SN2 indefinido.

⁵⁴ Note-se que, exceto quando chamamos a atenção, todas as vezes em que usamos o termo *Definido* (com D maiúsculo) na discussão, estaremos usando no sentido genérico, englobando os grau definido e altamente definido. Optamos por isso porque, em geral, houve baixa frequência de SN que se afastavam quer como altamente definidos ou altamente indefinidos. Quando necessário, faremos referência direta aos graus. No caso, usamos o termo *definido* com D minúsculo para diferenciar.

Gráfico 4 – Frequência de definitude em relação ao sentido da construção



Fonte: o autor

A relação entre o sentido de quantidade e SN2 indefinido é bidirecional, se uma construção tiver o sentido de quantidade, haverá 95% de chance de seu SN2 ser indefinido. Se uma construção partitiva tiver um SN2 indefinido, haverá 48,22% de chance de ter o SN2 indefinido. Com o sentido de totalidade, que de certo modo, se relaciona ao anterior, a tendência é unidirecional: se a construção tiver sentido de totalidade, a chance de ter SN2 indefinido é de 61,90%.

(202) Tava de moral baixa daí comi um *pote de açaí* e agora tatu do bem

(203) Hoje fiz *1kg de strogonoff*

(204) fui parar no hospital p remover o *pedaço de concha* q entrou no meu pé

Observa-se que o marcador de indefinitude em todos os SN2 das construções acima é a ausência de elementos ancorando os núcleos ao *ground*, o que permite interpretá-los como representando tipos (*types*) em vez de instâncias. Langacker (2008) concebe como tipo (*type*) uma generalização de coisas ou processos que, por meio de sua vinculação ao *ground*, permite a referência a entidades e processos reais ou imaginados. Percebe-se uma semelhança considerável entre essa noção e a de tipo (*kind*) segundo Chierchia (1997, p. 76), para o qual

tipos são entendidos como a totalidade de indivíduos que compartilham os mesmos traços, sendo cada um desses indivíduos uma instância de um dado tipo. Nesse sentido, conforme Dobrovie-Sorin e Pires de Oliveira (2008), a presença de um substantivo sem determinantes em um sintagma nominal é justamente um meio de se fazer referência a tipos (*kinds*) em português.

É precisamente esse o tipo de referência que se faz com o SN2 nas construções que têm como sentido mais proeminente o de quantidade, conforme afirma Seržant (2021a, p. 893) ao tratar do que chama de pseudopartitivas. Isso nos faz acreditar que a referência a tipos por meio do emprego de substantivos nus seja um fator importante para a expressão do sentido de quantidade nas construções partitivas, o que explicaria a forte correlação entre tal sentido e a indefinidade.

Assim, *açaí*, *strogonoff* e *concha* representam um tipo de entidade em vez de um referente em particular. Nessas construções, os SN1 funcionam de modo a destacar as instâncias dos tipos representados pelos SN2, quantificando-as. Isso pode dar-se de uma forma metonímica com uma relação de *container* pelo conteúdo, como em *um pote de açaí*, pela relação parte-todo, como em *pedaço de concha*, ou pela quantificação de massa, como em *1 kg de strogonoff*.

Cabe destacar a alta recorrência de construções com o sentido de totalidade em que o núcleo do SN2 é um adjetivo, correspondendo a 51,4% das ocorrências com esse sentido.

(205) *Tudo de bom* e essas coisas todas pra ti também.

(206) Larissa me odeia e está me trocando/traindo *nada de novo* sob o sol

(207) não vai acontecer *nd de ruim*

Assumimos que os adjetivos nesses casos se comportam como os adjetivos substantivados neutros em latim. Desse modo, para nós, os sentidos de *tudo de bom*, *nada de novo* e *nd (nada) de ruim* corresponderiam, respectivamente, a *tudo daquilo que é bom*, *nada daquilo que é novo* e *nada daquilo que é ruim*. Como se pode verificar, nenhum deles possui determinantes, o que julgamos ser necessário para que tenham esse comportamento. Assim, sendo os sintagmas em questão indefinidos, o que em parte explica a alta porcentagem de SN2 indefinidos quando o sentido é totalidade.

No que diz respeito ao traço animacidade em relação ao tipo de construção partitiva, os dados apontaram uma tendência ao SN2 da construção partitiva adnominal ser inanimado concreto, com 42,50% do total de adnominais (269/633), que, somadas aos inanimados abstratos, totalizam 73,62% de inanimados, contra apenas 19,43% de animados. Já o SN2 da construção adverbial tende a ser humano, com 47,37% (27/57). A tabela 12 resume esses dados.

Tabela 12 – Cruzamento das variáveis animacidade e tipo de partitiva

Tipo de partitiva	Grau de Animacidade					Total
	NSA	animado humano	animado não humano	inanimado concreto	inanimado abstrato	
Adnominal	44.00	120.00	3.00	269.00	197.00	633.00
	6.95%	18.96%	.47%	42.50%	31.12%	100.00%
	83.02%	81.63%	100.00%	96.76%	94.26%	91.74%
Adverbial	9.00	27.00	.00	9.00	12.00	57.00
	15.79%	47.37%	.00%	15.79%	21.05%	100.00%
	16.98%	18.37%	.00%	3.24%	5.74%	8.26%
Total	53.00	147.00	3.00	278.00	209.00	690.00
	7.68%	21.30%	.43%	40.29%	30.29%	100.00%
	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%

Fonte: o autor

O cruzamento das variáveis animacidade e sentido da construção mostram uma predominância quase geral de SN2 inanimados com todos os sentidos da construção. Apenas com o sentido de destaque qualitativo há uma leve tendência de o SN2 representar uma entidade animada humana: 34,29% (12/35) contra 31,43% (11/35). Todavia, agrupando-se os inanimados concretos e abstratos, chega-se à predominância dos inanimados: 54,28% (19/35). Portanto, podemos dizer que, em relação à variável sentido da construção, a norma é que o SN2 seja inanimado, predominantemente concreto. A tabela 13 apresenta esses dados de forma mais detalhada.

Tabela 13 – Cruzamento das variáveis animacidade e sentido da construção

sentido da construcao	Grau de Animacidade					Total
	NSA	animado humano	animado não humano	inanimado concreto	inanimado abstrato	
Extracao	28.00	115.00	2.00	173.00	84.00	402.00
	6.97%	28.61%	.50%	43.03%	20.90%	100.00%
	52.83%	78.23%	66.67%	62.23%	40.19%	58.26%

Quantidade	4.00	11.00	.00	49.00	36.00	100.00
	4.00%	11.00%	.00%	49.00%	36.00%	100.00%
	7.55%	7.48%	.00%	17.63%	17.22%	14.49%
Totalidade	6.00	6.00	.00	21.00	72.00	105.00
	5.71%	5.71%	.00%	20.00%	68.57%	100.00%
	11.32%	4.08%	.00%	7.55%	34.45%	15.22%
destaque qualitativo	4.00	12.00	.00	11.00	8.00	35.00
	11.43%	34.29%	.00%	31.43%	22.86%	100.00%
	7.55%	8.16%	.00%	3.96%	3.83%	5.07%
Tipo	11.00	3.00	1.00	24.00	9.00	48.00
	22.92%	6.25%	2.08%	50.00%	18.75%	100.00%
	20.75%	2.04%	33.33%	8.63%	4.31%	6.96%
Total	53.00	147.00	3.00	278.00	209.00	690.00
	7.68%	21.30%	.43%	40.29%	30.29%	100.00%
	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%

Fonte: o autor

Em relação ao estatuto informacional do SN2 associado ao tipo de partitiva, como mostra a tabela 14, não se observa variação digna de nota. Há predominância de entidades dadas qualquer que seja o tipo de partitiva, em mais de 60%: 62,72% (397/633), nas partitivas adnominais, e 66,67% (38/57) das partitivas adverbiais.

Tabela 14 – Cruzamento das variáveis estatuto informacional e tipo de partitiva

Tipo de partitiva	Estatuto Informacional SN2				Total
	NSA	Dado	Novo	Inferível	
Adnominal	1.00	397.00	174.00	61.00	633.00
	.16%	62.72%	27.49%	9.64%	100.00%
	50.00%	91.26%	99.43%	78.21%	91.74%
Adverbial	1.00	38.00	1.00	17.00	57.00
	1.75%	66.67%	1.75%	29.82%	100.00%
	50.00%	8.74%	.57%	21.79%	8.26%
Total	2.00	435.00	175.00	78.00	690.00
	.29%	63.04%	25.36%	11.30%	100.00%
	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%

Fonte: o autor

A diferença é percebida quando se avalia a mesma variável em relação ao sentido da construção, como ilustra a tabela 15.

Tabela 15 – Cruzamento das variáveis estatuto informacional e sentido da construção

sentido da construção	Estatuto Informacional SN2				
	NSA	Dado	Novo	Inferível	Total
Extração	1.00	358.00	16.00	27.00	402.00
	.25%	89.05%	3.98%	6.72%	100.00%
	50.00%	82.30%	9.14%	34.62%	58.26%
Quantidade	.00	6.00	94.00	.00	100.00
	.00%	6.00%	94.00%	.00%	100.00%
	.00%	1.38%	53.71%	.00%	14.49%
Totalidade	.00	38.00	65.00	2.00	105.00
	.00%	36.19%	61.90%	1.90%	100.00%
	.00%	8.74%	37.14%	2.56%	15.22%
destaque qualitativo	.00	32.00	.00	3.00	35.00
	.00%	91.43%	.00%	8.57%	100.00%
	.00%	7.36%	.00%	3.85%	5.07%
Tipo	1.00	1.00	.00	46.00	48.00
	2.08%	2.08%	.00%	95.83%	100.00%
	50.00%	.23%	.00%	58.97%	6.96%
Total	2.00	435.00	175.00	78.00	690.00
	.29%	63.04%	25.36%	11.30%	100.00%
	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%

Fonte: o autor

Apenas os sentidos de extração e destaque qualitativo apresentam sintagma nominal com estatuto dado: 89,05% e 91,43%, respectivamente. O sentido tipo apresenta estatuto inferível como o mais frequente, em regra quase categórica: 95,83% (46/48). Em termos pragmáticos, chama a atenção a frequência de SN2 com estatuto novo nas construções com sentido de quantidade e de totalidade: 94% (94/100) e 61,90% (65/105), respectivamente. Esse resultado se coaduna com os resultados da variável definitude em relação aos sentidos da construção. Também esses dois sentidos se afastam da norma em relação a isso.

(208) quem fez esse tuíte pegou *um monte de informações verdadeiras*

(209) eu gosto tanto de bryce fox e imagine dragons mas sei *um total de 0 coisas* sobre eles

(210) Postando aqui também pq *um pouco de cultura* sempre é bom

As variáveis definitude e animacidade se relacionam diretamente à variável individuação. Quando se avalia a relação entre individuação e o tipo de partitiva, observa-se que as adnominais tendem a ter grau 1 (grau muito baixo) ou 2 (grau baixo), com 28,91% (183/633) e 30,49% (193/633), respectivamente. Já as adverbiais apresentam predominantemente grau 5 (15/57-26,32%), todavia, há um número muito próximo de sintagmas nominais com grau 2 de individuação: 24,56% (14/57). Esse dado e a baixa frequência das construções partitivas adverbiais não nos permitem maiores generalizações. A tabela 16, a seguir, resume os dados.

Tabela 16 – Cruzamento das variáveis individuação do SN2 e tipo de partitiva

Tipo de partitiva	Grau de individuação do SN2						Total
	0	1	2	3	4	5	
Adnominal	15.00	183.00	193.00	126.00	92.00	24.00	633.00
	2.37%	28.91%	30.49%	19.91%	14.53%	3.79%	100.00%
	93.75%	94.82%	92.34%	96.18%	88.46%	61.54%	91.74%
Adverbial	1.00	10.00	14.00	5.00	12.00	15.00	57.00
	1.75%	17.54%	24.56%	8.77%	21.05%	26.32%	100.00%
	6.25%	5.18%	6.76%	3.82%	11.54%	38.46%	8.26%
Total	16.00	193.00	207.00	131.00	104.00	39.00	690.00
	2.32%	27.97%	30.00%	18.99%	15.07%	5.65%	100.00%
	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%

Fonte: o autor

Entre todos os sentidos da construção, o grau de individuação do SN2 é predominantemente baixo, ficando entre os graus 1 (quantidade, totalidade) e 2 (extração, quantidade, destaque qualitativo e tipo), como mostra a tabela 17.

Tabela 17 - Cruzamento das variáveis individuação do SN2 e sentido da construção

sentido da construção	Grau de individuação do SN2						Total
	0	1	2	3	4	5	

Extração	.00	72.00	118.00	97.00	87.00	28.00	402.00
	.00%	17.91%	29.35%	24.13%	21.64%	6.97%	100.00%
	.00%	37.31%	57.00%	74.62%	83.65%	71.79%	58.26%
Quantidade	10.00	38.00	38.00	8.00	5.00	1.00	100.00
	10.00%	38.00%	38.00%	8.00%	5.00%	1.00%	100.00%
	62.50%	19.69%	18.36%	6.11%	4.81%	2.56%	14.49%
Totalidade	3.00	64.00	20.00	12.00	3.00	3.00	105.00
	2.86%	60.95%	19.05%	11.43%	2.86%	2.86%	100.00%
	18.75%	33.33%	9.57%	9.23%	2.88%	7.69%	15.22%
destaque qualitativo	3.00	5.00	8.00	7.00	6.00	6.00	35.00
	8.57%	14.29%	22.86%	20.00%	17.14%	17.14%	100.00%
	18.75%	2.60%	3.83%	5.38%	5.77%	15.38%	5.07%
Tipo	.00	14.00	23.00	7.00	3.00	1.00	48.00
	.00%	29.17%	47.92%	14.58%	6.25%	2.08%	100.00%
	.00%	7.29%	11.11%	5.34%	2.88%	2.56%	6.96%
Total	16.00	193.00	207.00	131.00	104.00	39.00	690.00
	2.32%	27.97%	30.00%	18.99%	15.07%	5.65%	100.00%
	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%

Fonte: o autor

Tais dados condizem com os resultados gerais e apontam para o caráter fundo do SN2 das construções partitivas, ou, nos termos de Langacker (2008), marco. Na próxima seção, faremos uma síntese desses resultados com o fim de caracterizar as construções partitivas em português.

6.3 Síntese dos resultados

Apresentados os resultados gerais e os cruzamentos, estamos em condições de propor uma caracterização das construções partitivas em português baseada em dados reais. Como discutimos na seção anterior, o cruzamento das variáveis mostrou maior influência quando se relacionaram as variáveis formais e semânticas dos dois sintagmas nominais e o sentido da construção, talvez por quebrar, nessa categoria, o baixo índice de partitivas adverbiais, no cômputo total dos dados.

A análise dos dados desses cruzamentos mostrou uma certa regularidade que nos permite propor uma caracterização das construções partitivas em português, tomando por

parâmetro as propriedades predominantes conforme o sentido das construções. O Quadro 2, a seguir, resume os resultados, considerando a categoria predominante em cada grupo de fator. Nos casos em que a diferença entre duas possibilidades era numericamente pequena, por exemplo, de 1 ocorrência, consideraram-se as duas possibilidades. No quadro, agrupamos os dados, conforme três grandes fatores: (1) o sentido da construção; (2) a forma e o sentido do SN1 e (3) a forma e o sentido do SN2. As cores buscam facilitar a leitura vertical de cada sentido de construção.

Quanto à forma, os dois sintagmas foram avaliados quanto à classe gramatical do núcleo e o número. Quanto ao sentido do SN1, foi avaliada apenas uma variável, a definitude. Quanto ao sentido do SN2, foram avaliadas a definitude, o grau de animacidade, o estatuto informacional e o grau de saliência cognitiva ou individuação⁵⁵. Ressaltamos que o Quadro 4 focaliza apenas a categoria mais frequente em cada caso. Não se trata, portanto, de uma descrição de todos os casos, mas apenas dos mais frequentes, segundo os dados.

Quadro 4 – Propriedades prototípicas das construções partitivas, conforme o sentido da construção

sentido da construção				EXTR	QUAN	TOT	DQUA	TIPO
SN1	Forma	Classe	S					
			A					
			PI					
	Número	ing.						
		pl.						
	Sentido	definitude	def.					
			ind.					
SN2	Forma	Classe	S					
			A					
			PD					
	Número	ing.						
		pl.						

⁵⁵ O SN2 recebeu mais avaliações por ser comum a todas as ocorrências.

Sentido	definitude	def.					
		ind.					
	animacid.	hum.					
		con.					
		abst.					
	saliência	sal.	2	1/2	1	2/3	2
	est. inform.	Novo					
		Dado					
		infer.					

Fonte: o autor

Legenda: EXTR = extração; QUAN = quantidade; TOT = totalidade; DQUA = destaque qualitativo.

As construções que apresentam sentido de extração caracterizam-se por apresentar no sintagma nominal que representa o subconjunto, ou seja, o trajector, um núcleo substantivo singular indefinido e no sintagma nominal que representa o conjunto, o marco, um substantivo plural, definido, inanimado concreto, com estatuto informacional dado, ou seja, um referente que é facilmente acessível, seja por ter sido mencionado no contexto, por estar presente na situação comunicativa ou por fazer parte da memória cultural. Do ponto de vista da individuação ou saliência cognitiva, o SN2 tem grau baixo, como nos demais casos.

Quando o sentido da construção é quantidade, o SN1 se comporta de modo semelhante ao SN1 do sentido de extração. A diferença ocorre no SN2, cujo núcleo embora também seja um substantivo e inanimado concreto, apresenta-se no singular, é indefinido e tem estatuto informacional novo. Sua saliência fica entre 1 e 2, podendo, portanto, ser um pouco menos saliente que o tipo anterior.

Quando o sentido é totalidade, o SN1 da construção se diferencia dos anteriores em muitos aspectos, o que faz dessa construção um subtipo bem individualizado. Seu núcleo é representado por um pronome indefinido singular. O SN2 tem núcleo representado por um adjetivo substantivado de valor geral indefinido, no singular, indicando uma entidade inanimada abstrata com saliência 1 e estatuto novo.

O sentido da construção destaque qualitativo pode ter como núcleo do SN1 um substantivo ou um adjetivo singular, definido, o que afasta a construção de todas as outras, cujo SN1 é indefinido. A construção também se afasta das demais por apresentar a possibilidade de

conter no SN2 um substantivo que representa entidades humanas, para além de inanimados concretos. Quanto ao estatuto informacional, seu SN2 compartilha com o SN2 da construção de sentido de extração o estatuto dado. O SN2 dessa construção é o que apresenta maior saliência cognitiva, pois fica entre os graus 2 e 3.

Quando o sentido da construção é especificação de tipo, seu SN1 se comporta como o SN1 da construção com sentido de extração: núcleo substantivo, singular, indefinido. Seu SN2 compartilha com o SN2 da construção com sentido de extração o ser plural, definido, inanimado concreto e ter saliência 2. Diferencia-se por ter como núcleo um pronome demonstrativo de estatuto inferível.

Considerando os resultados gerais, quanto à forma e ao sentido dos sintagmas, com os resultados referentes ao sentido, podemos estabelecer uma hierarquia de partitividade, atribuindo-se a cada traço geral do SN1 e do SN2 um ponto:

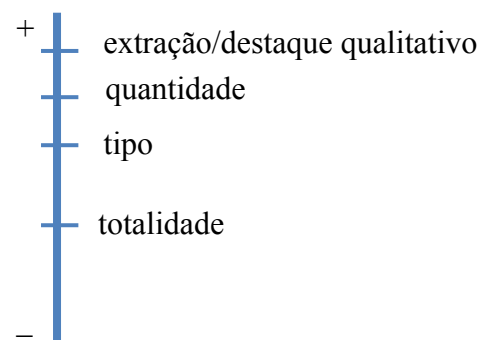
- Propriedades gerais do SN1: substantivo, singular, indefinido: varia de 0 a 3 pontos;
- Propriedades gerais do SN2: substantivo, singular, definido, inanimado, dado: varia de 0 a 5 pontos.

Atribuindo-se pontos dessa maneira, tem-se:

- Extração: SN1 = 3 pontos; SN2 = 4 pontos. Total = 7 pontos
- Quantidade: SN1 = 3 pontos; SN2 = 3 pontos. Total = 6 pontos
- Totalidade: SN1 = 2 pontos; SN2 = 1 ponto. Total = 3 pontos
- Destaque qualitativo: SN1 = 2 pontos; SN2 = 5 traços. Total = 7 pontos;
- Tipo: SN1 = 3 pontos; SN2 = 2 pontos. Total = 5 pontos.

Ordenando-se em termos de traços gerais apresentados, tem-se a escala apresentada abaixo, na Figura 9.

Figura 9 – Escala de partitividade



Fonte: o autor.

Essa escala não condiz, plenamente, com a tipologia de Falco e Zamparelli (2019), que adaptamos ao português. A partitiva canônica é a que mais se aproxima do proposto, pois expressa sentido de extração e se manifesta com SN1 indefinido e SN2 definido, o afastamento dá-se em relação ao núcleo do SN, que na proposta é um pronome indefinido ou numeral, e nos dados é um substantivo. O tipo *totalizante*, relativo ao sentido de totalidade, é, na tipologia proposta o mais flexível dos tipos, pois admite como núcleo do SN1 todas as classes previstas para esse termo, exceto adjetivo, e no SN2, também podem figurar muitas classes, exceto pronome indefinido e pronome pessoal. Quanto ao caráter definido ou indefinido dos dois sintagmas, a totalizante apresenta a mesma flexibilidade. Pouco caracterizada, constitui a construção mais afastada do protótipo.

Essas considerações revelam a complexidade de classificação das construções partitivas, que formalmente podem apresentar diversos padrões construcionais e semanticamente formam uma rede de sentidos relacionados entre si por extensão. A tipologia proposta e a escala aqui apresentada representam uma tentativa de sistematizar a categoria em língua portuguesa que fica a merecer maior refinamento.

7 CONCLUSÃO

Com o fim de investigar como se caracterizam formal, semântica e discursivo-pragmaticamente as construções partitivas em português, empreendemos um estudo que se iniciou por uma ampla pesquisa sobre a abordagem do tema na literatura e culminou com a análise de 690 ocorrências de construções partitivas no português contemporâneo.

De início, julgávamos ser fenômeno de alta produtividade em discursos menos monitorados e pensamos em restringir nosso estudo às chamadas partitivas adverbiais, ou seja, as que se incluem no esquema: [V de SN], como em exemplos bastante citados na tradição como representante de construção partitiva em português *comeu do bolo, bebeu da água*. A coleta desse tipo de construção partitiva, no D&G, *corpus* de 32.023 palavras, de variados gêneros, tanto orais como escritos, resultou surpreendentemente em apenas 4 ocorrências, equivalente a 0,012% do total do *corpus*, o que indica um fenômeno raro, condizente com a alegação de gramáticos tradicionais, como Bechara (2009), segundo o qual essa construção, inclusa como um subtipo de construção de objeto direto preposicionado, estaria banida do português e permanece restrita a verbos de consumo.

Julgando que a baixa frequência poderia dever-se ao *corpus* em si, fez-se uma pesquisa do mesmo tipo de construção em um *corpus* de 10 mil tweets de 2018, previamente selecionados por meio de um código Python que retirou, de uma base de 35 mil tweets, apenas as que continham ocorrências com um dos termos: *de, do(s), da(s), dele(s), dela(s), deste(s), desta(s), disto, desse(s), dessa(s), disso, daquele(s), daquela(s), daquilo* e que consistia em um total de 142.541 palavras. A coleta manual das ocorrências de partitivas adverbiais desse *corpus* de mais de 140 mil palavras resultou em apenas 57 ocorrências, uma frequência de 0,039%, apenas ligeiramente maior que a frequência de partitivas adverbiais no *corpus* D&G.

A baixa frequência de ocorrência das adverbiais levou-nos a ajustar a pesquisa de modo a incluir as chamadas partitivas adnominais. Por partitiva adnominal (Carlier; Lemiroy, 2014), reiteramos, referimo-nos a um tipo de construção partitiva formada por dois SN, em que um é quantificador e outro é restritor, que instanciam o esquema [SN_{quan} de SN_{rest}], como em *onde arranjam bruxas dessas?* (CPXXI-Oc.77). Contrariamente às adverbiais, a partitiva adnominal mostrou-se relativamente comum. Sua frequência no D&G alcançou 0,32%, consideravelmente maior que a das adverbiais. No *corpus* dos tweets, a frequência de partitivas adnominais foi de 0,44%.

Segundo Seržant (2021b), os variados tipos de partitivas desenvolveram-se gradualmente conforme o *cline* apresentado em (211), adaptado de Seržant (2021b, p.140).

(211) (i) [SN1] adposição [SN2] > (ii) adposição [SN1] > (iii) determinante [SN] > (iv) \emptyset [SN]

O autor observa que o desenvolvimento do tipo (i), ou seja, das adnominais, para o tipo (ii) envolve a emergência das chamadas partitivas generalizadas, em que o quantificador é generalizado como *some* "algum" ou *any* "qualquer" e, então, deixado de fora, não expresso, como ocorre nas partitivas adverbiais. A julgar por esse desenvolvimento, pode-se, portanto, atribuir a baixa frequência de adverbiais no português contemporâneo ou a um desenvolvimento recente que pode ainda vir a se tornar mais frequente, ou a uma tendência que foi abandonada na história do português recente, em favor do tipo (i), como em *um monte de pessoas*. De todo modo, do desenvolvimento proposto em (212), o português contemporâneo mantém as estratégias (i) e (ii) como construções de valor partitivo.

Apesar das diferenças em termos de frequência, procedemos a uma análise geral dos dois tipos de partitivas. Nessa análise, buscamos resposta às seguintes questões de pesquisa, que retomamos a seguir:

- a) Como se caracterizam semântica, pragmática e formalmente os sintagmas nominais da construção partitiva em português?
- c) Que propriedade semântica do verbo favorece a ocorrência de construção partitiva adverbial em português?
- d) Como se distribuem semanticamente as construções partitivas?

Os dados mostram que a partitividade se manifesta em português, predominantemente, por construções adnominais (91,7% - 633/690), cujo SN1 é predominantemente um substantivo singular indefinido e SN2 é um substantivo singular definido que representa uma entidade inanimada e evocada.

Quanto aos verbos que favorecem a construção partitiva em português predominam verbos de processo relacional, com 57,9% (33/57) e, em segundo lugar, processos mentais com 26,32% (15/57). Tal resultado das adverbiais não condiz com a reconhecida relação entre adverbiais e verbos de consumo, como discutido na literatura. Seržant (2021b), por exemplo, comenta que, nas línguas indo-europeias antigas, como o grego clássico e o sânscrito, a construção partitiva generalizada (em que se incluem as adverbiais) são registradas de forma mais frequente com verbos de consumo. Também Carlier e Lamiroy (2014) observam que o uso partitivo de *de* nas línguas românicas no final da idade média se espalhou primeiramente para objetos de verbos de consumo como *comer* e *beber*. Seriam, para Seržant (2021b), esses

verbos de consumo que persistiriam por mais tempo sendo usados em partitivas generalizadas, quando a categoria está sendo gradualmente perdida na língua. Como vimos, Bechara (2009) faz essa consideração ao tratar brevemente do tema em português e Carlier e Lamiroy (2014) observam o mesmo fenômeno em espanhol, que estaria perdendo o uso partitivo de *del* encontrado no espanhol antigo. A razão para isso seria a tendência muito frequente de haver a demção do objeto desses verbos, ou seja, uma baixa transitividade. A julgar pela tendência observada translinguisticamente de verbos de consumo serem usados com objeto de valor partitivo, esperava-se maior frequência de processos materiais nas partitivas adverbiais em português.

Para avaliar como se distribuem semanticamente as construções partitivas em português, propusemos, baseados na literatura e na observação dos dados, cinco possibilidades: extração, quantidade, totalidade, destaque qualitativo e tipo. O sentido mais frequente é o de extração, com 58,26% (402/690) das ocorrências, o que novamente condiz com a literatura que estabelece a relação parte/todo como o sentido partitivas canônicas. Todavia, houve um índice relativamente alto de construções com sentido de totalidade (15,22% - 105/690) e de quantidade (14,49% - 100/690), que juntos somam quase 30% das ocorrências.

Com base nesses resultados, baseados em Taylor (1995), construímos uma escala das construções partitivas em português, em que dispomos elementos mais centrais e outros marginais. A escala apresenta as construções com sentido de extração e de destaque qualitativo como as mais centrais, uma vez que possuem o maior número de atributos predominantes no SN1 e no SN2. A construção com sentido de extração, embora compartilhe esse valor semântico com a partitiva canônica da tipologia de Falco e Zamparelli (2019), diverge por ter SN1 representado por substantivo indefinido e não por numeral ou pronome como na proposta dos autores. A construção com sentido de destaque qualitativo, que apresentou o mesmo número de atributos da construção com sentido de extração, é um subtipo marginal na tipologia dos autores, a partitiva superlativa. Como a própria designação revela, uma construção com sentido de destaque qualitativo ou partitiva superlativa, na nomenclatura de Falco e Zamparalli (2019), significa também uma ideia de extração: de um dado conjunto, se destaca qualitativamente um elemento, o que pode justificar seu relevo.

Nos dados, a construção mais afastada do protótipo foi a que apresenta sentido de totalidade, com apenas 3 dos 8 atributos que caracterizam o protótipo. Uma vez que o sentido de totalidade esmaece o valor de parte, central na partitiva canônica, há uma congruência entre forma e sentido que justifica estar a construção partitiva com sentido de totalidade mais afastada do centro da categoria. Situam-se como intermediárias, as construções com sentido de

quantidade e de tipo. As primeiras constituem exemplo do que a literatura chama de *pseudopartitivas*, argumentando que lhes falta o valor da relação parte/todo e que expressam apenas quantidade. Incorporando-as, por reconhecer que, embora foquem mais na quantidade, não deixam de expressar também uma relação de parte/todo, representariam membros menos prototípicos, ligados à noção de partitividade por extensão (Langacker, 2008). Do mesmo modo, as construções com sentido de especificação de tipo também representam extensões do valor partitivo, em que a ideia de extração dá lugar à noção de especificação de um todo genérico. Não se trata exatamente de extrair um elemento ou uma parte de algo, mas de referir-se a uma entidade como parte de um todo genérico e virtual. A noção parece ser, portanto, de inclusão e não extração, como em: *sou dessas que só fazem o que querem*. Diferentemente da típica adverbial *não comi do teu costelão*, em que há uma parte indefinida do todo *costelão* ("não comi [pedaço] do teu costelão"), no trecho da canção e em outros similares que expressam especificação de tipo, a parte é definida pela predicação: *eu sou [um exemplar] dessas mulheres* = "eu me incluo nesse grupo de mulheres que só dizem sim". Assim, a escala proposta é condizente tanto com os atributos formais e semânticos dos elementos das construções, como com o sentido que apresentam: quanto mais apresentam sentido de extração mais prototípicas e quanto mais se afastam desse sentido, mais marginais.

Esta pesquisa representa uma contribuição para o estudo das construções partitivas no português contemporâneo, um fenômeno praticamente inexplorado nas descrições linguísticas do português, ao oferecer evidências de dados reais para uma caracterização formal e semântico-pragmática das construções partitivas no português do século XXI. Todavia, algumas questões que emergiram da análise foram deixadas de lado e podem ser exploradas em trabalhos futuros. Uma delas diz respeito ao papel do gênero textual ou registros no favorecimento do uso de partitivas. A baixa frequência de partitivas adverbiais, cujos exemplos ilustrativos são tão facilmente encontrados em letras de canções populares e no falar cotidiano, aponta para a necessidade de um estudo que explore esse tipo de construção em outros gêneros não testados aqui. Uma hipótese a ser avaliada é que gêneros conversacionais favorecem o emprego das partitivas, considerando o centro dêitico da situação comunicativa dialogada, que leva os falantes a falarem de si, de suas atitudes, características e sentimentos. Outra questão que ficou por ser estudada e pode ser explorada em pesquisas futuras é uma comparação do uso de adverbiais e adnominais em diferentes sincronias do português, por exemplo, século XVIII, XIX e XX. Retroceder no tempo pode lançar luzes sobre a baixa frequência das adverbiais em relação às adnominais, além de servir para testar a tendência de desenvolvimento proposto por Seržant (2021b). Outra questão a ser explorada diz respeito a construções com valor partitivo

formadas por verbo no infinitivo, a fim de avaliar até que ponto podem ser consideradas partitivas adnominais ou se se trata de um novo padrão emergindo em português.

Este trabalho, por fim, longe de esgotar o tema da expressão da partitividade em português, serviu para incitar novas pesquisas que testem os resultados encontrados em corpus mais variado e mais extenso.

REFERÊNCIAS

- AZEREDO, J. C. de. **Gramática houaiss da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BEBERFALL, Lester. **A history of the partitive indefinite construction in the Spanish language**. 1952. Tese (Doctor of Philosophy). Universidade de Michigan: Ann Arbor, 1952.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Unidades complexas do léxico. In: RIO-TORTO, Graça; FIGUEIREDO, Olívia Maria; SILVA, Fátima. (orgs.). **Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela**. 1ª ed. Porto, Portugal: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, v. II, p. 747-757.
- BORBA, Francisco da Silva. Empregos ibéricos da preposição de. **Alfa: revista de linguística**. Marília, v. 7, p. 8, p.173-198, 1965.
- BROWN, Keith; MILLER, Jim. **The Cambridge Dictionary of Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2020.
- CHAFE, Wallace L. **Significado e estrutura linguística**. Tradução de Maria Helena de Moura Neves, Odette Gertrudes Luiza Altmann de Souza Campos e Sonia Veasey Rodrigues. Rio de Janeiro/São Paulo: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1979.
- CHIERCHIA, Gennaro. Partitives, reference to kinds and semantic variation. In: **Semantics and linguistic theory**. 1997, p. 73-98.
- CUNHA, P. **Possessivos de terceira pessoa na língua portuguesa dos séculos XIII e XIV**. 2007. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2007.
- DOBROVIE-SORIN, Carmen; DE OLIVEIRA, Roberta Pires. Reference to kinds in Brazilian Portuguese: Definite singulars vs. bare singulars. In: **Proceedings of sinn und bedeutung**. 2008. p. 107-121.
- EVANS, V. The Cognitive Linguistics Enterprise: An Overview. In: EVANS, V.; BERGAN, b. ZINKEN, J. (Org.) **The cognitive linguistics reader**. London: Equinox, 2007, p. 263-266.
- FALCO, Michelangelo; ZAMPARELLI, Roberto. Partitives and partitivity. **Glossa: a journal of general linguistics**. London, v.4, n.1, p.1-49, 2019.

GIUSTI, Giuliana. Partitivity in Italian. A protocol approach to a multifaceted phenomenon. In: SLEEMAN, Petra; GIUSTI, Giuliana. **Partitive determiners, partitive pronouns and partitive case**. Berlin: de Gruyter Mouton, 2021. p. 33-76.

GIUSTI, Giuliana; SLEEMAN, Petra;.Introduction: Partitive elements in the languages of Europe. An advancement in the understanding of a multifaceted phenomenon. In: SLEEMAN, Petra; GIUSTI, Giuliana. **Partitive determiners, partitive pronouns and partitive case**. Berlin: de Gruyter Mouton, 2021. p. 1-32.

GIVÓN, T. Iconicity, isomorphism and non-arbitrary coding in syntax. In: HAIMAN, J. (ed). **Iconicity in Syntax**. Amsterdam:Benjamins, 1985, p. 187-219.

GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Philadelphia, J. Benjamins, 1995.

GIVÓN, T. **Syntax: an introduction**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. 2001.

GIVÓN, I. **Context as other minds: the pragmatics of sociality, cognition and communication**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. 2005.

GRIMM, Scott. Grammatical number and the scale of individuation. **Language**, vol. 94, no. 3, 2018, pp. 527–74. JSTOR, <http://www.jstor.org/stable/26630371>. Accessed 8 Nov. 2025.

GÜNTHER, C. **The Elliptical Noun Phrase in English: Structure and Use**. New York & London: Routledge, 2013.

HALLIDAY, M.A.K. **An introduction to functional grammar**. London: Hodder Arnold., 2004.

HEUSINGER, Klaus von; KORNFILT, Jaklin. Turkish partitive constructions and (non-exhaustivity). In: SLEEMAN, Petra; GIUSTI, Giuliana. **Partitive determiners, partitive pronouns and partitive case**. Berlin: de Gruyter Mouton, 2021. p. 263-294.

HOEKSEMA, Jacob. **Partitives: Studies on the Syntax and Semantics of the Partitive and Related Constructions**. Berlin: De Gruyter Mouton, 1996.

HOOP, H. de. Partitivity. In: CHENG, L.; SYBESMA, R. (Ed). **The Second Glot International State-of-the-Article Book: The Latest in Linguistics**. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton. 2003, p. 179-212 (Coleção Studies in Generative Grammar, v.61).

HOPPER, P. Emergent grammar. In: **Proceedings of the Thirteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**, 1987, pp. 139-157.

HOPPER, P. e THOMPSON, S. Transitivity in grammar and discourse. **Language**, vol. 56. Baltimore, 1980.

HUUMO, Tuomas. Layers of (un)boundedness: The aspectual–quantificational interplay of quantifiers and partitive case in Finnish object arguments. **Linguistics**, Berlin, v. 58, n. 3, p. 905–936, 2020.

IHSANE, Tabea. Telicity, specificity, and complements with a “partitive article” in French. In: IHSANE, Tabea. **Disentangling bare nouns and nominals introduced by a partitive article**. Leida: Brill, 2020. p. 227-261.

IHSANE, Tabea; STARK, Elisabeth. Introduction: Shades of partitivity: Formal and areal properties. **Linguistics**. Berlin, v. 58, n. 3, p. 605-619, 2020.

IONIN, Tania; MATUSHANSKY, Ora; RUYS, Eddy G. Parts of speech: Toward a unified semantics for partitives. In: NORTH EAST LINGUISTICS SOCIETY, 36, 2006, Amhers, **Proceedings [...]**. Amhers: University of Massachusetts, 2006. p. 357-370.

JACKENDOFF, R. **X' Syntax: A Study of Phrase Structure**. Linguistic Inquiry Monograph Two. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1977.

KLEIN, Maarten. De interne structuur van partitieve constructies. **Spektator**. Tijdschrift voor Neerlandistiek Amsterdam, Amsterdam, v. 10, n. 5, p. 295-309, 1980.

LADUSAW, William. Semantic Constraints on the English Partitive Construction. In: WEST COAST CONFERENCE ON FORMAL LINGUISTICS 1. **Proceedings of the West Coast Conference on Formal Linguistics 1**, 231-242. Stanford: CSLI, 1982.

LAKOFF, George. JOHNSON, Mark; **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago press, 1980.

CARRIER, Anne; LAMIROY, Béatrice. The grammaticalization of the prepositional partitive in Romance. In: LURAGHI, S. & HUUMO T. **Partitive Cases and Related Categories**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2014, p. 477-518.

CERQUEIRA, Mirian Santos de. **Operação Agree e construções partitivas no português brasileiro e no português europeu**. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2009.

LANGACKER, R. W. **Foundations of cognitive grammar**. Descriptive application. Stanford/California: Stanford University Press, 1991.

LANGACKER, R. **Grammar and conceptualization**. Nova Iorque: De Gruyter, 1999.

LANGACKER, R. **Cognitive grammar: A Basic Introduction**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2008.

LANGACKER, R. **Ten Lectures on the Elaboration of Cognitive Grammar**. [s.l.] BRILL, 2017.

LEAL, Maria Auxiliadora da Fonseca. **Complementos Preposicionados no Sintagma Verbal Português: uma abordagem sincrônica e diacrônica**. 1992. 175 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1992. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD_9D7FMP/1/dissertacao_mariaauxiliadoradafonseca.pdf. Acesso em: 18 mai. 2023.

LIMA, Maria Claudete. **A não-atribuição de causalidade na crônica geral de Espanha de 1344**. Tese (Doutorado em Linguística) - Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009

LURAGHI, Silvia; KITTLÄ, Seppo. Typology and diachrony of partitive case markers. In: LURAGHI, Silvia; HUUMO, Tuomas. **Partitive cases and related categories**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2014. p. 17-62

MACAMBIRA, J. R. Estrutura morfo-sintática do português. São Paulo: Pioneira, 1982.

METSLANG, Helena. Partitive noun phrases in the Estonian core argument system. In: LURAGHI, Silvia; HUUMO, Tuomas. **Partitive Cases and Related Categories**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2014, p. 177-255.

NASCENTES, A. **Método Prático de Análise Lógica**. 15. ed. Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo LTDA., 1949. Disponível em: <http://biblioteca.in.gov.br/documents/20127/0/Método+Prático+de+Análise+Lógica+-+Antenoz+Nascentes-1949.pdf/88d3d600-199a-09cb-0cf8-a8d47f289c11?version=1.0&t=1595504908700&download=true>. Acesso em 21 mai. 2023.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

PAYKIN, Katia. The Russian Partitive and Verbal Aspect. In: LURAGHI, Silvia; HUUMO, Tuomas. **Partitive Cases and Related Categories**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2014. p. 379-397.

PESTANA, F. **A gramática para concursos públicos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

PRADO, Maristela dos Santos. Partitivos e Pseudopartitivos do Português. **Revista Estudos Linguísticos**. Campinas, v 30, n.1, p.1-7, 2001.

PRINCE, H. Toward a taxonomy of given-new information. In: COLE, P (Ed) **Radical Pragmatics**. New York Academic Press, 1981 p 223-55.

PRINCE, H. PRINCE, Ellen F. The ZPG letter: Subjects, definiteness, and information-status. In: THOMPSON, S.; WILLIAM, M. (Ed.) **Discourse description: Diverse linguistic analyses of a fund-raising text**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1992, p. 295-326.

RADDEN, G.; RENÉ DIRVEN. **Cognitive English Grammar**. [s.l.] John Benjamins Publishing Company, 2007.

RAVIZZA, P. J. **Gramática Latina**. 9. ed. Niterói: Escolas Profissionais Salesianas, [s.d.].

RIOS DE OLIVEIRA, Mariângela; VOTRE, Sebastião. (Coord.). **A língua falada e escrita na cidade de Rio Grande**: materiais para seu estudo. Impresso, 1996. Disponível em: <https://discursoegramatica.wordpress.com/corpus/>.

SANTOS, L. W.; CAVALCANTE, M. Referenciação: continuum anáfora-déixis. **Revista Intersecções**, São Paulo, v. 12, n. 1, P. 224-246, Mai. 2014. Disponível em:

http://www.portal.anchieta.br/revistas-e-livros/interseccoes/pdf/interseccoes_ano_7_numero_1.pdf. Acesso em 24 de outubro de 2025.

SANTOS, P. **Epistemologia Cognitiva para o Uso de Preposições** – o caso da preposição de. 181 f. Tese (Doutorado) - Linguística, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/server/api/core/bitstreams/744c263a-afd6-4846-8d53-bb799133da20/content>. Acesso em 2 out. 2024.

SCHURR, Hagay. Bound to be? Bare and partitive-marked noun phrases in Romance languages and the emergence of prominence-conditioned patterns. In: IHSANE, Tabea. **Disentangling bare nouns and nominals introduced by a partitive article**. Leida: Brill, 2020. p. 54-104.

SELKIRK, E. Some remarks on noun phrase structure. In: CULICOVER et alii. (eds.) **Formal Syntax**. New York: Academic Press, 1977.

SERŽANT, Ilja A. The Independent Partitive as an Eastern Circum-Baltic isogloss. **Journal Of Language Contact**, [S.L.], v. 8, n. 2, p. 341-418, 27 fev. 2015. Brill. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1163/19552629-00802006>.

SERŽANT, Ilja A. Typology of partitives. **Linguistics**, Berlin, v. 59, n. 4, p. 881-947, 2021a. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/ling-2020-0251/html>. Acesso em: 12 set. 2022.

SERŽANT, Ilja A. Diachronic typology of partitives. In: SLEEMAN, Petra; GIUSTI, Giuliana. **Partitive Determiners, Partitive Pronouns and Partitive Case**. Berlin, Boston: De Gruyter, 2021b.

SILVA, Cláudia Roberta Tavares; SIBALDO, Marcelo Amorim. Por uma rediscussão da noção de partitividade em construções inacusativas do português: uma análise sintático-semântica do DP pós-verbal. **Signótica**. Goiânia, v.23, n.2, p.285-302, jul/dez, 2011.

SLEEMAN, Petra; IHSANE, Tabea. Convergence and divergence in the expression of partitivity in French, Dutch, and German. **Linguistics**, v. 58, n. 3, p. 767-804, 2020.

SLEEMAN, Petra; IHSANE, Tabea. Accepted. The L2 acquisition of the quantitative pronoun in French by L1 speakers of German and the role of the L1. **Partitive determiners, partitive pronouns and partitive case**. Berlin: de Gruyter Mouton, 2021, p. 205-236.

TALMY, L. Grammatical construal; the relation of grammar to cognition. In: GEERAERTS (org.). **Cognitive Linguistics**. Basic Readings. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.

TAMM, Anne. The partitive concept versus linguistic partitives: from abstract concepts to evidentiality in the Uralic languages. **Partitive cases and related categories**, Berlin: De Gruyter Mouton, 2014, p. 89-152.

TAYLOR, J. R. **Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory**. Oxford: Clarendon Press, 1995.

TRAUGOTT, E. C. TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. London, Oxford, 2013.

TRAVAGLIA, L.C. **O aspecto verbal no português**: a categoria e sua expressão [online]. 5th ed. Uberlândia: EDUFU, 2016. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/jm3g9/pdf/travaglia-9786558240143.pdf>. Acesso em 10 jan. 2026.

YOUSIF, Nada Aziz. The syntactic and semantic manifestations of the determiner phrase (DP). In: **Alustath Journal For Human And Social Sciences**, Bagdá, n. 87, p. 1–14, jun. 2009. Disponível em: <https://repository.uobaghdad.edu.iq/file/publication/pdf/68d939f3-0c12-4743-a827-6cea9bd61c6b.pdf>. Acesso em: 10 set. 2025.